



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE TEATRO**

**WALISSON BISPO DO ESPIRITO SANTO**

**OS ENCONTROS E DESENCONTROS DA VIDA – DA  
AUTOBIOGRAFIA COMO SER BRINCANTE AO PROCESSO  
FORMATIVO COMO PROFESSOR-ARTISTA DE TEATRO**

São Cristóvão  
2019

WALISSON BISPO DO ESPIRITO SANTO

**OS ENCONTROS E DESENCONTROS DA VIDA – DA  
AUTOBIOGRAFIA COMO SER BRINCANTE AO PROCESSO  
FORMATIVO COMO PROFESSOR-ARTISTA DE TEATRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de  
Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe  
como pré-requisito para a obtenção do Título de Professor de  
Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Micael Carmo Côrtes Gomes.

São Cristóvão  
2019

**OS ENCONTROS E DESENCONTROS DA VIDA – DA AUTOBIOGRAFIA  
COMO SER BRINCANTE AO PROCESSO FORMATIVO COMO PROFESSOR-  
ARTISTA DE TEATRO**

Monografia apresentada ao Departamento de Teatro da Universidade Federal de Sergipe **como requisito parcial de avaliação** para obtenção do título de Licenciado em Teatro, sob orientação do Prof. Dr. Micael Carmo Côrtes Gomes, aprovada pela seguinte banca examinadora.

---

PROF. DR. Prof. Dr. MICAEL CARMO CÔRTEZ GOMES (ORIENTADOR)  
Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Teatro

---

PROF. DR. JOSÉ ROBERTO SANTOS SAMPAIO  
Universidade Federal Recôncavo Baiano - Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologia

1º Examinador

---

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MÁRCIA CRISTINA BALTAZAR  
Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Teatro

2º Examinador

A Deus, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, dedico.

A meus pais, que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, dedico.

A todos professores que passaram pela minha formação, dedico.

A Maria Isabel, que me introduziu no universo teatral, dedico este trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, venho agradecer a Deus e às forças que regem o Universo, por nos momentos mais difíceis sempre me mostrarem uma luz no fim do túnel. Não sendo necessariamente pretensioso, agradeço a mim, por ter vivenciado e construído muitos aprendizados ao longo da vida.

Ao meu pai Eraldo de Jesus do Espírito Santo e, principalmente, a minha mãe (rainha) Lindinalva Bispo dos Santos, por todo o apoio e incentivos ofertados a mim durante toda minha vida. A mulher guerreira e batalhadora que não opinou na escolha da minha graduação, mas apenas disse: “Vá em frente, meu filho, o mundo é seu!”

Aos meus irmãos David Bispo e José Felipe, pela irmandade. E a todos os familiares que me ajudaram de certo modo, desde questões financeiras até uma palavra de estímulo.

Agradeço a todos os meus professores desde a minha inserção no ensino primário, fundamental menor, fundamental maior e ensino médio, nas escolas municipais: José Benício, José Barbosa, Professora Ivanilde e José Fonseca Lima. Escolas essas que me fizeram tornar um grande homem hoje. Além dessas escolas, agradeço a um programa do qual tive o privilégio de fazer parte por longos anos: Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), que faz parte da Política Nacional de Assistência Social e passa por um redesenho para atender melhor às necessidades das crianças e adolescentes.

Partindo desses pilares, gostaria muito de agradecer à pessoa de Maria Isabel Andrade de Almeida Santos. Foi por conta dessa professora incrível que descobri o universo da interpretação teatral por meio do Momento Literário, carinhosamente apelidado de SARAU. Como dizem em contexto teatral: você é a minha madrinha nesse universo artístico, a pessoa que me iniciou nessa área, mostrando as suas interfaces.

Aos amigos que obtive ao longo desses encontros e desencontros da vida: a turma “Os potentes” do Fonseca, especialmente, Amanda, Claudia, Guilherme, Juciaria, Raniella, Rodrigo, Rubens, Suellen; parceiros de cenas durante os momentos literários. E ao parceiro John Lenon, pelas palavras de conforto.

No universo acadêmico, venho congratular a todos os mestres que contribuíram com minha formação pedagógica, em especial, Alexandra Dumas, Gerson Praxedes Lourdisnete Benevides, Marcia Baltazar, Roberto Laplagne e Urania Maia.

À turma de 2013.1, venho agradecer a todos, sem qualquer exceção.

Ao longo da minha trajetória acadêmica conheci várias pessoas importantes, as quais venho destacar e lhes agradecer: David Alan, Izabel Neta, Taynara Silva, Aldaci Alves, Jessica Lorrani, Carol Reis, Edgar Bernardo. E aos grandes: Samuel de Matos, Thiago Cardoso, Tihago Santana, Romário Portugal, Roberto Fernandes e Luany Santos, pelos conselhos e suporte que sempre me deram.

Quero reconhecer a importância do Partido dos Trabalhadores (PT) na construção desse país, especialmente, nos nomes do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da ex-presidenta Dilma Vana Rousseff; graças aos seus governos eu pude ter o suporte universitário, sem o qual seria impossível, caso não houvesse oportunidades de o pobre adentrar nas Universidades Federais. Além da Universidade, fui contemplado com o Programa de Residência Universitária (a famosa república), onde aprendi a conviver com pessoas desconhecidas em prol dos estudos. Repúblicas essas localizadas nas cidades de Laranjeiras e São Cristóvão (M-02 e M-12). E sem deixar de comentar sobre todo o investimento do governo federal através dos auxílios estudantis e das bolsas de iniciação à docência e extensão, as quais recebi durante o curso da graduação. Agradeço aos meus colegas e amigos das repúblicas universitárias nas quais morei e fui abrigado durante esses longos anos.

Não poderia deixar de falar em todos filhos-sobrinhos que ganhei até então lecionando no meu ofício como professor durante oficinas, minicursos, cursos, escolas e instituições por que passei durante a minha formação.

Por fim, quero agradecer de forma carinhosa ao meu orientador, professor e doutor, Micael Côrtes, por todo o afeto, tempo e compreensão, embarcando nesse trabalho de conclusão de curso junto a mim.

*“A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, ria, dance, chore e viva intensamente cada momento de sua vida, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos”*

*(Charlie Chaplin)*

## **RESUMO**

Este trabalho objetiva narrar a trajetória da minha vida através dos encontros e desencontros perante à sociedade até a formação como professor-artista de teatro. Por meio da Pesquisa do Método (Auto)biográfico (CHIZZOTTI, 2008), apresento “Quatro Ciclos” de vida a partir de memórias, buscando mostrar a você, leitor/a, várias situações vividas, apresentando o ensino e a aprendizagem de forma lúdica e consciente do ser brincante, até chegar ao universo da formação acadêmica como professor de teatro. Os procedimentos utilizados na tessitura destas linhas são fontes documentais (fotografias, e-mails) e relatos pessoais. Nesse sentido, busco compreender em que medida minhas vivências familiares, pessoais, estudantis, artísticas e profissionais influenciaram em minha formação como pessoa, como artista, como professor-artista de teatro e, acima de tudo, como “ser brincante” no teatro da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autobiografia, Processo Formativo em Teatro, Professor-Artista, Ser brincante.



## **ABSTRACT**

This work aims to narrate the trajectory of my life through encounters and disagreements with society until the formation as a teacher-artist of theater. Through the (Auto) Biographical Method Research (CHIZZOTTI, 2008), I present “Four Cycles” of life from memories, seeking to show you, the reader, various lived situations, presenting the teaching and learning in a playful way. and conscious of being playful, until reaching the universe of academic formation as a teacher of theater. The procedures used in weaving these lines are documentary sources (photographs, e-mails) and personal reports. In this sense, I seek to understand the extent to which my family, personal, student, artistic and professional experiences influenced my formation as a person, as an artist, as a teacher-artist of theater and, above all, as a “being playful” in the theater of life.

**KEYWORDS:** Autobiography, Formative Process in Theater, Teacher-Artist, Being playful.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Meu nascimento .....	15
Figura 2 - Vestido para o desfile cívico .....	18
Figura 3 - Apresentação no Festival de Dança 2007 .....	24
Figura 4 - Eu e minha parceira de dança .....	25
Figura 5 - Festival de Dança 2008 .....	26
Figura 6 - Quadrilha Xique-Xique no Levanta Poeira 2012 .....	32
Figura 7 - Quadrilha Xique-Xique no Levanta Poeira 2013 .....	34
Figura 8 - Eu e minha parceira Rianny .....	34
Figura 9 - Seminário sobre Karl Marx .....	37
Figura 10 - Cena "Quem não tem QI"? .....	38
Figura 11 - Cena "Quero as camisas!" .....	39
Figura 12 - Primeira apresentação de Egiogbe .....	40
Figura 13 - Encenação de casamento em aula de estágio II .....	50
Figura 14 - Quadrilha junina Mandacaru 2016 .....	54
Figura 15 - Resultado do CULTURARTE 2016 .....	57
Figura 16 - Vetores do metatarso e do calcâneo.....	67
Figura 17 - Vetor do púbis .....	70
Figura 18 - Vetor do sacro.....	70
Figura 19 - Sensibilização da coluna e escápula I .....	73
Figura 20 - Sensibilização da coluna e escápula II .....	74
Figura 21 - Vetor das escápulas .....	75
Figura 22 - Vetor dos cotovelos .....	75
Figura 23 - Vetor do metacarpo .....	76
Figura 24 - Vetor da sétima vértebra cervical para dentro .....	78
Figura 25 - Caracol da quadrilha Unidos em Asa Branca 2014 .....	79
Figura 26 - Cartaz do curso de quadrilha junina .....	80
Figura 27 - Inscrições no curso por faixa etária .....	81
Figura 28 - Resultado processo seletivo CULTURARTE/PROPEX/IFS I .....	99
Figura 29 - Resultado processo seletivo CULTURARTE/PROPEX/IFS II .....	100
Figura 30 - Resultado parcial processo seletivo PROPEX/IFS II .....	101
Figura 31 - Recortes de um pano de boca 2018 .....	102
Figura 32 - Fragmentos do vale 2018 .....	103
Figura 33 - A passagem 2018 .....	103
Figura 34 - A passagem - Campus Estância 2018 .....	104
Figura 35 - Oficina de teatro Vira Carranca 2018 .....	105

## SUMÁRIO

<b>“A VIDA É UMA PEÇA DE TEATRO QUE NÃO PERMITE ENSAIOS” – UMA BREVE INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>SEÇÃO 1.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 “FOI ESSE QUE ESTÁ NO DOCUMENTO. O NOME QUE VOCÊ PEDIU PARA REGISTRAR O HOMEM NÃO ACEITOU” - MEU PRIMEIRO CICLO DE VIDA (1996-2003) ... ..</b>	<b>15</b>
<b>1.2 “O SONHO DE TODAS AS CRIANÇAS ERA PEGAR O ÔNIBUS DOS ESTUDANTES E IR ESTUDAR LONGE DE CASA” - MEU SEGUNDO CICLO DE VIDA (2004-2010) ... ..</b>	<b>21</b>
<b>1.3 “ESTE CICLO FOI DECISIVO PARA QUE EU ESTIVESSE HOJE ONDE ESTOU” - MEU TERCEIRO CICLO DE VIDA (2011-2017) ... ..</b>	<b>30</b>
<b>SEÇÃO 2.....</b>	<b>61</b>
<b>A CRIAÇÃO DO MATERIAL ARTÍSTICO-DIDÁTICO ENQUANTO CONTRIBUIÇÃO PARA O ‘PROCESSO DE MONTAGEM DE QUADRILHA JUNINA’ .....</b>	<b>61</b>
<b>MATERIAL DIDÁTICO SOBRE O USO DA TÉCNICA KLAUSS VIANNA NAS AULAS DE QUADRILHA JUNINA .....</b>	<b>64</b>
<b>SESSÃO 3 .....</b>	<b>80</b>
<b>DOS PROCEDIMENTOS À SISTEMATIZAÇÃO E APLICAÇÃO: UMA PRÁTICA ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA NO ÂMBITO EDUCACIONAL. ....</b>	<b>80</b>
<b>3.1 DAS COREOGRAFIAS MARCANTES DO CURSO LIVRE EM QUADRILHA JUNINA. ....</b>	<b>84</b>
<b>3.2 REFLEXÃO SOBRE O CURSO NAS VOZES DOS PARTICIPANTES. ....</b>	<b>85</b>
<b>3.3 RESULTADO FINAL DO CURSO LIVRE DE QUADRILHA JUNINA.....</b>	<b>87</b>
<b>SESSÃO 4 .....</b>	<b>88</b>
<b>ADENTRANDO NO ANO DE 2018 E INICIANDO O MEU QUARTO CICLO DE VIDA ... ..</b>	<b>88</b>
<b>PRODUZIR UMA AUTOBIOGRAFIA NUM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NÃO É, NEM DE LONGE, UMA TAREFA FÁCIL... ALGUMAS PALAVRAS E NADA MAIS!.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO B .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO C .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO D .....</b>	<b>106</b>

## **“A VIDA É UMA PEÇA DE TEATRO QUE NÃO PERMITE ENSAIOS” – UMA BREVE INTRODUÇÃO...**

Ao longo da nossa vida, passamos por vários estágios de idas e vindas através do processo de ensino e aprendizagem. Peço, então, licença a vocês para me apresentar. Chamo-me Walisson Bispo do Espírito Santo, e o estudo aqui apresentado narra a minha trajetória de vida a partir dos meus processos pessoal e formativo. O objetivo geral deste trabalho consiste em produzir uma autobiografia do “ser brincante”<sup>1</sup> no processo da minha formação pessoal, artística e profissional no campo do fazer teatral. Aqui vai um recorte da minha história de vida a partir de vivências pessoais e da minha formação escolar e acadêmica, para fazer-me compreender enquanto ser brincante diante de encontros e desencontros intrínsecos ao ser humano. Por isso, nestas páginas escritas, escolho o uso da primeira pessoa do singular, sem perder o rigor que se exige para um trabalho acadêmico, isto é, os procedimentos teórico-metodológicos.

No percurso deste estudo autobiográfico, eu elaboro a seguinte questão de pesquisa: a apropriação do universo da quadrilha junina como proposta pedagógica prática de um professor-artista de Teatro nos diversos contextos educativos. Assim sendo, os meus objetivos específicos são: i) organizar os ciclos de vida da minha trajetória pessoal e escolar; ii) descrever a minha trajetória como quadrilheiro e artista de Teatro; iii) analisar as contribuições como quadrilheiro para o processo formativo como professor-artista de Teatro. Para tanto, estabeleço o recorte de três momentos da minha trajetória, a saber: os primeiros anos de vida, a trajetória escolar e a inserção como “ser brincante” no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS), entre os anos de 2013 e 2019.

O recorte em três momentos justifica a minha opção metodológica para este estudo: o Método (Auto)biográfico, de Chizzotti (2008). Tal estudioso afirma que, numa história ou relato de vida, o autor “relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto da sua trajetória de vida” (CHIZZOTTI, 2008, p. 95). Para ele, nesse tipo de abordagem, surge um ‘discurso livre de percepções subjetivas’ ou ‘fontes documentais para fundamentar as informações e

---

<sup>1</sup> A concepção de “ser brincante” que eu adoto neste trabalho diz respeito à essência do ser humano que, na trajetória de sua vida, precisa lidar com alegrias e tristezas, momentos bons e ruins, avanços e obstáculos, altos e baixos, aprendendo e reaprendendo sempre, num jogo difuso entre seriedade e ludicidade.

relatos pessoais'. (CHIZZOTTI, 2008).

Nessa direção, sendo este trabalho de cunho autobiográfico, considero necessário um percurso narrativo numa perspectiva micro para tentar compreender a questão de pesquisa de um ponto de vista macro. Pensando em uma estrutura não cartesiana para a escrita deste texto, eu posso: i) argumentar sobre os valores da vida ao descrever a minha história, trazendo à luz acontecimentos relevantes durante os meus vinte e três anos de vida; ii) apresentar críticas e/ou comentários de amigos, colegas e/ou parentes em torno de mim; iii) e rememorar os momentos vividos a fim de criar expectativas para um futuro melhor.

A escolha pela autobiografia surgiu através de vários desencontros em face da necessidade de finalização do meu trabalho de conclusão de curso na UFS. No ano de 2016, ao cursar a disciplina de *Trabalho de Conclusão de Curso I*, convidei para ser minha orientadora a professora doutora Alexandra Gouveia Dumas, recém-chegada de seu pós-doutorado na França. No ato, informei-a de que gostaria de escrever sobre quadrilha junina, tema esse com o qual tenho uma afinidade desde a infância, pois sempre a admirei e, quando era possível, dançava nessa belíssima manifestação cultural e, por que não dizer, também teatral. A professora Alexandra Dumas aceitou na mesma hora me auxiliar no desenvolvimento do projeto, pois ele teria um cunho etnográfico, linha de pesquisa marcante em sua trajetória acadêmica.

Cursei a disciplina e acabei sendo aprovado, tendo como resultado a nota máxima no meu pré-projeto. No semestre seguinte (2016.2), resolvi não desenvolver a pesquisa por vários motivos, dentre eles, trabalhos, outros projetos acadêmicos, etc. O tempo foi passando e eu fui deixando a minha monografia em segundo plano. Em um belo dia ensolarado, recebi a notícia de que a minha orientadora seria redistribuída para a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tentei adiantar a pesquisa para conseguir defendê-la antes de sua ida para a outra universidade, mas, por motivos de trabalhos, projetos acadêmicos na UFS e a insuficiência de tempo para ir a campo colher dados, eu não consegui desenvolver o trabalho. A professora Alexandra Dumas foi redistribuída e eu não concluí a minha pesquisa.

Um período depois da saída de Alexandra Dumas, convidei a professora Marcia Baltazar para ser a minha nova orientadora. Prontamente, ela aceitou o convite e pediu que eu lhe enviasse o pré-projeto para uma avaliação. Dias depois, ela me chamou a uma reunião para informar que meu projeto sobre a espetacularidade dos elementos cênicos da quadrilha junina Xique-Xique, do município de São Domingos/SE, estava bem elaborado, porém, que não teria condições de oferecer orientação, tendo em vista que não partilhava da mesma linha de pesquisa. Sendo assim, a professora Marcia citou alguns nomes de professores que melhor poderiam me orientar sobre aqueles temas (estética, espetacularidade, teatralidade e

etnografia). Finalmente, chegamos a uma decisão: ela assinaria o texto e me ajudaria no que fosse necessário, mas haveria uma coorientação com a professora Alexandra Dumas. Conversamos com está e, então, a proposta foi acatada.

Infelizmente, mais uma vez, não deram certo nem a orientação nem a coorientação. Fiquei à deriva novamente. No semestre seguinte, fiquei sabendo que uma nova professora fora aprovada para ser professora efetiva da UFS, Olivia Camboim, no Departamento de Teatro, e que iria lecionar sobre as artes visuais no âmbito teatral. Fiz uma busca no currículo lattes dessa nova professora e notei que ela poderia me orientar, pois a sua atuação acadêmica tinha algo relacionado com a minha pesquisa. Então, fiz-lhe convite para ser a minha nova orientadora, porém, mais uma vez, não fluiu, o que me fez solicitar a troca de orientador ao colegiado, e o professor doutor, Micael Carmo Côrtes Gomes, prontificou-se a orientar o meu trabalho, finalmente.

No meu primeiro encontro com o professor Micael, falei-lhe a respeito do meu projeto de iniciação científica desenvolvido nos anos de 2016 e 2017, com o qual eu pensava numa nova proposta de trabalho. Ele considerou a proposta interessante, mas fez a sugestão de que o trabalho de conclusão de curso fosse uma autobiografia. Eu aceitei a ideia e, hoje, portanto, aqui estou a dissertar sobre fatos da minha vida. Foi em meio a esses encontros e desencontros, então, que decidi por seguir um rumo diferente no desenvolvimento deste meu último trabalho acadêmico: usufruir de uma escrita não cartesiana, embora, algumas vezes, tal modelo de escrita se faça notar na estrutura textual em curso.

Inserida nesse quadro narrativo e autobiográfico, a metodologia utilizada aqui corresponde a uma escrita formal e à atribuição de duas ferramentas de coleta de dados: entrevistas de áudios e questionário eletrônico para colher informações sobre a minha vida social e profissional no que dizem respeito às participações em atividades artísticas, principalmente, em teatro e dança. Além disso, no decorrer do trabalho, eu considero a criação de um material didático voltado ao ensino da dança e do teatro, focalizando o fenômeno da quadrilha junina, pensando na sensibilização do corpo nas práticas corporais dos movimentos limpos e precisos. Utilizo, ao lado desses fatores, acervos coletados no decorrer da minha pesquisa, tais como fotos pessoais e de outrem, bem como vídeos do site *YouTube* para disponibilizar *links* de trabalhos já desenvolvidos ao longo da minha formação como ser perante à sociedade.

## SEÇÃO 1

### 1.1 “FOI ESSE QUE ESTÁ NO DOCUMENTO. O NOME QUE VOCÊ PEDIU PARA REGISTRAR O HOMEM NÃO ACEITOU” - MEU PRIMEIRO CICLO DE VIDA (1996-2003) ...

*Eu sou Walisson Bispo do Espirito Santo, ao lado da minha mãe – como se pode perceber na imagem ao lado -, nasci no dia 10 de janeiro do ano de 1996, uma quarta-feira, às 17h40min, na maternidade de São José da cidade de Itabaiana. Localizada na região central do Estado de Sergipe, Itabaiana ocupa uma área de 364 quilômetros quadrados. É*



Figura 01 - Meu nascimento  
Fonte: Acervo pessoal

*o mais importante município da microrregião do agreste do estado. Sendo uma cidade desenvolvida, a sua população atual, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é de cerca de 94 mil habitantes.*

*Os meus pais, Eraldo de Jesus do Espirito Santo e Lindinalva Bispo dos Santos, eram lavradores do*

*campo na época do meu nascimento, mas ainda residiam no povoado chamado Tapera da Serra<sup>2</sup> do município de Campo do Brito/SE. Cidade da região agreste de Sergipe, a sua população, segundo o IBGE, no ano de 2010, contava com 16.749 pessoas. Estimava-se que, em 2018, essa população atingiria 17.997 habitantes. Segundo o IBGE, o município de Campo do Brito ganhou tal nome por causa da família Brito que usava os campos para a criação de animais. Campo do Brito fica localizada no agreste do estado de Sergipe, a 65 quilômetros da capital Aracaju.*

*Antes de eu nascer, houve um duelo na escolha do meu nome. Meu pai queria que eu*

---

<sup>2</sup> O nome desse povoado tem, para mim, um significado ao mesmo tempo poético e metafórico. Primeiro, “tapera” remete a um lugar abandonado ou ruína. Por sua vez, “serra” significa mais ou menos lugar montanhoso, rochoso e cheio de desníveis. A junção dos significados desses dois termos, no contexto geográfico dos meus primeiros passos no mundo (minha infância), faz uma alusão ao alvorecer da vida no meio do nada, numa perspectiva micro, e à aurora da existência em meio ao vazio, numa perspectiva macro. Assim concebo o lugar onde eu inicialmente vivi.

*fosse chamado por Osmano, mas a minha mãe queria outro, daí houve o impasse. Quando chegou o dia de elaborar o registro de nascimento, meu pai se dirigiu ao Cartório do Registro Civil do 3º Ofício – Títulos e Documentos do município de Campo do Brito/SE. Ao chegar lá, ele falou ao escrevente da instituição, o senhor José Remerson Ribeiro Rocha, que desejaria registrar o filho que tinha nascido. O escrevente perguntou qual era o nome desejado e meu pai falou-lhe o nome que a minha mãe escolhera. O senhor José Remerson o informou de que aquele nome não existia e que não seria possível colocá-lo, pois seria motivo de chacotas (no caso, o famoso bullying). Portanto, ele mesmo sugeriu um novo nome: Walisson. Tal nome foi validado no dia 26 de janeiro de 1996 pelo oficial do cartório, o senhor José Robson Ribeiro Rocha.*

*Ao chegar à nossa casa, a minha mãe perguntou qual o nome que ele registrara. Meu pai lhe entregou o registro e disse-lhe estas palavras: “Foi esse que está no documento. O nome que você pediu para registrar o homem não aceitou. Segundo ele, o nome não existe. Foi sugerido esse que está em suas mãos, e eu aceitei”. Minha mãe, ao ler o nome registrado, notou que ninguém iria saber pronunciá-lo facilmente, pois nunca tinham ouvido a pronúncia do mesmo, tampouco ali na vizinhança. A minha tia-avó, por exemplo, não sabia pronunciar o meu nome, e sempre me chamou de “Aço”.*

*Com oito dias de nascido, a minha tia, Elda Fontes, encontrou um caroço no lado esquerdo da minha virilha. Minha mãe então me levou ao médico e foi diagnosticada a existência de uma hérnia<sup>3</sup>. Após a consulta, ela procurou resolver as questões burocráticas para realizar a cirurgia de remoção da hérnia. Chegando a semana da realização da cirurgia, a qual seria realizada no hospital São Domingos, em Aracaju, ficamos alojados na casa de uma tia chamada Avance, no bairro Coroa do Meio. Dias antes da operação, meu avô, João Anacleto, estava brincando comigo na cozinha enquanto minha mãe colocava o café na mesa. Como toda criança de um ano de idade, eu já andava, e acabei puxando a toalha da mesa e a água quente do café caiu por cima de mim. Acabei sofrendo algumas queimaduras. No dia da cirurgia, ao chegarmos ao hospital, as enfermeiras perguntaram o que havia acontecido, e a minha mãe explicou o ocorrido. Infelizmente, como as feridas das queimaduras ainda não estavam cicatrizadas, não seria possível realizar o procedimento cirúrgico. Três meses depois, então, pude ser operado.*

*Até os três anos de idade minha prima Jucilene cuidava de mim como se fosse a*

---

<sup>3</sup> É o escape parcial ou total de um ou mais órgãos por um orifício que se abriu por má formação ou enfraquecimento nas camadas de tecido protetoras dos órgãos internos do abdome. (MINHA VIDA. Disponível em: <<https://www.minhavidacom.br/saude/temas/hernia>>. Acesso em: 25/01/2019).



*minha babá, pois meus pais trabalhavam como lavradores e precisavam me deixar em casa. Foi nessa época que deixei o povoado Tapera da Serra com meus pais para viver no povoado Mulungu do município de São Domingos/SE. Segundo o IBGE, esse município fica a 76 quilômetros de Aracaju, é banhado pelo Rio Vaza-Barris e é a terra da farinha de mandioca. Esse município antigamente pertencia à cidade de Campo do Brito. Mas seus moradores decidiram que aquela região deveria se tornar uma cidade. Um morador, chamado José Curvelo da Conceição, decidira criar uma vila no Povoado Tapera que teria a finalidade de produzir e comercializar seus mantimentos para que a comunidade local não dependesse de Campo do Brito. Ele se dirigiu até o intendente de Campo do Brito, o senhor Arnóbio Batista, e o mesmo apoiou a ideia, e o pessoal decidiu criar a vila. Com muita luta, os moradores conseguiram implantar uma feira, dentre outras ações, procurando fazer aquela região independente do município de Campo do Brito. Em 21 de outubro do ano de 1973, a região teve sua emancipação. Hoje, a região é chamada de São Domingos por conta do seu padroeiro, Santo São Domingos de Gusmão. Antes, porém, fora chamada por outros dois nomes: Feira da Pindoba e Feira Nova.*

*A minha família decidiu ir morar em São Domingos porque um tio meu tinha comprado um terreno nesse município e solicitou a um dos seus irmãos (meu pai) para ir viver e trabalhar ali. Meu pai aproveitou a oportunidade e aceitou a proposta na hora. Ao chegar naquele novo território, notou que tudo era diferente, pois aquela criança que tinha várias pessoas ao seu redor se deparava sozinha, apenas com seu pai e sua mãe. Essa criança era eu. Comecei a estudar na Escola Municipal Vereador Jose Benicio da Conceição, que era vizinha à minha casa. Nesse local, pude conhecer alguns coleguinhas e as professoras Marcia e Carmelita, profissionais fundamentais durante o meu desenvolvimento cognitivo.*

*Essa imagem me fez lembrar da professora Carmelita que gostava muito de trabalhar com cores, brincadeiras e jogos para facilitar o desenvolvimento de seus alunos. Todas as sextas-feiras tinha cinema/contação de histórias em uma TV feita de caixa de papelão e desenhos coloridos. A professora tinha vários desenhos pintados, um colado embaixo do outro em formato de filmes. Ela escolhia a história que iria contar, colocava os desenhos na caixa e fazia a contação de história através da ferramenta lúdica que ela tinha construído. Aquilo me deixava encantado e envolvido na atmosfera da imaginação. Acredito que foi ali que em mim despertou o primeiro interesse pela arte: a maneira didática de as pedagogas direcionarem um olhar para o mundo da imaginação. No último ano do ensino infantil, participei do desfile cívico da cidade. Toda criança em formação busca se espelhar em algo, e o meu espelho foi um animal forte e bravo — o leão.*



Figura 02 - Vestido para o desfile cívico  
Fonte: Acervo pessoal

*No ano de 2002, com seis anos de idade, fui matriculado na primeira série. Visualizei um novo espaço, totalmente diferente do vivido anteriormente. Logo de início, a mudança de turno. Estudava pela manhã, mas, agora, passaria para a tarde. A faixa etária dos alunos variava de seis a quatorze anos. Crianças juntas com adolescentes e uma nova professora chamada Cícera. Além disso, tinha que ler textos maiores (até então eu lia somente palavras e frases). Mas, em minha mente, textos eram bichos de sete cabeças. A minha primeira leitura foi a de um texto de cantiga popular que vinha no livro didático “Os caminhos da língua portuguesa”, edição de 2001:*

*A barata diz que tem  
sete saias de filó.  
É mentira da barata,  
ela tem é uma só!  
HÁ! HÁ! HÁ!  
HO! HO! HO!  
Ela tem é uma só!*

*A barata diz que tem  
Um sapato de veludo.  
É mentira da barata  
Que o pé dela é cabeludo!*

HÁ! HÁ! HÁ!  
HO! HO! HO!  
*Que o pé é cabeludo!*

*Essa cantiga, para mim, na época, era fabulosa. Foi o primeiro texto que li e decorei durante minha formação na educação infantil. Ainda no ano de 2002 mais ou menos, nos meses de setembro e outubro, fiz uma cirurgia para a retirada de uma segunda hérnia inguinal<sup>4</sup> no lado direito de minha virilha. No período de recuperação pós-operatória, fiquei de atestado médico e passei cerca de um mês em casa, longe da escola, longe dos colegas de classe. Fiquei tão triste na Semana da Criança, pois a escola ia fazer aquelas comemorações para os alunos e eu não estaria presente. Eu era um garoto quieto e levado, ao mesmo tempo em que recebia o adjetivo de sonso<sup>5</sup>, mas era um aluno querido. Quando chegou o dia da festa das crianças, a professora guardou o meu pedaço de bolo e o presente. Quando foi embora, passou em minha casa e me entregou. Disse-me para eu me recuperar e retornar logo à escola, pois sentia saudades.*

*Após a recuperação da cirurgia, voltei às minhas atividades escolares, fui correr contra o tempo perdido e fazer as avaliações. Então, o fim do ano chegou, trazendo com ele a notícia de que fui aprovado para a segunda série do ensino fundamental. Era um misto de alegria e tristeza ao mesmo tempo: alegria, porque que estava avançando para uma nova etapa da minha vida, e tristeza, porque deixaria aquele território fértil no qual aprendi várias coisas, criei laços de afetos... Mas, como diz o ditado popular: “a dor do parto é grande, mas é preciso partir!” E é encima desse ditado popular que vou seguindo pelos caminhos da vida e desbravando meus territórios.*

*Iniciei o último ano do primeiro clico da minha existência, ano da graça de 2003. Como de costume, o mês de janeiro é o mês das férias, e acabei fazendo tudo o que eu sempre gostei de fazer: brincar de carrinho e de bola, criar casa com pedaços de madeira que tinham em minha casa... Essa última prática eu aprendia com a minha mãe. Nos momentos livres, ela sempre brincava comigo de construção de casa. Na verdade, ela fazia as casas e eu brincava com meus brinquedos. Eu passava a maior parte do tempo com a minha mãe e na escola. O meu pai eu só via no almoço e à noite. Creio que, por isso e outros motivos,*

---

<sup>4</sup> É uma protuberância que surge na região da virilha, mais frequente em homens, que geralmente se deve a uma parte do intestino que se sai através de um ponto fraco dos músculos abdominais. (TUA SAÚDE. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/hernia-inguinal/>>. Acesso em: 25/01/2019).

<sup>5</sup> Indivíduo fingido; pessoa que é dissimulada; manhoso. (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sonso/>>. Acesso em: 25/01/2019).

*não pude desenvolver uma boa relação com ele, uma relação perfeita de pai e filho. Mas isso não vem ao caso agora.*

*Desde criança, eu era solitário e não tinha amigos, e os que eu tinha eram apenas colegas de escola. Não saía para lugar algum. Era de casa para a escola e da escola para casa. Mal ia algum colega me visitar. Havia um campo de futebol em frente à minha casa, mas meus pais não permitiam que eu fosse brincar com as crianças da vizinhança, até porque, de certo modo, tínhamos chegado naquela comunidade há cerca de quatro anos, e eles eram muitos reservados, não queriam conversa ou até mesmo qualquer desentendimento com vizinhos por conta de brigas de crianças. Contudo, eu tinha certa liberdade na escola, ainda que já tivesse construído, sem intencionar, uma fama de aluno-modelo. Não podia vacilar para não chegarem reclamações à minha casa durante o ano letivo.*

*Começou, então, a segunda série do ensino fundamental. Nesse mesmo período, surgiu uma oportunidade de adentrar no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, conhecido também pela sigla PETI. Consistia num projeto de ações cujo objetivo era retirar crianças e adolescentes menores de 16 anos do trabalho precoce, exceto na condição de jovem aprendiz a partir de 14 anos. Inicialmente, quem fizesse parte desse projeto do governo federal teria o direito de receber o auxílio Bolsa Família. Muitos jovens do município começaram a participar do projeto e a diretora da escola onde eu estudava perguntou à minha mãe se teria o interesse de efetuar a minha inscrição. Imediatamente ela aceitou, pois lá haveria reforço escolar, acesso à cultura e ao esporte. Dessa maneira, eu participei do Programa dos sete aos dezesseis anos de idade.*

*Eu fui recebido muito bem pela equipe que fazia parte do PETI, principalmente pela professora Rita, pessoa essa que tinha o pulso firme, característica que muitos alunos detestavam. Mas era o seu jeito de ser. Ela não tolerava as ofensas e os modos com que os alunos a tratavam, bem como aos seus próximos. De certa maneira, eu me senti protegido naquele ambiente, pois, como sempre fui uma criança sozinha, tinha medo dos corpos estranhos que se encontravam nas atividades do projeto. Como disse antes, o PETI era um projeto que contemplava todas as famílias do município que quisessem inscrever seus filhos dos sete aos dezesseis anos de idade. Por me tornar o protegido da professora Rita, alguns alunos começaram, pois, a fazer bullying comigo.*

*Junto ao PETI vinha a escola, uma dupla jornada de estudos. No período da manhã, eu ia ao local onde funcionava esse programa e, à tarde, ia para a Escola Municipal*

*Vereador José Barbosa dos Santos, acompanhado de uma nova professora, Maria Augusta. Um novo ciclo estudantil estava por vir. A cada dia que passava, deparava-me com novos obstáculos, mas meus pais sempre me aconselhavam: “Preste atenção e siga o seu caminho”.*

*Nessa época davam-se início os ensaios da quadrilha junina para os festejos juninos do PETI. Recebi o convite para dançar, mas precisaria da permissão dos meus pais para participar dos festejos. Foi no PETI que pude sentir, pela primeira vez, o que significava um quadrilheiro. Eu não sabia ao certo demonstrar o sentimento pela dança. Só mais adiante saberia expor esse sentimento ao entrar em uma quadrilha junina profissional. E o fim do ano chegou, encerrando-se o período letivo com sucesso: fui aprovado para o terceiro ano do ensino fundamental; resultado colhido através de vários esforços.*

*Esse primeiro ciclo da minha vida, que teve início no ano de 1996 com o meu nascimento, concluiu-se ao final de 2003. Ciclo esse que foi muito importante para a minha formação como ser humano. Os sete primeiros anos de vida são os anos mais importantes na formação pessoal, ética, moral, cognitiva e comunicativa: processos para criar um bom alicerce para qualquer indivíduo em sociedade.*

## **1.2 “O SONHO DE TODAS AS CRIANÇAS ERA PEGAR O ÔNIBUS DOS ESTUDANTES E IR ESTUDAR LONGE DE CASA” - MEU SEGUNDO CICLO DE VIDA (2004-2010) ...**

*Com oitos anos de idade, ganhei o meu primeiro irmão. Minha mãe lhe deu à luz no dia 20 de outubro de 2004. Vivendo naquele contexto social, dei-me conta de que não era mais um menino frágil como outrora; era já outra pessoa graças ao PETI, pois foi lá que aprendi a me defender aos poucos. E aprendi também a lidar com o outro. A uma nova jornada foi-me dada a largada para o terceiro ano do ensino fundamental maior com a professora Eliã. Seria o meu último ano a estudar nas séries ofertadas no povoado Mulungu. Se eu cumprisse com minhas obrigações, seria aprovado e começaria a estudar na cidade. O sonho de todas as crianças era pegar o ônibus dos estudantes e ir estudar longe de casa. Como de praxe, fui aprovado e, no ano seguinte, ia pegar o famoso ônibus escolar.*

*O ano de 2005 chegou com novos ares: agora passaria o dia estudando na cidade. Todos os dias pela manhã tinha que acordar às cinco e trinta da manhã para fazer a razão*

*do gado que meu pai criava. Ia colher palma, tirar capim, moer manaíba<sup>6</sup>, cortar jaca e bananeira quando fosse época. Fazia a ração do dia inteiro e deixava pronta para colocar nas horas de alimentação do gado. Essas ações foram frequentes dos nove aos dezesseis anos, todo o santo dia. A ração tinha que estar pronta todos os dias às sete horas da manhã e ser colocada para os animais até às sete e vinte. Assim que a colocava, eu ia tomar banho, tomar o café da manhã, depois pegava minha bicicleta e ia para o PETI. Tinha que estar nesse projeto às oito da manhã, retornava para casa às onze horas, colocava a ração do meio dia para os animais. Tomava um novo banho e almoçava, pois, no máximo às doze e vinte da tarde, precisava estar pronto para pegar o ônibus e ir estudar na cidade. Voltava da escola às dezoito horas e, muitas vezes, colocava a ração da noite para o gado. Tomava um novo banho, jantava, assistia às novelas da TV, fazia os deveres de casa e os trabalhos solicitados pelos professores. Essa rotina durou cerca de seis anos.*

*Foi na quarta série onde conheci o mundo teatral, em um evento chamado “Momento Literário”, organizado e produzido pela Escola Municipal Prefeito José Fonseca Lima na cidade de São Domingos/SE. Não sabia ao certo o que era aquilo, mas fui assistir porque a escola na qual eu estudava (Escola Municipal Professora Ivanildes da Conceição) tinha recebido o convite para ir prestigiar os trabalhos dos alunos do Fonseca. Esta era a escola sede do município, que oferecia ensino fundamental maior e que, anos mais tarde, passou a oferecer também o ensino de nível médio.*

*Ao prestigiar o sarau do “Momento Literário”, senti algo diferente dentro de mim que não sabia explicar. Nesse dia ouvi pela primeira vez a música “Água de beber”, interpretada por Tom Jobim e Vinicius de Moraes em 1978. Mas ali, no evento, foi reinterpretada pela voz belíssima da professora Alexandra:*

*Eu quis amar, mas tive medo  
E quis salvar meu coração  
Mas o amor sabe um segredo  
O medo pode matar o seu coração*

*Água de beber  
Água de beber camará  
Água de beber  
Água de beber camará*

*Eu nunca fiz coisa tão certa  
Entrei pra escola do perdão*

---

<sup>6</sup> Pedação de caule da mandioca ou muda.

*A minha casa vive aberta  
Abri todas as portas do coração*

*Água de beber  
Água de beber camará  
Água de beber  
Água de beber camará*

*Eu sempre tive uma certeza  
Que só me deu desilusão  
É que o amor é uma tristeza  
Muita mágoa demais para um coração*

*Água de beber  
Água de beber camará  
Água de beber  
Água de beber camará*

*Essa música mexeu com a minha cabeça através dos medos e incertezas da vida, dos segredos e sentimentos mais profundos, pois, ainda criança, com nove anos de idade, prestes a adentrar na adolescência, comecei a sentir que existia algo errado dentro de mim por motivos que até então não sabia a explicação; eu só sabia que aquilo era abominável aos olhos da sociedade, quando ouvia certas palavras a respeito. E eu sempre pedia perdão a Deus, pois só a Ele contava tudo a respeito, tudo o que sentia. Não tinha ninguém de confiança. Vivia em meu mundo fechado.*

*A escola era meu refúgio quando eu não queria ficar em casa, até porque já existia certa pressão em casa a respeito de tudo o que acontecia ao meu redor. De certo modo, a escola também era um calvário dos meus medos, e eu não conseguia abrir a porta do meu coração. Mas a vida mostra vários caminhos e a água é um elemento de fruição. A água não para, mas se movimenta, e foi a partir daquela música que notei que a vida não seria tão fácil; ela é traiçoeira, cheia de altos e baixos, mas precisamos viver e beber dessa água para ultrapassar as barreiras e chegar aos nossos objetivos.*

*Saí, então, do sarau com a certeza de que tudo passaria e que um dia iria subir naquele palco para representar a vida, a água, os sentimentos e, principalmente, os meus medos. Voltei completamente renovado para minha casa na noite daquele dia. Conteí para a minha mãe sobre o sarau e que achei fantástica a arte da representação encima de textos, era como se eu tivesse visto telenovelas ao vivo. E ainda disse para ela que um dia estaria naquele evento como protagonista de uma cena.*

*O tempo foi passando e eu segui sendo aprovado na escola. No final de ano e no ano seguinte, estaria na escola sede do município. Em 2006, já estudando no Fonseca, encontrava-me com dez anos de idade. Comecei a cursar doze disciplinas diferentes, contemplando as áreas de humanas, biológicas e exatas. Agora era um professor para cada matéria, um novo sistema de avaliação. Aos poucos fui me acostumando àquilo. Dois episódios marcantes dessa série foram o choro que tive na sala por conta da primeira nota de Ciências e o riso frenético ao saber que iria para a recuperação final de Matemática ao final do ano, precisando obter, no mínimo, média cinco. Quando então vi o resultado final, minha alegria foi grande: tirei nota oito. Assim fiquei sabendo que ia cursar a sexta série em 2007.*

*Essa imagem é do ano de 2007 e, com ele, tive muitas surpresas. Foi nessa época que comecei a brincar de escolinha com meus amigos do PETI. Notei que gostava de ensinar os assuntos daquelas matérias nas quais tinha um bom desempenho e, de certo modo, vi que levava jeito para lecionar. Mas não me imaginava cursando uma faculdade para ser*



Figura 03 - Apresentação no Festival de Dança 2007  
Fonte: Acervo pessoal

*professor. Nesse meio tempo, eu era aluno da 6ª série B no Fonseca. Aquela turma adorava arrumar uma confusão! Em meados desse período, a professora Laurência (mais conhecida como Aninha), docente da matéria de Educação Física, lançou um projeto voltado para a área da dança que se chamava “Festival de Dança”. Era algo comum, já que várias instituições de ensino*

*propusessem e desenvolvessem projetos de extensão com o intuito de movimentar a escola além da prática de ensino e aprendizagem em sala de aula. Cada turma ficou com um estilo musical, do popular ao clássico. A minha turma ficou responsável pela dança do Merengue<sup>7</sup>.*

---

<sup>7</sup> Ritmo veloz e malicioso, nascido na República Dominicana, tem o seu nome derivado do jeito que os dominicanos chamavam os invasores franceses no século XVII (merengue). [...] Em 1850, a dança nacional da República Dominicana era a Tumba, dança de origem europeia na qual as mulheres ficavam de um lado e os homens de outro. Rapidamente, os casais das ilhas introduziram alguns movimentos eróticos que escandalizaram os europeus. No final do século XIX, a Tumba foi substituída por outra dança derivada do Paseo, durante a qual os dançarinos escolhiam as dançarinas. (CORPOS EM PAR. Disponível em: <[http://corposempar.com.br/articles/index/article\\_detail/97/55](http://corposempar.com.br/articles/index/article_detail/97/55)>. Acesso em: 25/01/2019).



*A cada ensaio, um novo desafio para aprender os passos do ritmo. Não eram muito fáceis, mas eu ia gostando cada vez mais. Ali seria o meu momento de estreia no mundo artístico do Fonseca. E da arte. Chegou o tão esperado dia do Festival. A minha sala foi o oitavo grupo a se apresentar. Não posso negar que roubamos a atenção da plateia. Éramos o grupo mais esperado do Festival. Subimos ao palco com muita garra para mostrar o produto de longos meses de ensaio. Os espectadores do evento amaram a nossa apresentação, tanto é que pediram replay. Naquela tarde de sexta-feira, “encerramos o Festival com chave de ouro”, palavras da diretora do colégio, a professora Adenoalda.*

*Ao olhar essa imagem, com pose de dançarino, me fez lembrar o quanto essa fase foi importante para mim, a saber: encerrei o ano com mais uma aprovação, desta vez, pronto para cursar a sétima série do ensino fundamental maior. Tinha a certeza de que nesse novo ano que se aproximava eu adentraria mais no mundo das artes, pois o famoso “Momento Literário” era executado por alunos das sétimas séries até os de terceiro ano do ensino médio. Ao iniciar o ano letivo de 2007, tive a notícia de que a professora responsável pela realização do Sarau não seria minha professora, e que, automaticamente, a minha turma não iria participar do evento almejado há anos. Procurei me informar na secretaria da escola sobre o motivo de a professora Maria Isabel não ter sido direcionada para a minha turma da 7ª série B. Ela mesma me informou que não seria a docente da minha turma porque naquele ano o colégio estava implantando o ensino médio, e ela assumiria as aulas desse nível de ensino. Compreendi e tive que esperar mais dois anos para que ela voltasse a ser a minha mestra.*



Figura 04 - Eu e minha parceira de dança  
Fonte: Acervo pessoal

*O que me consolou foi saber da informação de que teríamos o segundo Festival de Dança e que, nessa nova oportunidade, eu poderia dançar dois ou três estilos diferentes. Como minha turma tinha sido um destaque no Festival anterior, dançamos novamente o famoso estilo do Merengue, conforme a imagem ao lado, o qual ficou consagrado na última edição. Conversei com a minha mãe sobre a minha vontade de dançar dois ritmos e ela me disse que, se eu conseguisse administrar o tempo com os ensaios, a escola, o PETI e as tarefas de casa, não haveria problema. Prometi que daria conta de tudo. Acabei dançando o Merengue e hip hop no novo Festival.*



Figura 05 - Festival de Dança 2008  
Fonte: Acervo pessoal

*Passado esse 2º Festival de Dança, houve o encerramento do ano letivo de 2008, com o resultado de que fui aprovado para cursar a oitava série, último ano do ensino fundamental maior naquela época.*

*O meu ano seguinte então chegou com o desafio de enfrentar uma classe com lotação máxima de cinquenta e oito alunos. No diário de classe eu era o número cinquenta e sete. Foi um ano muito difícil, pois com ele eu concluiria o ensino fundamental maior e, consequentemente, estaria indo para o ensino médio. Para que isso acontecesse, eu teria que suportar muita coisa e criar metas para apreender os conteúdos. Era uma sala lotada, tinha professores que não conseguiam ter domínio de classe por conta da quantidade de alunos em um espaço apertado. Mas a vida se encarregou de me apresentar estratégias para concluir essa batalha com êxito. Nesse mesmo ano, estabeleci mais uma meta de vida: ser dançarino de quadrilha junina profissional e sair representando uma bandeira em vários lugares nos quais pudesse dançar.*

*Entrei no ano de 2010 sendo aluno secundarista, com a responsabilidade de me preparar nos próximos três anos para o curso superior, pois, em 2012, o único caminho para ingressar nas universidades seria o famoso Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No primeiro dia do ano no Fonseca, os dois primeiros horários de aula seriam da professora Maria Isabel, a então organizadora do “Momento Literário”. Ao chegar, apresentou-se aos alunos e pediu que cada um se apresentasse. Em seguida, falou-nos sobre as propostas do longo ano que teríamos pela frente. Como de costume, ela ministraria os conteúdos de*

*Português, Literatura, Redação e os eventos da escola. A Semana do Livro ocorria sempre no mês de abril e o Momento Literário no final do ano, todos sob a sua organização. Nesses eventos ela gostava de trabalhar com várias linguagens artísticas: dança, música, teatro, etc.*

*No primeiro dia de aula, a professora Maria Isabel expôs no quadro negro a primeira lição do ano, isto é, a letra da música “Viver pra mim é Cristo”, cantada pelo padre Fabio de Melo:*

*Senhor, preciso Te dizer  
Que é impossível me esquecer  
Que não estou só nesta batalha  
Entre o bem e o mal  
A cada nova experiência, eu Te glorifico mais  
Te ter é a maior diferença em mim*

*Se os bons combates eu não combater  
Minha coroa não conquistarei  
Se minha carreira eu não completar  
De que vale a minha fé tanto guardar  
Se perseguido aqui eu não for  
Sinceramente um cristão não sou  
A Tua glória quero conhecer  
Viver a experiência de sobreviver*

*Viver pra mim é Cristo  
Morrer pra mim é ganho  
Não há outra questão, quando se é cristão  
Não se para de lutar  
Triunfarei sobre o mal  
Conquistarei troféus  
Não há outra questão, quando se é cristão  
Não se para de lutar até chegar ao céu*

*Se calarem o som da minha voz  
Em silêncio estarei a orar  
Se numa prisão me colocar  
Eu vou Te adorar  
Se minha família me trair  
Eu vou sonhar com Deus  
Viver seus planos  
Isso é parte de uma carreira de cristão*

*Depois da exposição, cantamos a música e fizemos uma reflexão sobre a sua letra. Pensei sobre a minha vida e pude comparar a mensagem da música com a minha formação, com as doutrinações às quais fui apresentado durante os primeiros quatorze anos de vida. Sempre frequentava a igreja católica. Lá fui batizado, fiz a primeira comunhão e a crisma,*

*fazia parte do grupo de jovens da minha comunidade. Mas os combates eram diários, dentro ou fora de casa. Dentro de casa nunca cheguei a ter uma boa relação com o meu pai, nossas ideias sempre entraram em conflito, pois ele sempre pensou diferente de mim. Já na rua, era o bullying a me perseguir, mas, com o tempo, fui criando estratégias de defesa para poder sobreviver. Aquela aula provocou em mim muitos pensamentos. A professora da qual eu sonhava ser aluno novamente por causa do evento tornou-se, portanto, para mim, um ídolo.*

*Eu voltei para casa com a mente cheia de provocações. Comentei com a minha mãe sobre a belíssima aula que tivera com a professora Maria Isabel. O tempo foi passando e chegou então o momento de preparar a minha primeira apresentação para a Semana do Livro. O artista homenageado daquele ano seria Monteiro Lobato. Nesse primeiro evento, eu não fui o líder do grupo, mas apenas ator de uma peça teatral em processo de montagem. Meu grupo encenou o Sítio do Pica-pau Amarelo. O fragmento: a personagem Emília ganha vida. A minha personagem nessa cena era o Doutor Caramujo. A cena foi um sucesso. Fiquei conhecido na escola como o Doutor Caramujo por vários anos.*

*Após esse evento, começávamos a nos preparar já para o VII Momento Literário. Aos olhos de sua criadora, a professora Maria Isabel, o evento constituía-se desta forma:*

Objetivamos, por meio desse projeto, despertar no educando não só o gosto pela leitura dos vários gêneros textuais, como também incluí-lo no grupo de leitores assíduos, visto que os alunos, sobretudo, da rede Municipal de Ensino não têm uma base educacional centrada na leitura, já que muitos são filhos de pais analfabetos e, em sua grande maioria, trabalhadores rurais. Em consequência disso, sentimos necessidade de fazer algum movimento na escola que os estimulasse a “viajar” pelo mundo fascinante da literatura: Sarau e/ ou Movimento Literário, baseando-se em obras necessárias ao processo de ensino aprendizagem. A leitura é desenvolvida durante o ano letivo. Contudo, escolhemos uma data para que se realize no final de cada ano letivo, o Movimento Literário, que, diga-se de passagem, encanta a todos que o presenciam.

Por meio dessa metodologia percebemos que os alunos se envolvem tanto com as histórias lidas que se transformam em coautores, já que se baseiam nos textos lidos para criar seus próprios textos de gêneros diversos, elaboram suas próprias conclusões e, além disso, produzem dramatizações, poemas, análise crítica acerca do que foi lido. Desta forma, podemos dizer que através dessa prática nossos alunos estão sendo preparados para a vida não só acadêmica como também para viver de forma equilibrada em sociedade. (Maria Isabel, 2019).

*Quando fala do projeto, é impossível que a professora Maria Isabel não cite o meu nome, pois, segundo ela, fui um aluno muito comprometido com as ações do evento:*

Essa dinâmica em sala de aula faz com que nossos alunos sejam sujeitos

do processo de ensino-aprendizagem. A educação libertadora da qual fala Paulo Freire passa a fazer parte de suas vidas. Como exemplo dessa prática, temos o aluno Walisson. Ao trabalharmos em grupo para a leitura das obras literárias, lembro-me que ele sempre ficava responsável pela parte de dramaturgia. A partir da análise do texto, escrevia o roteiro do que seria apresentado, organizava as falas de acordo com a característica de cada colega do grupo, ajudava a montar cenário, etc. Sua desenvoltura era sempre elogiável. Além disso, dirigia e organizava os ensaios a fim de que na culminância do Projeto Literário tudo estivesse perfeito.

Confesso que, hoje, ao vê-lo terminando o Curso Superior em Teatro, sinto-me feliz, posto que vejo que as aulas de Língua Portuguesa contribuíram, sobremaneira, para que Walisson esteja realizando seu sonho e, com certeza, auxiliará seus alunos a encontrarem o caminho do fascínio, da realização e do sucesso. Avante!!! (Maria Isabel, 2019).

*A minha vontade em fazer parte desse projeto vinha lá do ano de 2005, onde resolvi tomar a frente do meu grupo para ser o líder. Sabia que não seria nada fácil, mas precisava me jogar de cabeça. O romance a ser trabalhado pelo meu grupo seria “O cortiço”, escrito por Aluísio Azevedo. Li-o e comecei a fazer a dramaturgia da peça encima dos atores e atrizes que iam dar vida às personagens. A escrita da dramaturgia não precisava ser tão fidedigna à obra original. Sempre exercitava a minha imaginação durante o processo de montagem e na criação do texto, levando em conta as limitações e potencialidades dos atores/colegas de turma. Com o texto em mãos, vieram os ensaios. Cada grupo, além da peça teatral, tinha uma estrutura a cumprir em sua apresentação, a saber: i) apresentação da biografia do autor; ii) explanação da obra (resumo do romance); iii) apresentação da peça; iv) um poema que resumisse o assunto do romance, uma dança ou uma música.*

*No dia do evento, muitos grupos apresentaram a biografia do autor e o poema de forma simplificada. Para o meu grupo, porém, eu desejava movimentação na apresentação. Criamos uma cena para contar a vida do autor e a explanação da obra foi lida de forma comum. Na sequência vieram a peça teatral e o poema, este último interpretado por mim trazendo sentimentos do fazer artístico. O meu grupo era um dos mais esperados porque sempre tinha algo diferente de todos os outros. Tínhamos nossa própria identidade. Muitas vezes, havia desentendimentos entre nós, pois os colegas não queriam aceitar algumas propostas. Mas, no fim, tudo acabava sempre bem e todos entravam em consenso.*

*Passado o misto de emoções vividas nos últimos dias que antecederam ao sarau, notamos que todo o nosso esforço valera a pena. Ficamos reconhecidos. A partir dali começava a era teatral mais presente em minha vida. Os elogios começaram a chegar até a minha mãe, e era notório o orgulho que ela sentia de mim. O final do ano chegou e consegui*

*aprovação em todas as disciplinas, algumas com boas médias, outras nem tanto. A pior de todas elas foi Química. Nunca fui bom aluno nessa matéria.*

*Por fim, encerro aqui o meu segundo ciclo de vida com a certeza de que a história é escrita aos poucos, uma coisa se liga a outra para chegar ao produto final. Pois, a fé que nos une é a mesma fé que nos move.*

### **1.3 “ESTE CICLO FOI DECISIVO PARA QUE EU ESTIVESSE HOJE ONDE ESTOU” - MEU TERCEIRO CICLO DE VIDA (2011-2017) ...**

*No 2º ano do ensino médio eu já contava com meus quinze anos de idade, um adolescente em formação. Em meio às confusões da época, notei que começava a ganhar destaque dentro do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), desenvolvendo as atividades que eram propostas pelos professores/oficineiros. Ali havia aulas criativas envolvendo artesanato, dança, esporte, jogos lúdicos, etc. O professor Geraldo, por exemplo, sempre me ensinou a ter autonomia e confiava em meu trabalho. Ele assim escreve sobre mim:*

Walisson chegou ao PETI como um aluno muito criativo, sempre disposto a nos ajudar, se identificava com a arte, criava várias coisas na sala que nos impressionavam com sua criatividade, onde se houve um momento que eu deixei suas ideias e conhecimentos, fez uma apresentação na sala que emocionou a todos os participantes do PETI. Depois desta apresentação foi a grande revelação de Walisson no teatro, ele sempre esteve à frente de todas as atividades, criando as personagens dos colegas de sala, interagindo uns com os outros, e no final era um grande sucesso. Com uma grande aprendizagem ele dava sua participação em todas as atividades e se destacava sempre como um dos melhores alunos do Programa. (Geraldo, 2019).

*Ao sair do PETI, eu ia para as aulas no 2º ano do ensino médio. Logo em abril ocorreria minha nova apresentação na Semana do Livro. Desta vez, a professora Maria Isabel ousou mais ainda, solicitando a criação de uma dramaturgia para o romance “Iracema”, de José de Alencar. Comecei a pensar em todo o contexto da peça. Logo em seguida surgiram os ensaios. Como sempre, eu escalava os mesmos colegas para atuarem nas cenas: Amanda, Gilderlaine, Raniella, Guilherme, Rodrigo, Claudia, Rubens e eu mesmo. Além de criador do texto, eu era o diretor da peça, cenógrafo, figurinista, ator etc. E a nossa apresentação foi um grande sucesso. Cada vez mais eu dava a cara para bater perante toda a escola. Passada essa apresentação, eu já ia começando a ler as obras para*

*preparar o sarau, no qual fiquei responsável pela criação da peça “Quincas Borba”, romance escrito por Machado de Assis. Nesta, teria que contracenar com um cachorro. A dificuldade era ainda maior: o cachorro era um filhote; mal consegui ensaiar com ele, pois a dona não aceitava levá-lo aos ensaios. Chegada a hora da apresentação, fiquei nervoso, pois mal tinha ensaiado com o cachorro; eu seria o seu único parceiro de cena. Tudo ocorreu como planejado, e foi um sucesso. Em uma das cenas, por exemplo, o cachorro deu uma lambida em minha boca enquanto eu estava desmaiado.*

*O ano seguinte seria o tão aguardado 3º ano do ensino médio. Seria o ano de despedidas de colegas de turma e professores. Foi um período mágico, pois a minha turma, antes um pouco desunida, esteve envolta em laços de amizade e solidariedade, um ajudando ao outro a vencer as brigas do dia a dia. Foi o nosso último ano de escola. Mas chegou com a péssima notícia de que não teríamos a realização do sarau por causa do afastamento da professora Maria Isabel, pois ela estava prestes a dar à luz ao seu segundo filho. Ficamos, então, com a professora Iraci, que fez um excelente trabalho voltado para as redações do ENEM. Como não haveria o sarau, senti a necessidade de participar de alguma atividade artística na cidade. A única coisa que havia era a quadrilha junina profissional que estavam montando pela primeira vez. Tive que pedir permissão aos meus pais para poder fazer parte da quadrilha que viajaria pelo estado de Sergipe representando o município de São Domingos. Aceitaram-me na quadrilha, ainda que meus pais não tivessem gostado tanto da novidade.*

*No dia 11 de fevereiro de 2012, fui ao primeiro ensaio da quadrilha na qual eu almejava dançar por motivos que nem sei explicar. O ensaio começou e senti dificuldade em alguns passos, mas, aos poucos, fui me aperfeiçoando. Enquanto rolavam os ensaios e apresentações da quadrilha junina, chegara o tempo de realizar minha inscrição no ENEM. Eu ainda não tinha uma decisão de curso a seguir. Estava em dúvida entre Fonoaudiologia e Teatro. Várias pessoas me incentivavam a escolher Teatro, até mesmo a própria professora Maria Isabel, que sempre me falava: “Você deve cursar Teatro”. Eu tinha certo medo a respeito dessa área pela questão do retorno financeiro. Mas caí de cabeça na ideia e realizei a inscrição, mesmo sabendo de todas as dificuldades que encontraria pela frente caso chegasse a ser aprovado no ENEM.*



*O mês de junho suscitou, mês esse no qual as quadrilhas juninas saem em turnê para apresentarem seus espetáculos de dança/teatro. A imagem ao lado mostra a quadrilha junina Xique-Xique e seus integrantes, que realizaram cerca de dezenove apresentações. Conseguimos representar o município de São Domingos em diversos municípios de norte a sul do estado de Sergipe. Fomos considerados a melhor junina do interior sergipano, defendendo o seguinte tema: “De canto a canto desse chão, Sergipe é a nossa paixão”.*



Figura 06 - Quadrilha Xique-Xique no Levanta Poeira 2012  
Fonte: Marina Fontenele/G1 SE

*Em novembro desse mesmo ano, prestei a prova do ENEM e fiquei aguardando o resultado que só sairia em janeiro. Após essa prova, começaram as despedidas da turma, pois muitos ali eram como se fossem família, tínhamos criado laços desde a quinta série do ensino fundamental maior, e, com outros, desde a segunda série do fundamental menor. Sabíamos que a partir dali cada um seguiria rumos distintos.*

*Na tarde de uma sexta-feira, ou melhor, no dia 11 de janeiro de 2013, estava em minha residência no povoado Mulungu, onde recebi a ligação de um amigo que informava a minha aprovação no curso de Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS). As lágrimas me vieram aos olhos naquele exato momento. Era um choro de emoção e de vitória por ter conseguido a aprovação e porque seria um universitário. Minha mãe também ficou muito feliz, só que, automaticamente, no mesmo momento, ela me alertava de que eu só poderia cursar a universidade caso conseguisse uma vaga em residência universitária (república da instituição), isso porque nossas condições financeiras naquele período não eram nada suficientes. Ela e o meu pai não conseguiriam me ajudar a morar na capital ou em Laranjeiras.*

*Meu pai até então não sabia sobre o curso no qual eu tinha sido aprovado. Tive medo de lhe contar e não aceitar a minha escolha. Pelos gostos dele, seria ideal que eu fizesse um curso técnico em mecânica, já que essa área vem crescendo ao longo dos anos. Além de lavrador, ele possuía (e ainda possui) uma pequena borracharia, e esse curso*



*técnico era o sonho que ele sempre almejou alcançar. Mas, como analfabeto, não conseguiu ter essa formação. É aquela velha história que às vezes teima em se repetir: os filhos devem seguir o caminho dos pais, mas não o sonho deles. Cada um pensa diferente e escolhe seu próprio caminho a ser trilhado. Hoje, com o passar do tempo, noto que ele tem certo orgulho ao me ver crescendo e que estou conseguindo me virar sem a sua ajuda. Creio que o medo dele perante a escolha do curso que escolhi fosse mesmo a questão financeira.*

*Nos dias seguintes à notícia da minha aprovação, corri atrás de toda a documentação necessária para a realização da matrícula na UFS e da minha inscrição no processo seletivo da residência universitária. Ao serem divulgados, portanto, os resultados dos auxílios estudantis, vi que, em meio a oito vagas para residências masculinas, eu conseguira ser classificado na primeira colocação.*

*As aulas na universidade começariam em junho. Procurei algo para fazer durante esse período de espera. Entrei em um cursinho pré-universitário para ir revisando os assuntos do ensino médio, pois iria fazer o ENEM novamente se eu não me identificasse com o curso. Trocá-lo-ia no ano seguinte. Comecei a fazer o Pré-Universitário da Secretaria de Estado da Educação (Pré-SEED). Eu tive aulas até o mês de maio nesse cursinho. Resolvi sair dele quando faltava já um mês para junho dar início. Esse era o mês das apresentações da quadrilha junina de que eu participava. Precisaria me dedicar mais nos ensaios e ajudar nas produções de cenários, figurinos e adereços.*

*Começaram então os espetáculos da quadrilha junina Xique-Xique cujo tema, naquele ano, era: “Nas asas da imaginação, o circo traz bailarinas, mágicos, palhaços e alegria para o sertão!”. A construção do espetáculo foi árdua, tendo em vista que se tratava de tema pouco comum no mundo junino. Obtivemos bons resultados no decorrer das primeiras apresentações.*



Figura 07 - Quadrilha Xique-Xique no Levanta Poeira 2013  
Fonte: Flávio Antunes/G1

*As imagens a seguir mostram que, dentro da quadrilha como 'ser brincante', criei vários laços de amizade, e uma dessas amizades foi com a minha parceira de dança, Rianny Bispo. Ela traz um depoimento sobre a nossa trajetória:*

(...) Aqui escrevo o meu relato de como foi ter Walisson como meu parceiro. A nossa parceria começou assim que meu pai (que era meu parceiro) saiu da quadrilha. Então ele só me deixava dançar se Walisson fosse meu parceiro. Aí vem a pergunta: por quê? Porque ele só queria que eu dançasse com alguém que tivesse responsabilidade nos ensaios, nos horários e, principalmente, na paciência em me ajudar quando não conseguisse aprender o passo ou até mesmo a coreografia. Daí, começamos nossa parceria que durou 03 anos. Só dançávamos se fosse juntos, ele sempre sendo aquele parceiro atencioso que dava o seu melhor e me ajudava sempre para eu dar o meu melhor. Com ele, aprendi que ser parceiro não é só fazer algo junto (no nosso caso, a dança), era se entregar naquilo que se está fazendo, é ajudar a aprender como ele sempre me ajudou, é ter paciência quando sua/seu parceira/o não está em um dia bom pra dançar. Isso tudo ele era comigo. Admiro-o muito por ter chegado aonde chegou e por, através da dança, ter sido meu amigo até hoje... Sobre as coreografias e ensaios, ele sempre foi pontual e paciente. Sempre me ensinando. Me ajudava em tudo o que eu não conseguia aprender, e quando eu me sentia frustrada por não ter conseguido aprender a coreografia, ele sentava comigo e falava que não era assim, que eu era maior que aquele passo, que eu ia conseguir aprender e que, quando isso acontecesse, eu ia surpreender (rsrs)... Sempre me colocava lá em cima, nunca deixava alguém dizer que eu não sabia dançar ou que dançava feio. Ele sempre me ajudava em tudo e, hoje, a quadrilha acabou, mas a nossa amizade continua. Sou grata por tudo! (Rianny, 2019).



Figura 08 - Eu e minha parceira Rianny  
Fonte: Acervo pessoal

*Na semana da grande final do maior concurso de quadrilhas de Sergipe, o Levanta Poeira, realizado pela TV Sergipe, dariam início às aulas da UFS na cidade de Laranjeiras,*

*da qual, até então, eu só tinha informações coletadas na internet. Esse município se localiza a cerca de 18 km de Aracaju, sendo designada como o berço da cultura popular de Sergipe. No dia 03 de junho de 2013 eu precisava ir para Laranjeiras, pois no Campus de lá teria a minha primeira aula à noite. Era a disciplina de Arte e Educação. Uma semana antes meu pai tinha se dirigido à Secretaria de Transporte do nosso município para solicitar um transporte que me levasse até Laranjeiras. Como eu deixei para ir até lá no dia da aula, alguém precisaria me deixar no local, nunca tinha saído sozinho de casa. Eu era um garoto matuto que não conhecia o mundo longe do ciclo da minha região. O secretário de transporte do município afirmou que teria um carro à minha disposição e que eu ficaria no endereço preestabelecido.*

*Às 12h45min da tarde desse dia, o meu pai me levou até a Secretaria de Transporte, pois o carro já estava esperando por mim. A minha surpresa ao chegar lá foi notar que o transporte que iria me levar até Laranjeiras era uma ambulância. Fiquei indignado com a situação, mas não podia fazer nada. Entrei na ambulância e segui o caminho. Informaram-me que, primeiramente, algumas pessoas seriam levadas para clínicas particulares em Aracaju e que, logo em seguida, eu seria levado para Laranjeiras. E, assim, começo a escrever sobre minha história de idas e vindas dentro da faculdade. Ao chegar a Aracaju, o motorista percebeu algo estranho na ambulância. Parou para verificar e foi constatado que algo havia sido quebrado na ambulância e que não seria mais possível me levar até Laranjeiras. Então, o motorista ligou para o seu chefe e contou toda a situação. O chefe ordenou que fôssemos a alguma oficina, até porque a ambulância, no final da tarde, teria que voltar para São Domingos com os pacientes que ficaram nas clínicas.*

*O motorista e eu encontramos uma oficina por volta das 14h30min. Eu fiquei a esperar até às 17h45min. Quando o conserto da ambulância já estava acabando, o chefe do motorista ligou para avisar que o dinheiro do pagamento estava a caminho. Como a noite chegasse, o motorista disse ao chefe que não daria tempo de ir me levar a Laranjeiras, pois as outras pessoas já estavam ligando para dizer que estavam liberadas das clínicas. O motorista me falou que o rapaz que trazia o dinheiro iria me levar a Laranjeiras. Eu já estava tomado pela raiva desde quando vira o tipo de transporte no qual eu seria levado ao meu destino. Somava-se a isso a possibilidade de atraso para o meu primeiro dia de aula na universidade. Pelo horário, talvez eu não conseguisse chegar até lá há tempo. Foi aí que o rapaz do pagamento do conserto apareceu. Ele vinha num carro branco do ano.*

*Já na BR, no novo carro, o motorista, bem simpático, perguntou-me onde eu iria ficar. Falei-lhe que não sabia ao certo; só tinha o endereço em mãos. Daí ele tirou uma brincadeira comigo: “Rapaz, como você sai de sua casa e não sabe pra onde estar indo?”. Expliquei-lhe que se tratava de uma residência universitária, mas que já tinha entrado em contato com duas pessoas da casa. Rimos bastante da situação. Já no centro histórico de Laranjeiras, liguei para o colega que estava em casa e ele me explicou o caminho. Desci do carro, agradeci ao motorista e fui correndo para casa, pois em dez minutos começaria a aula.*

*Ao entrar na casa, perguntei onde seria o meu quarto. Tomei banho, coloquei uma roupa e fui para o Campus da UFS. Chegando lá, todos os calouros foram recebidos pelos veteranos. Fomos colocados em uma sala de aula prática. Pediram que entrássemos descalços na sala. Tivemos ali um bate-papo, os veteranos pintaram as caras dos calouros que permitiram e informaram que iriam aplicar o famoso trote. Ficamos assustados, mas o trote seria simples: sair pelo Campus procurando nossos calçados. Quem não os achasse voltaria descalço para casa e só no dia seguinte os veteranos devolveriam os calçados não encontrados. Foi um tipo de caça ao tesouro, algo bem divertido para relaxar o dia estressante que tinha tido.*

*Ao voltar para casa, fui conhecer os rapazes que iam morar comigo na residência universitária coordenada pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROEST) da UFS. Minha casa era a M-02 de Laranjeiras, a famosa “Capa Bode”. Era uma residência masculina composta por oito estudantes de diversos cursos: arqueologia, museologia e teatro. Apresentamo-nos, conversamos, e eu jantei e fui dormir.*

*Os dias foram se passando e eu ia me adaptando àquela cidade pacata, histórica, com suas belas arquiteturas. Voltei então a São Domingos três dias após minha partida, a fim de poder participar do último ensaio técnico da quadrilha antes da semifinal e final do concurso de quadrilhas da TV Sergipe. A quadrilha junina Xique-Xique, da qual eu fazia parte, ia se apresentar na semifinal do concurso na cidade de Japoatã/SE. Nessa segunda etapa, fomos classificados para a final em Rosário do Catete/SE. Nessa final ficamos no quarto lugar.*

*Já em Laranjeiras, no dia 11 de junho, voltei à UFS. Quando acabou a aula, na volta para casa, meus colegas e eu levamos uma carreira de dois indivíduos que queriam nos assaltar. Consegui correr e só parei em frente à UFS. Amedrontado, os colegas me levaram até minha casa. Nessa mesma noite, por volta das 23h00, chegou até a mim a notícia de que*

*tinham invadido e assaltado uma residência feminina. Todos os outros residentes foram até a casa das meninas para saber se precisavam de ajuda. Ao chegar lá notamos que as meninas estavam bem e que só levaram objetos eletrônicos delas.*

*No dia seguinte, todos os residentes estavam com medo da real situação que se encontrava em Laranjeiras, e ficava pior em todo início de período quando novos alunos iam morar na cidade. Todos os residentes começaram a fazer uma grande manifestação no Campus de Laranjeiras. Resolvi ligar para minha mãe e contar-lhe sobre tudo o que estava acontecendo, e que queria abandonar o curso e voltar para casa. Minha mãe falou que aquilo era normal e que, em algumas cidades, já era rotina. Lembrei que, se eu voltasse para casa, seria pior, pois lá não teria emprego. Continuei e fui quebrando todas as barreiras que existiam em meu caminho.*

*Sobre o curso de Teatro, sempre tive noção de que era para ser professor, pois, para essa área, a UFS só oferecia licenciatura. Com o passar do período, eu via que estava sendo complicado aprender e obter bom desempenho, pois no primeiro período era só teoria e, de outras áreas de conhecimento! E todos os estudantes que entravam no curso pensavam que, no mínimo, existira uma disciplina prática, mas as seis primeiras seriam bases para as*



Figura 09 - Seminário sobre Karl Marx

Fonte: Acervo pessoal

*demais. Foram estas: Arte e Educação, Metodologia Científica, Sociologia, Estética e História da Arte, Psicologia da Aprendizagem e Antropologia.*

*No último trabalho de Antropologia, sugeri ao grupo que fizéssemos algo prático, pois estávamos em um curso de Teatro. Esse trabalho era um seminário sobre Karl Marx. Tive a ideia de fazermos uma entrevista ao*

*vivo, na qual eu me caracterizaria de Karl Marx e alguém ia ser o entrevistador. Todos toparam. Fizemos o seminário e nos saímos muito bem. Karl Marx foi a minha primeira personagem na trajetória da UFS, conforme a imagem acima.*

*Meu primeiro período foi finalizado com ótimos resultados. Consegui ser aprovado em todas as matérias. Nas férias, resolvi ficar em Laranjeiras e cursar duas disciplinas de férias para adiantar um pouco o curso, já que estava com todo o gás; não queria deixar de aproveitar a oportunidade. Nessas duas semanas, pude cursar: Fundamentos das Artes*

*Visuais e Expressões Cênicas do Folclore Brasileiro. Duas matérias que agregaram em minha trajetória na cultura popular e nas visualidades.*

*Nesse meio tempo, fui informado de que Irene de Castro, ex-aluna do curso de Teatro da UFS daria um curso pela Secretaria de Cultura do Estado dentro do projeto “Conto, logo existo!” Achei a proposta interessante e embarquei nas aulas, já que seriam aulas práticas e na UFS não havia tido nenhuma prática até então. Esse projeto durou meses e abordou outros cursos específicos, tais como o Teatro do Oprimido, Maquiagem Teatral e Máscaras para o Teatro. No início de fevereiro de 2014, realizamos uma apresentação no Teatro Lourival Batista, em Aracaju. Fiz parte de duas cenas que resultaram no teatro fórum de Augusto Boal.*

*A imagem que segue é da primeira cena, intitulada “Quem não tem QI?!”. Falava de uma moça chamada Patrícia que recebera uma ligação para ir a uma entrevista de emprego. No dia da entrevista, ela compareceu no local a ser realizado o processo seletivo. Antes de começar a entrevista, a moça que estava fazendo o processo seletivo perguntou se alguém entre eles tinha o famoso QI (quem indicou). Não havendo QI, Patrícia passava a ser oprimida pelos outros concorrentes.*



Figura 10 - Cena "Quem não tem QI"?  
Fonte: Acervo pessoal

*Na segunda cena, “Quero as camisas!”, Paola, uma mulher elegante, dona de uma mansão, resolvia separar algumas camisas para doação e as oferecia a suas funcionárias. Tempos depois, notou a falta de outras camisas e saiu perguntando às suas diaristas quais das duas tinham pegado as supostas camisas desaparecidas, acusando-as de furto, usando do autoritarismo para oprimi-las.*





Figura 11 - Cena "Quero as camisas!"

Fonte: Acervo pessoal

*Essa oficina foi muito gratificante, pois, com ela, pude dar início aos meus projetos e sempre seguir em frente em busca de capacitação profissional. Além de aluno, já começava eu a ver e pensar sobre a práxis pedagógica de quem estava à frente do projeto, observando os pontos positivos e negativos para que, futuramente, quando estivesse à*

*frente de uma sala de aula, como professor, não cometesse algum tipo de erro semelhante aos de alguns de meus professores.*

*No meu segundo semestre da UFS, iniciado no ano de 2014, montei a minha grade curricular com as seguintes disciplinas: Estrutura e Funcionamento do Ensino, Expressão Corporal I, História do Teatro I, Introdução à Filosofia, Introdução à Psicologia da Aprendizagem e Tópicos Especiais de Teatro I. Dentre todas essas disciplinas, a que mais me chamou atenção foi a de Expressão Corporal I. Como o próprio nome já diz, essa matéria trabalharia com as expressões que o corpo consegue executar. Foi a primeira matéria prática ofertada na grade do curso para mim. Nela, comecei a prestar mais atenção no meu corpo, como ele se comporta, corriji a minha postura e me possibilita vivenciar práticas corporais para o teatro e para a dança.*

*Essa matéria era executada com cerca de cinquenta discentes em uma sala prática para aulas corporais. Se eu já amava o corpo pela questão das suas movimentações artísticas, as quais vinha já realizando durante minha trajetória como ator, dançarino e quadrilheiro, foi a partir das aulas do professor George Mascarenhas que comecei a notar que o corpo vai muito além de gestos, movimentos e sentidos. O nosso corpo é uma máquina, e nele podemos descobrir vários caminhos.*

*Em fevereiro de 2014, fiquei sabendo que estava aberto o edital para quarenta bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Vi nesse projeto a oportunidade de começar a viver a carreira de professor, pois a finalidade desse programa era aperfeiçoar licenciados nas práticas pedagógicas, ministrando aulas nas escolas das redes públicas. Seria o momento ideal para eu começar a ser independente*

*porque até então dependia da ajuda familiar para pagar passagens, fotocópias de apostilas, entre outras coisas. Prestei a seleção para uma das quarentas bolsas e fui contemplado. Existiam na época duas coordenadoras desse projeto: as professoras Urania Maia e Alexandra Dumas. Fiquei no grupo da professora Alexandra. Os trabalhos começaram a ser desenvolvidos em março. Posso dizer que no início todos que faziam parte do grupo estavam apreensivos com a nova empreitada. Mas agarramos a oportunidade e seguimos em frente.*

*A ideia da professora Alexandra Dumas era preparar um esquete ou um espetáculo com o tema afro ou contos africanos. Essa imagem demonstra que, antes de apresentar, fizemos várias pesquisas sobre o universo africano para descobrir os seus mitos e verdades. Encontramos um conto sobre Egiogbe. Este era um ser mitológico africano, um rei que previa as coisas. Partimos para a montagem das cenas. Eu representei uma personagem que narrava a história desse ser africano. Após longos meses de ensaios, chegou o dia da primeira apresentação no Campus de Laranjeiras, uma espécie de ensaio técnico.*



Figura 12 - Primeira apresentação de Egiogbe  
Fonte: Alexandra Dumas

*Depois desse ensaio começariam as apresentações nas escolas que iríamos trabalhar: Escola Estadual João Ribeiro (Laranjeiras) e Centro de Excelência Ministro Marco Maciel (atual Centro de Excelência Professora Maria Ivanda - Aracaju). Depois dessas apresentações dar-se-iam início às aulas de teatro nas escolas. Como foi um período de transição do curso de Teatro do Campus de Laranjeiras para São Cristóvão (vizinha a Aracaju), preferi ministrar as aulas no Centro de Excelência Marco Maciel; seria mais cômodo para mim aplicar o projeto do PIBID em uma escola de Aracaju do que ter que voltar a Laranjeiras uma vez por semana para dar aulas.*

*A transição do curso de Teatro de Laranjeiras para o Campus de São Cristóvão foi devido ao terror vivido por nós, estudantes, que morávamos lá e estudávamos à noite no Campus de Laranjeiras. A residência universitária, onde eu residia, tinha sido alvo de dois assaltantes em uma noite. Na residência, nos encontrávamos dois colegas e eu. Tinha eu acabado de chegar da Universidade, jantei com os colegas, lavamos a louça e fomos*



*conversar no quarto do meio. De repente, escutei uma batida na janela, saí do quarto para ver o que era e, ao chegar à cozinha, me deparei com um assaltante apontando uma arma para a minha cabeça, ordenando que eu ficasse calado; senão, atiraria em mim. O outro comparsa foi entrando no quarto e pegando tudo o que lhes interessava. Do nada um colega teve a ideia maluca de chamar todos os outros para o quarto dos fundos, pois ele iria pegar seus materiais para entregar aos assaltantes. Mas um dos assaltantes armados tinha ido até o fundo fiscalizar se havia mais alguém na casa. Esse nosso colega (Romário Portugal) chamou a todos para entrarmos em seu quarto, pois era o único que tinha chave. Ao entrarmos, Romário agiu rápido: bateu a porta na cara dos meliantes, trancando-a em seguida. Começamos a gritar por socorro e os bandidos foram embora levando pertences de outros colegas.*

*Chegou o dia em que os discentes e docentes do Campus de Laranjeiras resolveram se unir para pensarem como trazer os cursos para São Cristóvão. Essa reunião deu-se por conta de um sequestro relâmpago de uma menina do curso de Dança. Em função do acontecimento surgiram as pautas: invasões nas residências, assaltos nos arredores do Campus, medos e traumas de todos os discentes e docentes que frequentavam o Campus no período noturno. Fizemos várias assembleias. Professores e alunos providenciaram toda a documentação necessária e, com muita luta, conseguimos a transição dos cursos noturnos de Laranjeiras para São Cristóvão e/ou Aracaju. Entendíamos que eram transições temporárias. O curso de Teatro ficou alocado no Centro de Cultura e Artes da Universidade Federal de Sergipe (CULTART) e o curso de Dança ficou no Studio Dança na Avenida 13 de julho, ambos em Aracaju. O Campus de São Cristóvão não tinha espaço suficiente para comportar os dois novos cursos.*

*Dessa forma, pensamos que a nossa residência universitária deveria transitar para o Rosa Elze, bairro do Campus de São Cristóvão e, automaticamente, próximo ao CULTART e ao Centro de Excelência Ministro Marco Maciel (CEMMM), onde eu daria aulas. Nós, bolsistas do PIBID, dividimo-nos em grupos para trabalhar diferentes conteúdos do universo teatral nas aulas vinculadas ao PIBID, no CEMMM. O meu grupo era composto por: Aldaci, Taynara, Maria Jéssica e eu. Trabalhamos com a questão da caracterização teatral. A razão de termos escolhido tal assunto se dava pelo fato de estarmos cursando, na mesma época, a disciplina de Caracterização I, ministrada pelo professor doutor José Roberto Sampaio (Roberto Laplagne), dentre os componentes curriculares da graduação.*

*A construção da caracterização de uma personagem vem do estudo a seu respeito e de como essa personagem se mostra e ocupa o espaço. Pensamos nessa ideia de construção das personagens dentro do universo africano, atendendo às Leis 10.639/03 e 11.645/08 do ensino público. Meu grupo e eu, juntamente com os alunos, experimentamos a variação das estéticas na caracterização, dentro do conteúdo africano. Considerávamos sempre o contexto do ver, fazer e contextualizar, de Ana Mãe Barbosa (2007), nas práticas de criação lúdica da caracterização dentro do contexto naquele momento.*

*Nós, bolsistas e professores, tentamos trabalhar com materiais de custo financeiro reduzido para criarmos aulas com base nos Laboratórios de Maquiagem e Figurino para o grande evento que se aproximava na escola: denominava-se “Cortejo Cultural”. Este era um evento no qual o aluno seria protagonista da manifestação. Era uma tradição da escola. De início, achávamos que esse evento atrapalharia as nossas aulas. Houve o contrário: fez com que nossos conteúdos de caracterização fossem bem trabalhados dentro do espaço disponível.*

*Já morando no Rosa Elze, eu tinha aulas sempre no CULTART, o qual fica localizado na Avenida do Prado, no bairro São José, localizado em Aracaju. Davam-se continuidade as matérias de Caracterização I e Improvisação e Interpretação Teatral. Matérias essas que, juntamente com a de Expressão Corporal, me deram forças para continuar nessa formação, pois sempre gostei das práticas corporais e visuais de uma cena e/ou das questões sociais. É interessante pensar sobre a caracterização de uma personagem para se fazer presente nos lugares. Muitas vezes, eu me pegava relacionado ao meu corpo, tendo em vista as expressões e o visual propostos em todo o meio artístico de que fiz parte como dançarino, ator e performer.*

*Em meio a todos esses acontecimentos, surgiu minha primeira paixão, e por que não dizer, meu primeiro amor. Graças à disciplina de Caracterização I, tive que participar de um desfile com roupas construídas por cada aluno, usando materiais recicláveis ou de baixo custo financeiro. A construção desses figurinos saiu diretamente das personagens da peça teatral “A megera domada”, de William Shakespeare. Após a finalização das roupas, foi marcada a data desse desfile. Chegou o dia do desfile, cada criador vestindo sua criação e mostrando os trabalhos manuais criados ao longo do período. Como em todo o desfile há suas sessões de fotos, uma delas acabou sendo publicada na página do Facebook de um colega que, automaticamente, me marcou na postagem. Ao chegar em casa, olhando a minha página do Facebook, notei que várias pessoas tinham curtido aquela foto, e que uma*

*daquelas pessoas chamou minha atenção. Comecei a stalkear o perfil da pessoa. Algo diferente surgiu dentro do meu ser. Na mesma hora, mandei-lhe um cutuque pelo Facebook e, dias depois, reparei que o cutuque foi recíproco. Resolvi mandar mensagens via direct no Facebook e a conversar com ele. Tudo começou a fluir. Passamos um mês conversando até que descobrimos por acaso que morávamos no mesmo condomínio.*

*Várias vezes tentei marcar um encontro e a pessoa sempre fugia do assunto, dizendo que não podia ou que estava tarde e precisava dormir para acordar cedo. Até então sempre compreendi o posicionamento dessa pessoa e a respeitei. Em uma manhã amanheci doente e fui à farmácia para comprar remédios. Em retorno ao condomínio, notei ao longe a silhueta dessa pessoa por quem eu estava cultivando um sentimento que nunca tinha tido antes. Resolvi aumentar os passos para passar por ela fingindo que não a conhecia. A pessoa falou meu nome e perguntou se eu estava bem; respondi-lhe que não, pois estava vindo da farmácia e tinha comprado remédios para tomar. A pessoa me desejou melhoras e que depois íamos conversar.*

*No dia seguinte, convidei a pessoa para conversarmos próximo à piscina. Ela disse que não ia sair de casa já tarde da noite para conversar. Retruquei dizendo-lhe que não podíamos deixar de fazer algo naquele momento visto que depois poderia não haver uma outra oportunidade. Disse que estaria aguardando próximo à piscina e que em dez minutos queria a sua companhia. Passados os dez minutos, estávamos frente a frente conversando. E dali surgiu uma grande amizade. Mas o meu sentimento era maior que amizade, pois gostava muito dele, passava o dia inteiro pensando em sua presença.*

*Começamos a frequentar um a casa do outro, saíamos juntos, até que, na noite de 24 de dezembro de 2014, aconteceu o primeiro beijo. Esse beijo durou três meses para surgir. Esse beijo ocorreu por conta da minha ousadia. Nossas andanças pelo condomínio em altas horas da noite já estavam frequentes. Foi nessa noite que lhe lancei uma proposta: imaginássemos que no fundo do condomínio, um lugar imaginário e lúdico, nós éramos personagens, e teríamos que criar uma história naquele novo espaço. Usei o universo teatral como artifício para chegar ao meu objetivo final. Mas, como todo jogo tem as suas regras, aquela história que seria criada ali poderia se tornar real se ambos quisessem; caso contrário, a história ficaria apenas nos fundos do condomínio e a vida seguiria sem perdermos a amizade. Ela topou em participar desse jogo imaginário, e eu, que não era bobo, começava a conduzir o caminho, até que chegamos no meio dele e rolou um beijo. Ficamos. No dia seguinte, viajamos cada um para o seu interior.*

*Em janeiro de 2015, depois do recesso acadêmico de final de ano, voltamos a nos ver e começamos a ficar com frequência. Até que não houve mais jeito e nos pegamos em namoro, embora não afirmássemos isso. Com essa pessoa vivi momentos incríveis dos quais jamais esquecerei. Namoramos cerca de nove meses. Uma ótima pessoa que sempre me apoiava em tudo o que eu fazia e estava sempre comigo em projetos teatrais. A pessoa é amante do universo artístico, possui a arte da escrita, através de poesias, crônicas, contos, etc. Agradeço ao Universo e àquela foto que nos uniu. Pois a arte inspira a arte e faz com que dois seres vivam e compartilhem bons e péssimos momentos. Apego-me a esse grande momento da minha vida por sobre a música Crazy in love, de Beyoncé (feat. Jay-z). Essa canção está presente na trilha sonora do filme Cinquenta tons de cinza (2015). Abaixo, um trecho da letra traduzida:*

*Eu olho tão profundamente em seus olhos  
Eu toco você cada vez mais e mais  
Quando você sai eu te imploro para não ir  
Chamo seu nome duas ou três vezes  
É algo tão engraçado pra eu tentar explicar  
Como eu estou me sentindo e meu orgulho é o único culpado, sim  
Porque eu sei que não entendo  
Como o seu amor consegue fazer o que ninguém mais consegue*

*Fazendo uma análise desse trecho com a nossa história, afirmo que a nossa relação foi intensa e, com um único olhar profundo na alma, venho reafirmando que nossa bela história começou por conta de uma simples foto em uma rede virtual (social), e transbordou um amor puro. Sempre retorno aos momentos que vivemos e fico a imaginar como tudo poderia ter sido diferente se ao menos uma palavra fosse pronunciada por mim: “sim”. Hoje em dia, é engraçado tentar explicar o que não tem explicação. Por causa do meu orgulho idiota daquela época, hoje, acredito que eu fui o maior culpado. Seu amor era transparente e eu fui ficando obscuro, com medo, sem lhe dar o espaço merecido. Mas foi eterno enquanto durou. Um de nossos lemas: “que seja eterno enquanto dure e, se o relacionamento acabar, seremos eternos amigos”.*

*Em meio a essa história de amor, a vida continuava pregando peças. No mês de abril de 2015, resolvi entregar a minha bolsa de iniciação à docência para a coordenadora da época, professora doutora Letícia, pois não estava me sentindo acolhido no projeto, já que a sua idealizadora, professora doutora Alexandra Dumas, estava em licença e partira para*

*a França para cursar seu pós-doutorado. Minha saída do PIBID deu-se por conta de conflitos que aconteceram entre mim e a coordenadora. Sempre fui um bolsista prestativo, corria atrás de informações a respeito de coisas para dar visibilidade ao nosso grupo do PIBID. Em uma das reuniões, falei a coordenadora que o ideal éramos fazer uma camisa, um tipo de uniforme para nós bolsistas irmos dar aulas uniformizados. A coordenadora disse-me que já tínhamos tentado fazer isso no ano anterior, mas, como era ano político, não podíamos, pois a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) não liberaria verbas e, além do mais, não poderia fornecer a logomarca para ser impressa nas camisas.*

*Nesse mesmo dia, percebi que haveria dois encontros do PIBID no Brasil: um no Nordeste e o outro, um encontro nacional no estado do Rio de Janeiro. A coordenadora começou a insinuar que eu estava no projeto por interesses e não pelos conhecimentos. Começamos a discutir perante todos os bolsistas. Encerrado esse encontro, solicitei uma conversa particular com ela e entreguei a minha vaga no projeto. À noite, notei que tinha feito besteira devolvendo a bolsa. Até então essa bolsa era a minha única fonte de renda para me manter dentro da UFS sem ajuda financeira familiar. Tentei reverter a situação a meu favor, conversando com a coordenadora do Núcleo de Teatro (NTE) da UFS, a professora doutora Urânia Maia. Ela me pediu que eu redigisse uma carta contando todo o ocorrido. Ao chegar em casa, redigi esse documento da seguinte forma, tentando uma possível transferência de grupos:*

Olá, Professora Urânia! Aqui é Walisson Bispo. Recentemente, entreguei a minha bolsa do PIBID de que fazia parte sob a coordenação da professora Letícia do NTE. Vários motivos levaram-me a essa decisão, mas destaco aqui dois dos principais: primeiro, neste segundo ano do projeto, optei por não participar das atividades artísticas, mas apenas participar das atividades da docência; em segundo lugar, conforme o andamento e o término do primeiro ano do projeto, achei por bem solicitar à minha orientadora o certificado geral das atividades realizadas. Esses motivos, numa reunião do projeto, fizeram-me entrar em desacordo com a minha orientadora, professora Letícia, pois ela pareceu não entender os meus motivos ou não quis atender aos meus direitos enquanto bolsista do Programa.

Eu soube que, em breve, o seu projeto do PIBID terá uma vaga à disposição, visto que uma aluna precisará entregar sua bolsa. No momento, encontro-me sem a bolsa do projeto e, no entanto, não posso me manter academicamente bem, tampouco obter bom desempenho nos estudos sem estar amparado em nenhum auxílio financeiro da Universidade. Preciso muito de uma bolsa. Por isso, venho por meio deste solicitar o preenchimento da vaga do seu projeto, a fim de prosseguir bem

academicamente, no intuito de tornar-me um bom profissional futuramente, atuando e desenvolvendo práticas eficazes ao meu aperfeiçoamento na área.

Desde já, agradeço antecipadamente a sua compreensão e estou aguardando o seu retorno, expressando-lhe meu maior apreço. (Walisson, 2015).

*Ao receber o meu e-mail, a professora Urania o encaminhou para a coordenadora geral do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a professora doutora Gicélia Mendes. Assim sendo, ela escreveu o seguinte parecer:*

Minha querida,

Sou sensível ao caso do aluno, mas não posso abrir mão da coisa correta. Ele perdeu a vaga e precisa, para voltar, concorrer novamente, porque estamos com um edital aberto. Se fizermos de modo diferente, podemos ser questionadas futuramente. Se não estivéssemos com um edital aberto o arrependimento dele de solicitação de exclusão poderia ser revisto. (Gicélia, 2015).

*Com a resposta da coordenadora Gicélia em mãos, resolvi participar desse novo edital de seleção. Fiz minha inscrição e fui à entrevista. Ao entrar na sala, me deparei justamente com a minha antiga orientadora do PIBID; ela é que ia me entrevistar. Só sei que dos oitos candidatos que participaram dessa seleção eu fiquei na oitava colocação, sendo que já tinha experiência de um ano no programa. Fiquei na lista de espera cerca de um ano e meio e só depois fui chamado para ocupar o meu lugar, de onde nunca devia ter saído. O interessante é que só foi a professora Alexandra voltar de seu pós-doutorado da França e assumir novamente o seu cargo de coordenadora que tinha deixado nas mãos da professora Letícia. Com alguns meses, voltei a ser bolsista do PIBID e a compartilhar experiências.*

*Diante desses acontecimentos, eu acredito que tudo tem um porquê. Um mês depois do período em que fiquei sem o PIBID, a professora Urania entrou em contato com o professor José Roberto Sampaio (Roberto Laplagne), e juntos, conseguiram uma vaga no projeto de extensão: Recortar, copiar e colar (PIBIX/UFS). Orientado, então, pelo professor Roberto Laplagne, voltei a ser bolsista e comecei a trabalhar dentro do universo das visualidades.*

*O desenvolvimento do projeto PIBIX (“Recortar, copiar e colar”) foi voltado para a capacitação de artistas, estudantes de artes, professores e interessados em ingressar no*

*universo da criação artística, trabalhando-se com a restauração de objetos e mobiliários de espaços públicos e privados, por meio da papietagem, utilizando-se de materiais recicláveis, incentivando a conscientização ecológica, contribuindo para um planeta sustentável, com a reutilização de materiais que geralmente são descartados no meio ambiente. Segundo Antoine Laurent Lavoisier, “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Essa frase se encaixava perfeitamente naquele projeto, pois os procedimentos de recortar, copiar e colar visavam a uma ressignificação ligada ao estudo das artes visuais. Podemos ilustrar como referência o trabalho do artista plástico Vik Muniz no aterro de lixo do Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro.*

*Inicialmente, na pesquisa, elaboramos cronogramas para o desenvolvimento das atividades propostas em três módulos, tendo como base três grandes eixos pedagógicos e temáticos: 1) o estudo da história da arte e do teatro relacionado aos elementos visuais da cena; 2) as técnicas de pesquisa de cores e texturas a partir da pesquisa em jornais, revistas, materiais de outdoor, cartazes, panfletos e outros; 3) a aplicação pedagógica das técnicas, investigando a sua eficiência como produto artístico e ferramenta de ensino. Depois dessa etapa, iniciamos a parte prática com oficinas de processo de papietagem e restauração de objetos e mobiliários, apresentando-lhes um novo visual e, consequentemente, ressignificando-os. Nesse sentido, foi exibido, numa sala do CULTART, o documentário Lixo Extraordinário, sobre o trabalho do artista plástico Vik Muniz. Logo após, houve debate voltado ao tema da reciclagem de materiais entre os presentes. Dias depois, ainda no CULTART, realizamos oficinas de ressignificação dos objetos e mobiliários de espaços públicos, privados e de bens de consumo dos participantes.*

*Ao iniciarmos as atividades, o projeto sofreu algumas rejeições pelos participantes, visto que ainda neles havia o desconhecimento dos seus impactos diretos na sociedade. Mas, na reta final do projeto, o público alvo se mostrou envolvido e cada vez mais capacitado a respeito do processo de ressignificação dos objetos. Desse modo, foi muito gratificante dar continuidade ao projeto, onde pudemos construir significados diversos sobre as artes e meios iniciais de contribuir para a evolução da humanidade através das questões ecológicas. Os resultados alcançados foram: i) a ressignificação de alguns armários do Núcleo de Teatro da UFS; ii) papietagem e ressignificação de vários objetos pessoais como quadros, cadeiras, cômodas, mesas, bancos, armários, vasos de decorações, portas, caixas, cestos, entre outros objetos, da comunidade envolvida.*

*O projeto “Recortar, copiar e colar” tinha o objetivo de trabalhar com vinte professores de artes da rede pública de ensino do município de Laranjeiras/SE. Porém, isso não foi possível devido a alguns acontecimentos: a transferência do curso de Teatro do Campus de Laranjeiras para o Campus de São Cristóvão, por conta da violência que estava rondando a cidade. Foram feitas algumas alterações na proposta final e o projeto foi desenvolvido no Campus de São Cristóvão, contando com a comunidade interna e externa e o CULTART. Com o projeto, contribuímos para a sociedade de diversas formas: capacitando as pessoas para uma perspectiva conceitual, estética e crítica de elementos presentes no dia a dia, bem como para a formação profissional dos alunos e professores envolvidos por meio da intervenção direta no meio social. Utilizando experiências pedagógicas e criativas, através de metodologias de pesquisa, é possível introduzir técnicas do ensino das artes visuais, trazendo, assim, alternativas eficazes para o universo do teatro no que diz respeito à confecção de cenários e adereços.*

*Sou grato aos ensinamentos que obtive nesse projeto. O professor Sampaio foi mais do que um simples mestre. A partir do encontro que tivemos na disciplina de Caracterização I, ele e eu (ainda como bolsista de iniciação a extensão) criamos laços de amizade que serão para a vida toda. No fim do túnel, sempre existirá uma luz, e essa luz, naquela época, foi esse grande cara. Deus escreve certo por linhas tortas. Eu pensava que a minha saída do PIBID tinha sido uma decisão incorreta, mas, hoje, vejo que foi importante. Estava muito acomodado. Depois da minha saída, passei por apuros, mas corri em busca de novas metas. Participei de três projetos de extensão, sendo que o primeiro foi com o professor Sampaio e os outros dois foram no ano de 2016: “Sete contos de cangaço e uma peleja com a morte” (coordenado pela professora Urania Maia) e “Pirlipatinha e a castanha de cajuauçu: um mergulho interdisciplinar na cultura sergipana”. Três projetos muito relevantes em minha trajetória acadêmica, onde trabalhei com visualidades, dramaturgia, corpo e cultura popular.*

*Ainda em 2015, comecei as práticas dos Estágios I e II. Meu primeiro estágio foi realizado no semestre de 2015.I, junto com a colega de turma, Taynara, no Colégio Estadual Professor Hamilton Alves Rocha, localizado no conjunto Eduardo Gomes, em São Cristóvão/SE. Foi um estágio apenas de observação de atividades pedagógicas, onde observávamos a instituição, o docente e discentes em sala de aula. Nesse período, conheci a professora Márcia Baltazar que ministrava a disciplina de Didática Aplicada ao Ensino de Teatro. Notei que ela era uma professora muito exigente e que tinha uma metodologia*



*diferente de todos os outros docentes do departamento. Realmente, eu não curtia aquela metodologia, achava muito radical a forma com que ela avaliava o aluno; era um tipo de média que ela fazia para resultar na nota final. Foi nessa matéria que tive uma das minhas piores médias no curso: 5,5. Mas foi nessa matéria que pude conhecer mais sobre as práticas corporais, a exemplo de uma chamada de Técnica de Klauss Vianna: o acordar do corpo, a sensibilização dos vetores que o nosso corpo possui. Essa técnica viria a ser algo muito importante para as minhas práticas pedagógicas. Fiquei encantado, querendo participar de um projeto de iniciação científica caso ela ofertasse futuramente.*

*No semestre de 2015.2, dei o pontapé inicial ao Estágio II. Taynara e eu fizemos uma parceria com outro colega de turma, David. Fomos os três estagiarmos em uma escola municipal de São Cristóvão. Lá, trabalhamos as questões do fazer teatral, já que no ensino tradicional brasileiro os alunos estão acostumados com aulas tradicionais, ensinamentos mecanizados. O nosso objetivo central era realizar diversas atividades dinâmicas de teatro em sala de aula, de modo a levar os alunos a refletirem sobre a importância e utilidade dessa arte para as suas vidas. O estranhamento por parte dos alunos nos instigou bastante. Propusemos aulas bem criativas e estimulantes, procurando sempre dar ênfase ao tema do cangaço, mas pensando no que poderíamos refletir sobre os orifícios que existiam dentro desse tema. Levamos referências de imagens e vídeos sobre a temática. Trabalhamos com a abordagem triangular de Ana Mãe Barbosa (2007) nas possibilidades criativas ao ensino da arte, através do ver, fazer e contextualizar. Pensando na proposta de expor algumas cenas ou fazer uma leitura dramática sobre o tema do cangaço, buscamos, a partir disso, uma reflexão sobre o papel que foi dado à mulher pela sociedade, através do tema proposto. Amparamo-nos em Barbosa (2007):*

*A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca (BARBOSA, 2007, p. 34).*

*Em uma determinada aula do estágio, conforme a imagem apresentada, ficamos surpresos ao entrarmos na sala de aula e prestigiarmos uma cena de casamento: era a representação de um casamento no cangaço e a figura marcante da mulher nele. A cena tinha sido criada pelos alunos e mostrada para nós, professores estagiários. Foi nesse estágio que eu pude ter a certeza de que o ofício de ser professor não seria fácil, pois nele passei por várias provações, mas, com a ajuda dos meus colegas, pude vencer várias limitações e seguir em frente. Assim Taynara comenta sobre essa nossa experiência no Estágio II:*



Figura 13 - Encenação de casamento em aula de estágio II  
Fonte: Acervo pessoal

Diante de toda a experiência que pude ter a oportunidade de compartilhar com Walisson em sala de aula, as mais interessantes foram as competências e responsabilidades para com o seu trabalho e seus alunos. Em suas práticas, a apreciação pelo corpo e a facilidade com o qual tinha em elaborar projetos e planos de aula eram infalíveis. Lembro-me bem de algumas atitudes, atividades improvisadas em nossos estágios durante a graduação de Teatro. O domínio em pensar e agir rápido de forma improvisada que necessitava de uma mudança de plano em algumas aulas que ministramos juntos, faz dele um grande professor/educador que sabe lidar com os desafios encontrados nessa área tão árdua e ao mesmo tempo tão divina que é a docência. (Taynara, 2019).

*Como já dito antes, eu sou residente universitário da UFS. Com a transferência do curso de Teatro do Campus de Laranjeiras para o Campus de São Cristóvão, tive que me mudar para residência de alunos em São Cristóvão. Não compartilhando da proposta feita pelo setor que coordena a assistência estudantil da UFS, tive que aceitá-la mesmo assim, pois não teria condições financeiras de alugar uma casa e morar sozinho. Saí, pois, da residência masculina (M-02) de Laranjeiras e fui alocado na M-12 de São Cristóvão, que fica bem mais próxima da UFS. De início, foi complicado deixar colegas que já conhecia há dois anos para poder começar a uma nova fase de adaptação a novas pessoas. Na nova casa, havia estudantes das áreas de exatas, biológicas e apenas um aluno de humanas. Com*

*o tempo, fui ganhando espaço e criando laços de amizade. Eis aqui algumas palavras de um desses amigos que encontrei:*

Walisson Bispo do Espírito Santo, ao entrar na residência universitária, apresentou ser uma pessoa bastante reservada, de poucas palavras. As poucas vezes que o via na casa, falava apenas o necessário, passava a maior parte ocupado com seus afazeres da faculdade. Mas, com o passar do tempo, laços de amizade foram sendo firmados, fazendo emergir sua verdadeira personalidade, sendo uma pessoa de mente aberta, que sabe se posicionar quando a ocasião exige, bastante atenciosa com todos ao seu redor, mostrando-se estar disposto a ajudar o próximo sempre que necessário. Por fim, um ponto bastante importante a ser mencionado é a admiração pelo curso de Teatro, pois seus olhos brilham quando, no desenvolver duma conversa, ela se direciona para as diversas artes que nos cercam. (Ivo, 2019).

*Chegando em 2016, comecei o ano em sufoco, mesmo morando em residência universitária mantida pelo governo federal. Havia, a todo o momento, coisas a serem custeadas para o curso e para a vida pessoal. Sem nenhuma condição financeira, sem trabalho, sem bolsa da UFS. No mês de fevereiro, recebi uma mensagem virtual a respeito de uma entrevista para ocupar uma vaga de estágio não obrigatório na Secretaria de Educação (SEED). Nem lembrava que tinha feito a inscrição para tal estágio. Só depois é que fui lembrar que tinha demonstrado interesse para essa vaga entre o final de 2014 e início de 2015. Como católico não praticante, mesmo assim, sempre agradeço a Deus pelas oportunidades existentes em minha vida. Quando imagino não existir mais nenhuma porta, Deus sempre está ali abrindo, no mínimo, uma janela.*

*Compareci no dia e local agendados para ouvir a proposta, a qual aceitei na hora. No mesmo dia, assinei o contrato. Logo comecei a trabalhar. Era um estágio voltado para a parte artística, onde tivemos que montar uma apresentação com o tema da Aedes Aegypti (mosquito da dengue). Éramos oito estagiários e conseguimos montar um esquete, sendo coordenado pelo ator e diretor teatral Jorge Lins. O esquete foi nomeado de “O gran circo bugiganga contra o Aedes Aegypti”. A ideia da SEED era levar algo lúdico para as escolas de toda a rede do estado de Sergipe. Por motivos administrativos, Jorge Lins deixou a coordenação e o professor Manoel Cerqueira assumiu o seu posto. A nossa equipe realizou projetos criativos e inovadores. Esse ano foi muito produtivo, e, dentro desse estágio, pude passar uma mensagem de conscientização de prevenção às doenças transmitidas pelo mosquito.*

*Minhas personagens no esquete foram o Palhaço e o Super Gente (super-herói). Iniciava a apresentação sendo um palhaço que vinha anunciar as atrações do circo, atrações essas que não apareciam devido as doenças com que cada um se encontrava por causa da transmissão feita pelo mosquito. A segunda personagem era um super herói que tinha a missão de combater os mosquitos da dengue. No decorrer da cena, os mosquitos debochavam da cara do Super Gente e do seu criador, o Doutor Maluco, personagem feito pelo amigo Raul Henrique. Assim significou o teatro da SEED aos olhos de Raul Henrique:*

A vivência do estágio na SEED foi muito importante para a nossa formação enquanto educadores e atuantes da cena teatral nas escolas do estado e também em escolas parceiras (principalmente as de Aracaju e Nossa senhora do Socorro). Estivemos em “turnê” com uma esquete que falava diretamente sobre a importância do combate ao *aedes aegypti* e na presença de ótimos funcionários públicos como Nadja Nayara, Manuel Cerqueira e Clara, que nos incentivavam e nos direcionavam a tomar boas escolhas. Além disso, as relações entre nós, estudantes de Teatro, começou a se estreitar ainda mais, sendo possível analisarmos as nossas evoluções de atuação, transpondo os medos e inseguranças de estarmos no palco para a segurança e o companheirismo. Foram tempos maravilhosos e, em outros momentos, tensos também. No entanto, as lembranças e aprendizagens, em sua maioria práticas, devem ser preservadas para que futuramente possamos ser profissionais ainda melhores. (Raul, 2019).

*Já no preparo para o novo espetáculo junino, fiquei encarregado de montar o teatro da quadrilha junina Xique-Xique da qual eu participava. Montei o enredo juntamente com a equipe organizadora. Mas, infelizmente, o meu enredo foi deixado de lado e o presidente da quadrilha criou um novo. Mesmo assim, não deixei me abater e continuei junto à equipe organizadora do espetáculo junino. Viajava de quinze em quinze dias para o interior a fim de ensaiar as coreografias juninas, pois não tinha condições financeiras para estar lá todos os finais de semana. E sempre nos ensaios já tinha um olhar mais profundo para os corpos dançantes e suas expressões cênicas no espaço.*

*Em abril desse mesmo ano, fiquei sabendo que estavam abertas as inscrições para professor/bolsista do Instituto Federal de Sergipe (IFS), Campus de Aracaju. Demonstrei interesse nas vagas ofertadas no edital, fiz a minha inscrição e, no dia da entrevista, dirigi-me até o Campus do IFS de Aracaju pensando que seria entrevistado lá mesmo. Ao chegar no local, dez minutos antes do início da entrevista, fiquei sabendo que ela seria realizada na reitoria da instituição. No momento, fiquei desorientado, mesmo que desejasse ter aquela experiência no meu currículo. O peso de uma instituição federal no currículo pode fazer uma grande diferença no futuro do profissional de licenciatura. Busquei entrar em contato*

*com o pessoal do prédio da reitoria, tentando reagendar a minha entrevista para outro momento. Eles falaram que entrariam em contato para agendar uma nova data. Esperei tempo demais. Nunca ligaram para reagendar a entrevista.*

*No início do período de 2016.1 na UFS, comecei o meu terceiro estágio. Continuei com as parcerias dos estágios anteriores. O nosso trabalho começava a emplacar, um dando suporte quando o outro precisava. Trabalhamos com novas temáticas que abrangiam medo, angústia e opressão. Com uma metodologia específica para aulas de teatro, com base nos trabalhos de Viola Spolin, Augusto Boal e outros estudos relacionados à angústia, performance e à abordagem triangular de Ana Mãe Barbosa, a proposta era trabalhar com as possibilidades criativas no ensino do teatro, através do ver, fazer e contextualizar. Nesse sentido, pensamos em expor algumas cenas ou atos performáticos sobre o tema da angústia vivida tanto no âmbito escolar quanto na sociedade, a partir de dados de recortes de jornais ou cenas já vistas em alguns filmes.*

*Nesse terceiro estágio, procuramos desenvolver nos alunos a capacidade de percepção do mundo ao seu redor, de forma mais clara, trazendo possibilidades de soluções imediatas para o tema proposto. Não posso negar que isso foi um pouco complicado por conta da faixa etária dos alunos. Ficamos com os alunos do ensino médio, e eles relatavam que o medo, a angústia e a opressão eram bem frequentes nas vidas deles em sociedade. Durante as atividades do estágio eles acabaram notando que, muitas vezes, as nossas angústias surgem mediante o sentimento de solidão que nós mesmos guardamos em nosso interior.*

*Os festejos juninos já se aproximavam e a minha quadrilha encontrava-se em fase de finalização dos últimos detalhes do espetáculo “São João é coisa de cinema”. Começamos a sair em turnê. Nesse ano, conseguimos até viajar para um concurso de quadrilhas bem famoso ocorrido na cidade de Jeremoabo, no estado da Bahia. A quadrilha conseguiu alugar um ônibus com a ajuda da comunidade, pois o poder público não queria liberar o transporte já que o concurso acontecia em outro estado. Fomos para o concurso e conseguimos ficar em segundo lugar. Trouxemos o troféu com o gostinho de primeiro lugar.*

*A imagem aqui posta me fez lembrar que, nessa mesma semana, surgiu a vaga para um brincante na quadrilha junina Mandacaru, do povoado Brito Velho, do município de Campo do Brito, por motivo da desistência de um de seus dançarinos. Meus amigos Luciana e Hudson, que dançavam na junina Xique-Xique e que eram seus destaques, fizeram-me o convite e apontaram-me o desafio de usar todas as coreografias da nossa junina para dançar na Festa da Pastoral que seria realizada nos próximos cinco dias. Acatei na hora a proposta, até porque, como brincante junino, não podia deixar me abalar com desafios que pudessem vir a acontecer.*



Figura 14 - Quadrilha junina Mandacaru 2016  
Fonte: Acervo pessoal

*Então, comecei os ensaios e consegui acompanhar toda a evolução da junina Mandacaru. O seu propósito era brincar o São João, comemorando a produção local e reafirmando os laços de amizade daquela comunidade.*

*Por volta do mês de junho de 2016, fiquei sabendo que a professora Baltazar tinha inscrito um projeto de iniciação científica pelo seguinte edital: 02/2016/COPES/POSGRAP/UFS. Esse projeto se intitulava “Pedagogia do corpo criador ou teatro” e era dividido em três planos de trabalhos: i) técnica de Klauss Vianna para atores; b) técnica de Klauss Vianna para a docência em teatro; c) técnica somática para a saúde. Ao encontrar a professora Márcia na UFS, falei-lhe que tinha demonstrado interesse nos três planos de trabalho, visto que o meu intuito era participar de uma pesquisa antes de terminar a graduação. E a pesquisa dela seria muito importante para minhas práticas futuras enquanto docente. Como dito antes, tenho um grande interesse pelas práticas corporais e aquele PIBIC seria muito importante para os três pilares que regem o meu estudo: ensino, pesquisa e extensão. Algum tempo depois, recebi a notificação de que fora aprovado para desenvolver o plano da técnica de Klauss Vianna para a docência.*

*No meio de tudo isso, eu era brincante da Quadrilha Junina Xique-Xique, de São Domingos, e, nesse ano de 2016, as apresentações ocorriam durante os meses inteiros de junho e julho. Na primeira reunião do PIBIC, a professora Márcia disse que me viu*

*dançando quadrilha nos festejos juninos da orla de Atalaia e que achou incríveis as coreografias propostas pela minha junina. As coreografias eram bem marcadas e dançantes. Ela sugeriu acrescentar a quadrilha junina dentro do meu plano de trabalho. Aceitei prontamente a ideia, pois, como sempre fui brincante da manifestação cultural e dançarino de quadrilha profissional, vi ali uma grande oportunidade de fazer algo inovador no cenário junino, ousando por meio de uma técnica de consciência corporal e deixar isso registrado academicamente. No entanto, começamos a imaginar como seria a aprendizagem do processo lúdico e do processo de vetores da técnica Klauss Vianna. Partindo disso, o meu plano de trabalho foi renomeado: “Técnica de Klauss Vianna para docência em teatro: quadrilha junina”. Além de mim, havia mais três colegas dentro desse projeto: Jeyson Lucena, que ficou com o plano de trabalho da saúde, e Alaiton Torquato e Felipe Mascarello, que desenvolveram o plano da técnica para atores. Dessa forma, ficou cada um com seu subprojeto dentro de outro maior.*

*Ao longo dos encontros de iniciação científica do grupo de pesquisa na UFS, que começaram em agosto do ano de 2016, os alunos envolvidos foram tendo aulas sobre os tópicos corporais do processo lúdico, aulas essas que resultaram no processo das interações com todas elas. No dia 12 de agosto, foi estudado o tópico presença. Nós fizemos alongamentos e aquecimento a partir dos pés, explorando os níveis alto, médio e baixo, percebendo e eliminando as tensões do corpo. Trabalhamos o corpo neutro e a presença no espaço. Na semana seguinte, trabalhamos as articulações, alongamentos e aquecimento a partir dos pés, explorando novamente os mesmos três níveis, conhecendo e localizando as articulações do corpo com o auxílio de um mapa da estrutura óssea. Experimentamos, então, as possibilidades dessas articulações.*

*Em 1º de setembro, trabalhamos os apoios do corpo em superfícies: percepção do peso do corpo no chão, experimentação da distribuição do peso para acionar os apoios em várias ações. No encontro seguinte, foi a vez da resistência. Analisando os apoios passivos e ativos, fizemos um jogo chamado de “pantera”, trabalhando a força e a tridimensionalidade do corpo, jogo esse no qual fizemos um pequeno círculo e um participante se dirigia até o centro e fechava os olhos, e os demais tentavam batê-lo ou tocá-lo em determinadas partes do corpo que estava no meio do círculo. Nesse momento, o indivíduo tentava se desviar dos toques dos outros participantes. Já no encontro do dia 15 de setembro, continuamos com os apoios e focamos muito no apoio ativo, analisando a*

*percepção dos pés ao caminhar (para a frente, para os lados e para trás). Utilizamos-nos da parede para auxiliar o nosso conhecimento de apoio ativo e de resistência.*

*No dia 16 de setembro, pude dar início ao meu laboratório de experimentação de procedimentos didáticos de ensino dos fundamentos da técnica de Klauss Vianna aplicada à quadrilha junina. Com um colega do grupo, escolhi uma música do meio junino e fui passando o passo a passo dos movimentos até montar uma coreografia. Inicialmente, falei-lhe que todo o processo precisava de foco e atenção, ou seja, é preciso estar em estado de alerta, em estado de presença, com o corpo alinhado, trazendo uma consciência de seu eixo global. Partimos para o processo holístico de caminhar e saltar usando os apoios ativos e passivos, não esquecendo da resistência e trabalhando sempre com oposições de duas forças, pois quadrilha junina é composta por casais de homens e mulheres.*

*A cada passo colocado na coreografia, notei que o meu parceiro estava sem entender a questão dos apoios passivos e ativos. Dessa forma, fi-lo se lembrar da primeira lei de Newton: “Um corpo em repouso tende a permanecer em repouso, e um corpo em movimento tende a permanecer em movimento”. Conclui-se que um corpo só altera seu estado de movimento se alguém ou alguma coisa aplicar nele uma força resultante diferente de zero. Ou seja, teríamos que aplicar um movimento para que o corpo começasse a se movimentar e usar o apoio ativo. Qualquer pessoa que tende a experimentar algo novo sempre começa com medo e cheio de tensões. Cabe àquele que está ensinando tentar desconstruir o bloqueio do aluno e ir mostrando as questões do processo lúdico, transformando os movimentos para seguir em frente no processo. Depois de contribuir para desconstruir o medo do colega de trabalho, o processo fluiu e chegamos a montar uma coreografia.*

*Nesse momento já começava a surgir uma parte do material didático para a decomposição dos passos dentro da coreografia junina. Eu começava a pensar na criação do futuro material didático que teria de construir para ser o produto teórico final dessa minha pesquisa. Como ser brincante do movimento junino, selecionei algumas coreografias e músicas para poder sistematizar meu material didático. A cada encontro do grupo de pesquisa, cada pesquisador tinha um tempo determinado para ir apresentando os resultados de suas pesquisas individuais. Como o meu trabalho estava a todo o vapor, decidimos elaborar um cronograma de aplicação da minha pesquisa na comunidade interna e externa da UFS. Nessa época, eu ia começar o meu 4º estágio do curso de licenciatura em Teatro. Em conversa com minha orientadora, foi sugerido que o meu estágio fosse um “Curso Livre de Quadrilha Junina”, onde eu desenvolveria o componente curricular obrigatório do*



*ensino em espaços não formais e poderia colocar minha pesquisa em prática com pessoas interessadas a participarem desse curso. Então, a sua finalização seria um produto artístico da minha pesquisa. Resolvemos, assim, estudar a técnica, criar um material didático de ensino de passos e coreografias para quadrilha junina, aplicar essa sistematização e, por fim, ter o trabalho prático registrado.*

*Em meio a tudo isso, foi lançado um novo edital para professor/bolsista de Teatro pelo IFS. Resolvi tentar novamente, mas, desta vez, buscava informações sobre o local da*



**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE**  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO

**RESULTADO FINAL DO EDITAL Nº 05/2016/PROPEX/IFS**  
**BOLSISTA DE CULTURARTE 1 – Reabertura 2**

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS, através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão - PROPEX, torna público o resultado final da seleção de bolsistas que atuarão nos **Cursos Livres de Violão e Teatro**, integrantes do Programa de CULTURARTE do IFS, supervisionado pelo Departamento de Relações Institucionais, conforme edital e tabela abaixo:

Campus para atuação	Área	Vagas para cadastro reserva	Nome do Candidato	Pontuação final	Situação
Aracaju	Violão	01 (uma)	Walisson Bispo do Espírito Santo	185	classificado
	Teatro	01 (uma)	Não houve inscrição.	-	-

Aracaju, 04 de novembro de 2016.

Figura 15 - Resultado do CULTURARTE 2016

Fonte: Disponível no site do IFS

*a pontuação do currículo. Dias depois, o resultado da minha aprovação foi publicado na página virtual do IFS. Mas houve um erro na publicação: publicaram como aprovado para ministrar aulas de violão, sendo que a vaga era para professor de oficina de teatro.*

*É interessante pensar que a vida é cheia de encontros e desencontros. Eu tinha demonstrado interesse nesse projeto em abril, mas por falta de informação, perdi a vaga. Só em novembro houve a reabertura do edital e eu consegui, finalmente, o que desejava. Como minha mãe sempre me disse: “Tudo vem no momento certo. O que é seu ninguém tira; pode até demorar, mas chegará”. Sendo assim, comecei a trabalhar no IFS no dia 30 de novembro de 2016. No início, tive um certo medo de não conseguir ter domínio de uma turma durante três horas seguidas. Até então só tinha ministrado aulas dentro dos estúdios e essas aulas correspondiam ao horário regular das escolas. Tinham escolas nas quais o horário variava entre 45 e 50 minutos por aula. Mas comecei a criar estratégias, dividindo as aulas em etapas, e fui conduzindo sem deixar aparentar minha insegurança. Após a*

*entrevista. Fiz a inscrição e, no dia da entrevista, fui até a reitoria. Chegando lá, notei que só existia eu como candidato à vaga. Participei de todas as etapas. A primeira delas foi uma entrevista sobre minha formação e conhecimentos teóricos sobre o teatro. Por sua vez, a segunda etapa foi*

*primeira aula, lembro como hoje, uma aluna de 30 anos comentou que eu era tão jovem e já era professor e tinha um domínio sobre tudo o que se passava em aula. Esse comentário me deixou aliviado e fui para casa com a certeza de que estava no caminho certo.*

*No mês de dezembro, fui convocado novamente para ocupar uma vaga no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vaga essa conquistada há mais de um ano pelo edital que saiu após o meu pedido para ser desligado. Como tinha feito minha inscrição depois de ter solicitado o desligamento e sido aprovado em oitava coleção, a coordenadora professora doutora Alexandra me convocou para voltar a fazer parte do projeto. Fiquei muito feliz, visto que aquele projeto foi fundamental para o pontapé inicial na minha trajetória docente. Também, nesse período, estava eu como estagiário da SEED e desenvolvia um projeto de iniciação científica o qual amava e ainda amo em razão do meu objeto de pesquisa. Tinha acabado de entrar como professor/bolsista no IFS e estava de volta ao projeto de iniciação à docência.*

*Novamente fazendo parte do projeto do PIBID, retornei ao Centro de Excelência Ministro Marco Maciel (CEMMM), hoje nomeado como Centro de Excelência Professora Maria Ivanda de Carvalho Nascimento. Luany, uma grande amiga, e eu nos juntamos à colega Taynara para encerrarmos o ano letivo de 2016 que já adentrava em 2017. Finalizamos as aulas da turma. Em abril, daríamos início a uma nova turma. Seria dividida entre mim e minha amiga Luany. Taynara resolveu ficar sozinha. Escolhemos ficar com o 1º ano C. No PIBID, eu trabalhava oito horas semanais, onde quatro delas se dava em reuniões com a coordenadora do grupo, duas horas exercendo o ofício de professor e outras duas horas de planejamento. Enquanto as aulas do ano letivo de 2017 não iniciavam, todos os bolsistas iam se debruçando sobre os assuntos de gênero, tema esse que seria abordado durante o ano letivo seguinte.*

*O ano letivo de 2017 no Centro de Excelência Professora Maria Ivanda dava-se início, e Luany e eu ficamos com a turma considerada a mais problemática da escola. Sempre gostei de desafios, e ficar com essa turma, trabalhando com os temas que foram propostos pela coordenação e supervisão do PIBID, fez com que eu e minha colega tivéssemos que resistir e insistir perante toda a situação imposta. Trabalhar gênero, mitos e lendas e acrescentar o estado de Sergipe no meio de tudo isso fez com que a nossa parceria fosse em busca de mais conhecimentos.*

*A turma, logo de início, rejeitou a nossa metodologia. Trabalhamos sempre com o corpo, movimentação, jogos teatrais e debates para fomentar os assuntos. Aplicamos, então,*

*a metodologia do afeto, do estar juntos, interagindo com eles até ganharmos a sua confiança. A cada aula, uma nova conquista e uma derrota surgiam pelo caminho, até chegarmos ao segundo semestre e a turma decidir qual seria a apresentação que faria no cortejo cultural. Como eu já tinha notável experiência em quadrilha junina em Sergipe e o estado que o 1º ano C teria que representar no cortejo cultural era o estado de Sergipe, propus que montássemos uma quadrilha junina. Todos acataram, mas não tínhamos casais suficientes. Falei que necessariamente não precisava ser uma quadrilha, mas, sim, um experimento, no qual podíamos trabalhar dança e teatro. Os alunos amaram a ideia, mas teriam que convencer a supervisora/professora efetiva da turma. Ela não acatou, mas disse que a ideia teria que ser fundamentada. Se a turma trouxesse a fundamentação para conversa, poderia ser feita a quadrilha.*

*Faltando um mês e meio para o cortejo, o 1º ano C não tinha convencido a professora. Éramos a única turma da escola que não tinha nada preparado. Até que então a supervisora aceitou o experimento junino e tivemos que correr contra o tempo. Eu fiquei responsável pelas coreografias e pela dramaturgia do experimento junino, e Luany ficou com o lado visual de todas as personagens. Em quatro semanas, montamos o experimento junino. Conscientemente trabalhamos a técnica de Klauss Vianna com eles, sempre pensando num corpo acordado. Apliquei passos juninos que estão no material didático que construí durante meu trabalho de iniciação científica. Discorro sobre esse material no capítulo a seguir.*

*Com o passar das coreografias, os alunos foram percebendo que todas as aulas que foram desenvolvidas durante o ano tinham um sentido, desde o acordar do corpo para a cena até os procedimentos lúdicos. Em quatro semanas, montamos o espetáculo junino: “Mistérios da meia noite no alto sertão sergipano”. Continha o enredo da história de João Valentim, um homem que, segundo reza a lenda, virava-se em sete tipos de bichos, e o mais conhecido era o lobisomem. Esse homem vivia no município de Monte Alegre, mas sempre andava pelo sertão do estado.*

*Escolhi um aluno para ser o marcador da quadrilha junina do 1º ano C. Ele narraria a história de uma cidade do sertão sergipano na qual existia o lobisomem que assustava a população. Em uma noite de São João, haveria uma festa na cidade onde vivia uma menina chamada Maria. Essa menina tinha o desejo de ser a noiva de uma quadrilha. Ao deitar para dormir, seres encantados surgiram para ela e a levou para a festa, só que a moça tinha o desejo de ser a noiva da quadrilha e queria que o noivo fosse o tão indesejável João*

*Valentim (o lobisomem). Os seres encantados realizaram seu desejo e sua noite de São João foi um sucesso.*

*Com o passar do evento do cortejo, foi notório que todo o esforço feito durante o último mês valera a pena, não somente pelo trabalho dos alunos, mas também pelos profissionais qualificados que estavam à frente de cada turma. Como a minha vida foi sempre pautada nesses encontros e desencontros de ser brincante até trilhar os caminhos ideais para ser também professor-artista, dedico o próximo capítulo ao processo de criação de um material artístico/didático voltado para o ensino da quadrilha junina. Objeto esse com o qual tenho afinidade desde a infância até adentrar no meio profissional, fazendo ligação com a consciência corporal e teatral desse movimento para além da prática. O material unificou teoria e prática de dois universos distintos: a cultura popular e a Técnica de Klauss Vianna, fazendo uma ponte com o ensino e a aprendizagem do corpo e suas expressividades.*

## **SEÇÃO 2.**

### **A CRIAÇÃO DO MATERIAL ARTÍSTICO-DIDÁTICO ENQUANTO CONTRIBUIÇÃO PARA O ‘PROCESSO DE MONTAGEM DE QUADRILHA JUNINA’**

A elaboração desse material didático elaborado por mim, teve como interesse auxiliar no processo de montagem e do ensino de quadrilha junina através da Técnica de Klauss Vianna. Tinha uma metodologia voltada para a consciência corporal durante a dança da quadrilha. A proposta desse material didático era indicar procedimentos e possibilidades criativas do ensino das coreografias juninas, com base, principalmente, no Processo dos Vetores (MILLER, 2007) enquanto se executa tal manifestação cultural. Seu título: “Dançando quadrilha junina com consciência corporal: material didático usando elementos da Técnica de Klauss Vianna”. Abordava, didaticamente, alguns tópicos corporais e os vetores da técnica (metatarso, calcâneo, púbis, sacro, escápula, cotovelo, metacarpo e sétima vértebra cervical), aplicados ao ensino das danças dos quadrilheiros e das quadrilheiras do Nordeste.

Esse estudo foi experimentado e organizado durante o Curso Livre de Quadrilha Junina, realizado no Centro de Cultura e Arte (CULTART) da UFS. Foi ministrado por mim no período de fevereiro a junho de 2017 e o que ora apresento é o resultado da pesquisa de iniciação científica, intitulada “Técnica Klauss Vianna para o ensino da Quadrilha Junina”, sob a coordenação da Profa. Dra. Márcia Baltazar, do Departamento de Teatro da UFS. Antes das atividades realizadas no curso, faço algumas considerações iniciais.

#### **Algumas considerações**

O que é quadrilha junina? É uma manifestação cultural dos festejos juninos do Brasil que acontece nos meses de junho e julho e que se apropria da dança e do teatro. Em sua formação, participam vários casais dançando e usando o teatro para contar uma história. Essa manifestação tem origem europeia, vinda de uma dança chamada “Country Dance”, que se adaptou para “Contredance Francaise” na França.

É dança de origem francesa (quadrille), cujo nome, segundo Eugène Giraudet, é diminutivo de Squadra, vocábulo italiano que significa companhia de soldados disposta em quadrado. Este nome foi dado, mais

tarde, a um grupo de quatro pares, e da Squadra passou para Quadrille. Surgiu em Paris no século XVIII. Musard foi considerado o pai das Quadrilhas. Dança derivada da Contredance Française, que por sua vez é uma adaptação da Country dance, inglesa, introduzida na França. (GIFFONI, 1964, p. 214-215).

A quadrilha junina chegou ao Brasil através da Corte Real Portuguesa no século XIX e suas primeiras exposições foram em salões do Rio de Janeiro. Com o passar do tempo, a quadrilha começou a ser popular e a ser desenvolvida em lugares abertos e periféricos. Na cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe, a quadrilha junina começou a ser implantada na década de 50, em arraiais juninos.

Com fulcro nessa manifestação cultural, envolvido nesse estudo de iniciação científica, junto à coordenadora responsável pelo projeto, eu resolvi usar a Técnica Klauss Vianna, trabalhando inicialmente a presença, as articulações do corpo, o peso, os apoios, a resistência, as oposições e o eixo global do corpo (Processo Lúdico). Apropriando-se do estudo do caminhar, saltar, subir, descer etc. para a vivência da dança da quadrilha, começamos com processo lúdico com o corpo, ou seja, começamos brincando com a percepção.

Segundo Jussara Miller (2007), muitas pessoas que estão dispostas a aprender a técnica dos Vianna (Klauss, Angel e Rainer) não têm o conhecimento corporal nem o contato sensível com o corpo e o espaço. Quando se refere ao processo lúdico, em uma passagem de seu texto, a autora aborda que é importante estar presente no espaço, aqui e agora, usando a consciência corporal e a vivência prática do dia a dia para o aprendizado da Técnica Klauss Vianna.

Pensando no fator “presença”, posso refletir um pouco sobre a questão do ensino da dança como método mecanicista ou holístico. O que seriam esses dois métodos? Como o próprio nome já pode indicar, o método mecanicista é uma tarefa mecânica, trabalhada diariamente: “você trabalha técnicas específicas e são essas mesmas técnicas que o levarão a adquirir couraças que impedem seu reconhecimento interior” (VIANNA, 1990, p. 87). Um exemplo de método mecanicista é a dança moderna, na maioria das vezes, como fala Dianne Woodruff (1999, p. 32):

A técnica da dança moderna é, em sua grande maioria, ensinada e aprendida como uma atividade mecânica que valoriza o virtuosismo quantitativo – o quão alto, quão rápido, quão grande. Exercícios e sequências são repetidos inúmeras vezes até se tornarem virtualmente automáticas. Cada parte do corpo pode ser trabalhada isoladamente,

“orquestrada” com outras partes. Acredita-se, predominantemente, que o corpo de alguma forma saberá como integrar-se e que as diferenças nos níveis de aprendizagem individual encontrarão resoluções.

Já o “holismo” é a disposição de compreender a unidade orgânica do corpo em sua totalidade, utilizando-se da soma de suas partes, integrando corpo e mente, ou seja, estando consciente em ações simples como correr, pular, subir e também dançar. Considero a consciência corporal um fator muito importante, pois notei várias mudanças no meu comportamento corporal com a descoberta da Técnica Klauss Vianna. Antes de acordar o meu corpo, eu não imaginava que usasse tudo todos os dias, em qualquer lugar: presença corporal, oposições ósseas, etc. Por exemplo: i) o corpo integrado sob a força da gravidade: eixo global; ii) o corpo em movimento sob a gravidade: no espaço e em relação ao outro, as articulações, o peso do nosso corpo, os apoios do corpo, a resistência muscular... Seguem, pois, resumidamente, as definições desses tópicos didáticos (BALTAZAR, 2016) do Processo Lúdico (MILLER, 2007) para a consciência corporal.

O conceito de “presença”, para a Técnica Klauss Vianna, é a de uma técnica holística que está ligada ao estado de atenção do nosso corpo. Para acordar o corpo, usamos o processo lúdico estimulando o corpo a agir e a pensar sobre si. Por seu turno, as “articulações” estão ligadas ao estudo dos movimentos. Sem as articulações, não há locomoções, pois elas estão localizadas no encontro de dois ossos e são como que alavancas para o corpo.

Segundo as autoras, o “peso” está ligado tanto às articulações como aos apoios do corpo. O peso evidencia a dosagem do tônus muscular que a gravidade nos exige. Um exemplo bem claro de dosagem do peso está no impulso para a transferência da força do deslocamento de um ser pelo espaço. Podemos perceber que, com a percepção do peso, notamos o relaxamento da musculatura. Porém, vale observar que o relaxamento é diferente do abandono do corpo.

Prosseguindo nessa exposição, há os “apoios” passivo e ativo da mesma maneira que Isaac Newton referiu-se na terceira lei de Newton: “Para toda ação (força) sobre um objeto, em resposta à interação com outro objeto, existirá uma reação (força) de mesmo valor e direção, mas com sentido oposto”. Usamos uma musculatura “agonista” realizando um movimento de suas articulações na força gravitacional, e uma musculatura “antagonista”, que realiza um movimento contrário, pois para cada ação existe uma reação.

A “resistência”, na técnica Klauss Vianna, está relacionada à percepção da amplitude e da força do corpo, através do apoio ativo e dos músculos agonistas e antagonistas. Trabalhando a resistência, usamos as forças dos músculos antagonistas em cooperação com

os músculos agonistas, o que aumenta a capacidade expressiva do movimento. A função da resistência está no acordar os músculos para a cena.

As forças trabalhadas em “oposições ósseas” causam um conflito do corpo para o movimento. Dizem respeito à oposição de ossos unidos nas articulações. Como eu disse antes, as articulações são os encontros de dois ossos que geralmente estão conectados com músculos e forças distintas. Essas oposições no corpo do dançarino, muitas vezes, trazem uma clareza nos movimentos de seu corpo.

[...] Toda vez que o corpo direciona um osso, acionam-se músculos que movem outros ossos, numa reação em cadeia, que não se provoca voluntariamente, mas que é resultado de como ossos e músculos estão organizados naquele determinado corpo. (NEVES, 2004, p. 26).

“Eixo global” é a análise da postura corporal através do estudo dos tópicos anteriores: presença, articulação, peso, apoios, resistência e oposições, percebendo o equilíbrio do corpo e seus alinhamentos, deixando-o em estado de alerta na movimentação das posturas.

A postura, portanto, não é uma coisa fixa. É tão flexível quanto o galho de bambu e profunda como suas raízes, o que permite que o eixo oscile para a frente e para trás, de acordo com meu estado físico-emocional. Porém, à grande flexibilidade deve corresponder uma enorme força e resistência. Assim como o bambu, o corpo humano tem a propriedade de se dobrar sem se quebrar – quando respeitamos sua natureza e colocamos em prática suas potencialidades. (VIANNA, 1990, p. 118).

## **MATERIAL DIDÁTICO SOBRE O USO DA TÉCNICA KLAUSS VIANNA NAS AULAS DE QUADRILHA JUNINA**

### **Processo introdutório**

Inicialmente, no curso, propus estudarmos o tópico Presença. Fizemos alongamentos e aquecimento a partir dos pés explorando os três níveis (alto, médio, baixo), percebendo e eliminando as tensões do corpo. Trabalhamos o corpo neutro e a presença no espaço. Na aula seguinte, trabalhamos as articulações, fazemos alongamentos e aquecimento a partir dos pés explorando os níveis (alto, médio, baixo), conhecendo e localizando as articulações do corpo com o auxílio de um mapa da estrutura óssea e experimentamos as possibilidades dessas articulações.

Usamos nossos próprios corpos para o estudo das articulações: com as mãos, tocamos os metatarsos para abrir e perceber os espaços de cada osso dos pés. Logo em seguida,



percebemos as articulações do joelho e, principalmente, as do sacro e do púbis, que propiciam certas movimentações, como agachar, sentar, fazer forças de ação e reação contra o chão, movimentos de rotação. Além disso, analisamos os movimentos dos cotovelos, as escápulas e metacarpos (dedos), com os quais podemos pegar e segurar coisas. Após esse processo de análise do próprio esqueleto tridimensional e vivo, através do deitar no chão, utilizando vários apoios e movimentos das articulações, pudemos notar que cada articulação tem sua especificidade, por exemplo, os nossos joelhos têm mais limitações do que outras articulações. Já nossa articulação coxofemoral tem maior amplitude de movimentos.

Na terceira aula, por sua vez, trabalhamos os apoios do corpo em superfícies: percepção do peso do corpo no chão, experimentação da distribuição do peso para acionar os apoios em várias ações. No encontro seguinte, trabalhamos a tridimensionalidade do corpo, analisando os apoios passivos e ativos. Propomos um jogo chamado “pantera”, trabalhando a força, a prontidão e a tridimensionalidade do corpo; jogo no qual fizemos um pequeno círculo e um participante se dirigiu até o centro, fechou os olhos e os demais tentaram tocá-lo; esse, por sua vez, buscava tentar se desviar dos toques ou contra-atacar com golpes.

Num novo encontro, continuamos com os apoios e focamos muito no apoio ativo, analisando a percepção dos pés ao caminhar (para a frente, para os lados e para trás); utilizamo-nos da parede para auxílio no conhecimento de apoio ativo e da resistência. É importante salientar que em todo processo de aprendizagem é imprescindível que haja foco e atenção, ou seja, precisamos estar em estado de alerta, em estado de presença, com o corpo alinhado e relaxado, trazendo uma consciência de seu eixo global.

Partimos do processo holístico de caminhar e saltar, usando os apoios ativos e passivos, não esquecendo da resistência e trabalhando sempre com oposições de duas forças, pois quadrilha junina é composta por casais (homens e mulheres). Na dança, os alunos aprendem vivencialmente sobre a primeira lei de Newton: “Um corpo em repouso tende a permanecer em repouso, e um corpo em movimento tende a permanecer em movimento”. Concluímos, dessa forma, que um corpo só altera seu estado de movimento se alguém ou alguma coisa aplicar nele uma força resultante, diferente de zero, isto é: temos que aplicar uma força (apoio ativo) para que o corpo comece a se movimentar.

Qualquer pessoa que tende a experimentar algo novo sempre começa com medo e cheio de tensões. Cabe a quem está ensinando tentar desconstruir o bloqueio do aluno para ir mostrando as questões do processo lúdico, transformando os movimentos com a finalidade

de seguir em frente no processo. Depois de desconstruir os medos ou as resistências psicológicas dos alunos, o processo fluiu e chegamos a montar uma coreografia.

## **Decupação dos Movimentos**

Depois dos encontros introdutórios de consciência corporal, dei início com a turma à experimentação de procedimentos didáticos do Processo de Vetores, baseados nos fundamentos da Técnica Klauss Vianna (MILLER, 2007), aplicados à quadrilha junina. O objetivo era perceber as regiões ósseas e direcioná-las. Os ossos são ligados entre si, por isso motivo direcionar uma região óssea permitia fazer movimentos livres e conectados com o corpo todo.

### **1º Vetor: Metatarso**

Nesse momento, levei os alunos a descobrirem as forças de direção nos pés e suas reações para o corpo todo, principalmente as regiões do metatarso e do calcâneo que eram os dois vetores trabalhados. Diz Miller (2007) acerca disso:

O primeiro vetor de força é ativado com o mesmo princípio que foi estudado no tópico “apoio ativo”, com a aplicação da pressão do metatarso em direção ao solo, empurrando o chão e, como força-reação ou consequência desse vetor, os três arcos que sustentam o pé evidenciam-se ampliando-se em sentido oposto ao chão, auxiliando tanto na locomoção e na impulsão, como no suporte de pesos que servem como amortecedores (MILLER, 2007, p.78).

### **2º Vetor: Calcâneo**

O calcâneo é um dos três pontos de apoio, que compõem o “‘triângulo’ do pé”, portanto, a sua direção para o chão, na posição vertical, é constante. O segundo vetor consiste na direção dos calcâneos para dentro, reverberando em uma discreta rotação do fêmur para fora, acionando os rotadores, refletindo na estabilidade das articulações coxofemorais e criando uma conexão entre calcâneos-ísquios ou pés-quadril. Esse vetor é móvel, ou seja, em determinadas posturas pode ser aplicado no sentido oposto (MILLER, 2007, p. 78-79).

## Exercícios de sensibilização dos 1º e 2º vetores

No começo do curso, trabalhamos com o despertar dos pés, abrindo os dedos dos pés com a mão, fazendo massagem, fazendo rotação com os pés, puxando o calcâneo (calcanhar), direcionando e sentindo os pés pelo espaço fazendo deslocamento. Direcionando para baixo (em relação ao umbigo) a região do metatarso, sentimos suas reações. Caminhamos pressionando o calcâneo e sentimos as reações no deslocamento. Detectamos com as mãos os ossos sesamoides dos pés.

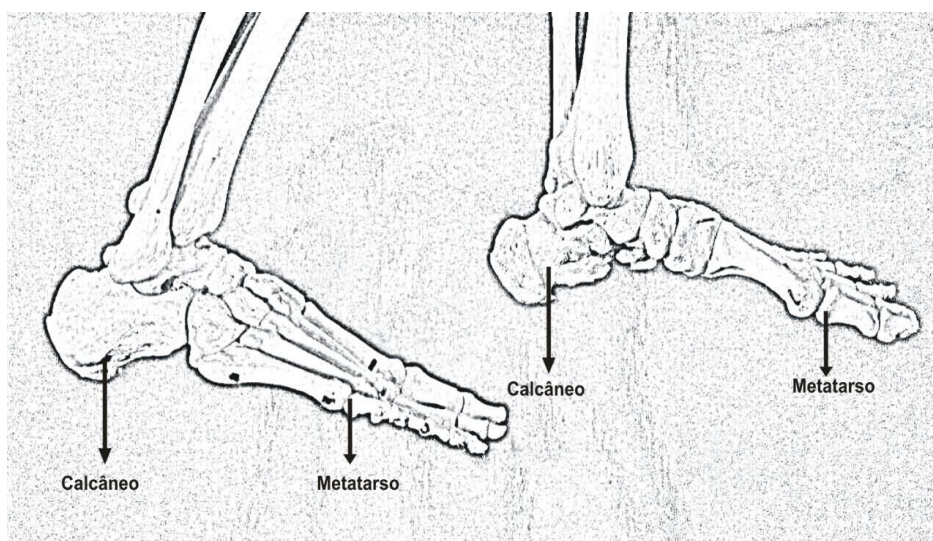


Figura 16 - Vetores do metatarso e do calcâneo

Fonte: Tihago Santana

## Aplicação dos 1º e 2º vetores na coreografia junina

O uso dos vetores do metatarso e do calcâneo no chão gera apoios ativos para cada ação executada nos passos das coreografias juninas. Seus apoios fortes vêm dos ossos sesamoides e do calcanhar, gerando uma força nos tornozelos que chega até os joelhos. Para uma noção de como pode ser o passo do trocadilho e a importância do metatarso e do calcâneo na coreografia junina, acesse o seguinte endereço eletrônico: <<https://www.youtube.com/watch?v=FGLlpnO-OSA>>.

No passo do trocadilho dos pés na coreografia junina, usamos o metatarso da perna direita, pressionando o chão em três direções distintas, com a marcação da perna para frente, para o lado e para trás; feito isso, uma força é sentida na perna esquerda para dar impulso com o calcâneo, que promove um pequeno pulo. Fizemos essas mesmas marcações com a

perna esquerda, sendo que o pulo foi promovido com a perna direita. Depois desse passo, automaticamente com a perna direita, demos um passo para a frente. Em seguida, giramos o corpo com a mesma perna que marcamos na frente. Marcamos atrás e demos mais um pequeno giro de 90° para voltar ao mesmo lugar de onde saímos, fazendo um desenho anti-horário no espaço.

Posso notar que, com esse passo dado com giro de 360°, a perna esquerda não perdeu, em nenhum momento, o contato com o chão, pois quem fez todo o processo foi a perna direita. A perna esquerda foi, por sua vez, o ponto de apoio para não perder o equilíbrio. Ponto esse que vem do metatarso e do calcâneo. Logo depois, cruzamos a perna direita com a esquerda em uma leve caminhada pelo espaço. Posteriormente, abrimos a perna direita e a colocamos ao lado da esquerda. Em suma, a primeira coreografia ficou pronta, usando o metatarso e o calcâneo através dos apoios ativos.

### **Xaxados e xotes também se beneficiam com o uso dos vetores do metatarso e do calcâneo**

O xaxado é uma dança forte e firme, como se o brincante ou o bailarino estivesse se preparando para uma batalha. Esse ritmo aparece dentro da manifestação cultural denominada Quadrilha Junina. Sua origem remonta ao movimento do cangaço do Nordeste brasileiro. Não sei exatamente, mas muitos acreditam que esse ritmo tem influência dos povos indígenas, negros e europeus. Assim, com o metatarso e o calcâneo do pé direito, faço duas, três ou quatro movimentações laterais e, simultaneamente, puxo o metatarso esquerdo, em um rápido movimento como se fosse deslizar os pés no chão. Para observar os passos de um xaxado estilizado, que visa à força, aos apoios e às oposições, usando principalmente o metatarso e o calcâneo, é interessante assistir o que contém o link a seguir: <<https://www.youtube.com/watch?v=3UIB9495-aw>>.

Por sua vez, o xote é um ritmo alemão que chegou ao Brasil por volta de 1851, gênero musical, no qual os passos binários são executados em compassos não muito rápidos, no ritmo de dois para lá e dois para cá, usando apenas o metatarso e o calcâneo. Esse tipo de xote é simples. Existem variações de xote, nas quais posso usar todos os vetores: <[www.youtube.com/watch?v=NHFRk0WuvQ](http://www.youtube.com/watch?v=NHFRk0WuvQ)>.

### **3º Vetor: Púbis**

O terceiro vetor de força está relacionado com o encaixe da bacia, com a direção do púbis para cima, o que aciona a musculatura abdominal. O púbis é a parte frontal da junção dos ossos ilíacos da bacia.

Com a direção do púbis para cima e a consequente ação da musculatura abdominal, a espinha ilíaca ântero-superior recua, alongando o músculo reto femoral. Este vetor reverbera na tonicidade da musculatura dos glúteos e do assoalho pélvico (MILLER, 2007, p. 80).

### **4º Vetor: Sacro**

Este vetor também é situado na região pélvica, portanto é diretamente relacionado com o terceiro (púbis), servindo como complementação. Pelo fato de o osso do quadril ser tratado como uma unidade, qualquer direção aplicada ao púbis refletirá inversamente no sacro. Separar púbis e sacro em vetores distintos é, entretanto, apenas uma medida didática de diferenciação entre a musculatura anterior abdominal, acionada pelo terceiro vetor, e a musculatura posterior, acionada pelo quarto vetor (MILLER, 2007, p. 82).

### **Exercícios de sensibilização dos 3º e 4º vetores**

Todos em pé, direcionamos o sacro para baixo, percebendo que o nosso peso estava centrado nos pés e o púbis para cima. Sentimos uma sensação de oposição, acessando uma força no baixo abdome. Para a movimentação do sacro e do púbis, fizemos movimentos de rotação com a bacia apoiada no chão. Movimentamos o quadril e percebemos a repercussão desse movimento no resto da coluna.

Outro exercício de sensibilização no chão que fizemos foi massagear a bacia percebendo o osso do ílio. Além disso, percebemos nossos sacros e púbis, experimentando seus direcionamentos, para cima ou para baixo, e como eram as reações em outras partes do corpo quando utilizadas. Por exemplo, ao utilizarmos uma cadeira e executando a simples ação de sentar, observamos para onde o púbis e o sacro se direcionavam.

### **3º Vetor: púbis para cima**

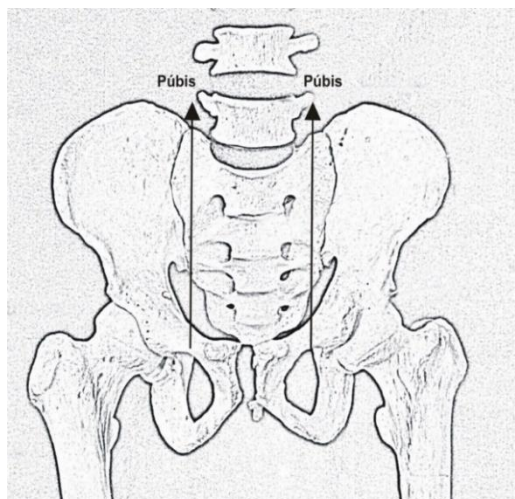


Figura 17 - Vetor do púbis  
Fonte: Tihago Santana

### **4º Vetor: sacro para baixo**

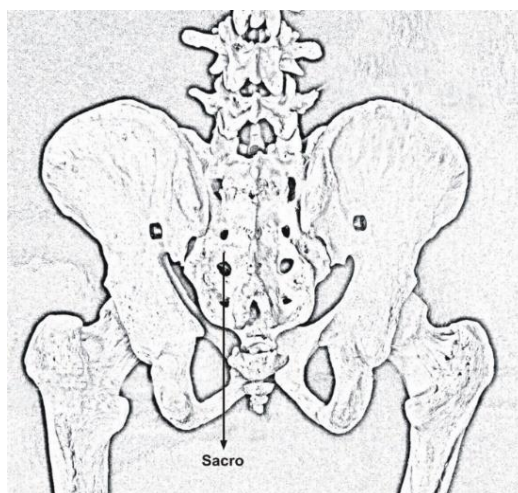


Figura 18 - Vetor do sacro  
Fonte: Tihago Santana

### **Aplicação dos 3º e 4º vetores na coreografia junina**

Com o encaixe da bacia no passo junino, ou seja, direcionando o púbis para cima e o sacro para baixo, iniciamos a coreografia com a coluna em sustentação, tonificando a musculatura do abdome. Nesse processo, foi necessária também uma atenção voltada para a conexão da cintura pélvica com a cintura escapular. Uma coreografia que deu para trabalharmos com esses vetores foi o ritmo do baião. A coreografia foi desenvolvida em pares. Nele, os passos caracterizaram-se com rodopios, pisadas de calcanhares e balanceios. O passo da coreografia, trabalhado com os vetores do púbis e do sacro, encontravam-se na junção de movimentos feitos com as pernas, com a bacia e com a coluna vertebral.

Com a perna direita, fizemos uma marcação na frente da perna esquerda. Na sequência, usamos o impulso da perna esquerda para darmos pequenos pulos. Depois abaixamos nossas colunas vertebrais até a região da bacia, e a perna direita foi colocada para trás do corpo. Automaticamente, cada coluna se levantou e, novamente, colocamos a perna direita à frente da esquerda. Por fim, redirecionamos a perna direita ao lado da esquerda e jogamos esta à frente da direita. Simultaneamente, usamos a voz para gritar a palavra “baião”. No link do vídeo a seguir, há uma noção de como podem ser os passos e a importância do púbis e do sacro na coreografia junina: <<https://www.youtube.com/watch?v=ckNKBnST3oo>>.

### **5º Vetor: Escápulas**

Com a sensibilização da cintura escapular, que consiste nos ossos das escápulas, clavículas e articulação escapuloumbral, as escápulas acomodam-se na caixa torácica, não ficando salientes ou saltadas. Elas abrem-se, resultando na ampliação não somente das costas, mas também da região frontal das clavículas e dos peitorais, uma vez que o movimento da clavícula é guiado pelo deslocamento da escápula. Com o encaixe das escápulas para baixo e a oposição dos acrômios, a clavícula torna-se horizontal, em vez de apontar oblíqua para cima, conquistando-se assim o “sorriso das clavículas” (MILLER, 2007, p. 84).

Com a utilização dos ombros em movimento e a direção das escápulas para baixo e para fora, percebemos que não havia incômodo no músculo do trapézio. No passo junino do estado de Sergipe, é notório que o molejo do balançar dos ombros das mulheres é como se fosse um charme. Esse balançar de ombros faz com que se ampliem as costas e,

principalmente, a região frontal (busto e seios). Já no homem, isso pode se revelar na postura ereta, com as escápulas voltadas para baixo e para fora.

#### **6º Vetor: cotovelos**

O sexto vetor consiste na direção lateral dos cotovelos, possibilitando ao úmero complementar a direção das escápulas, resultando na ampliação do espaço da articulação escapuloumeral e na consequente rotação do úmero para dentro. Esse direcionamento evita a sobrecarga da articulação umeroulnar e radioumeral, causada pela hiperextensão da articulação dos cotovelos. Com este vetor, acionamos a “musculatura da asa” e, por consequência, as escápulas se separam (MILLER, 2007, p. 85).

A movimentação dos cotovelos nas coreografias juninas acontece com o balanço dos braços para a frente, para trás e para os lados, em um balanço sutil dos cotovelos, visando à expansão da caixa torácica e dos próprios braços juntamente com as escápulas.

#### **7º Vetor: metacarpo**

O metacarpo é o arco da mão constituído pelos cinco ossos metacárpicos. Quando queremos provocar maiores espaços articulares nos punhos, nos metacarpos e nas articulações dos dedos das mãos, giramos as mãos para fora (especificamente a partir dos metacarpos). As mãos são extremamente flexíveis, expressivas e, consequentemente, usadas em várias direções para várias ações. Salientamos a direção dos metacarpos em giro externo como indicação para conquistas de espaços articulares na região das mãos e das regiões encadeadas, o que provoca também reações de alongamentos/relaxamentos nos braços (BALTAZAR, 2016, p. 06).

O metacarpo na dança de pares tem a função de conduzir, e não poderia ser diferente nesse curso de quadrilha junina, principalmente, quando a coreografia aconteceu com os cavalheiros conduzindo as damas pelo salão. Nessa manifestação cultural, o metacarpo é muito usado para bater palmas, alongar, abrir e fechar as mãos em momentos teatrais. Os cavalheiros também usaram muito as mãos para pegarem os chapéus e as damas para balançar seus vestidos.



### **Exercícios de sensibilização dos 5º, 6º e 7º vetores**

Primeiramente, conforme a imagem apresentada abaixo, iniciava-se com a prática de sensibilização da coluna e das escápulas. Uma pessoa em pé alongava as escápulas da outra que estava sentada numa cadeira. Esta, por sua vez, apoiava a sua mão no ílio de quem estava em pé, e essa lhe fazia uma leve torção do ílio, puxando o braço do parceiro para fora, que, por sua vez, tinha sua escápula também conduzida para fora.



Figura 19 - Sensibilização da coluna e escápula I

Fonte: Acervo pessoal

Conforme as imagens, pode-se perceber que fizemos o mesmo exercício, só que, desta vez, com a dupla em pé esticando o braço até a altura do ombro do colega, que faria uma pequena torção no tronco esticando o braço para fora, refletindo na escápula de acordo com as imagens aqui inseridas.



Figura 20 - Sensibilização da coluna e escápula II

Fonte: Acervo pessoal

Além disso, houve a massagem das escápulas, onde uma pessoa da dupla segurava numa escápula do parceiro (por exemplo, a direita) e começaria o processo de massagem, pegando e apalpando essa escápula, deixando-a mais leve e perceptível. Feito isso, a dupla observou se houve alguma alteração nos ombros. Quem recebeu a massagem geralmente notou que o seu peso caiu para o solo. Depois dessa observação, repetimos o mesmo processo com a escápula esquerda.

A sensibilização dos cotovelos vem da percepção de como eles estão no espaço, se eles estão voltados para fora. O aluno tem que estar em estado de alerta para perceber essas mudanças de comportamento de seu corpo no deslocamento pelo espaço. Com os cotovelos para fora, um da dupla flexionou os braços e deu leves cutucadas no colega mais próximo, ativando os movimentos dos cotovelos. Já que, com os cotovelos voltados para fora, notamos que as escápulas ficavam bem separadas e o balançar dos braços ficava mais solto.

Partindo para a sensibilização do sétimo vetor, ou seja, o metacarpo, pegamos a mão, abrimos os dedos e apalpamos toda a espessura, abrindo todas as articulações. Feito isso, apoiamos o metacarpo no chão e analisamos todos os seus apoios, notando a concavidade da palma do metatarso no chão. Outros exercícios que fizemos com o metacarpo foi abri-lo e fechá-lo como se estivéssemos segurando algo nas mãos, além dos vários alongamentos das mãos na parede.

## Figuras dos 5º, 6º e 7º vetores

### 5º Vetor: escápulas para fora e para baixo

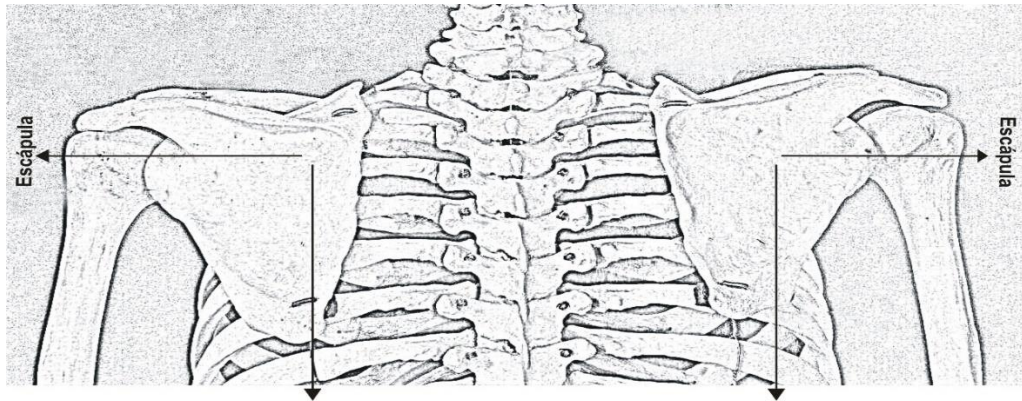


Figura 21 - Vetor das escápulas  
Fonte: Tihago Santana

### 6º Vetor: cotovelos para fora

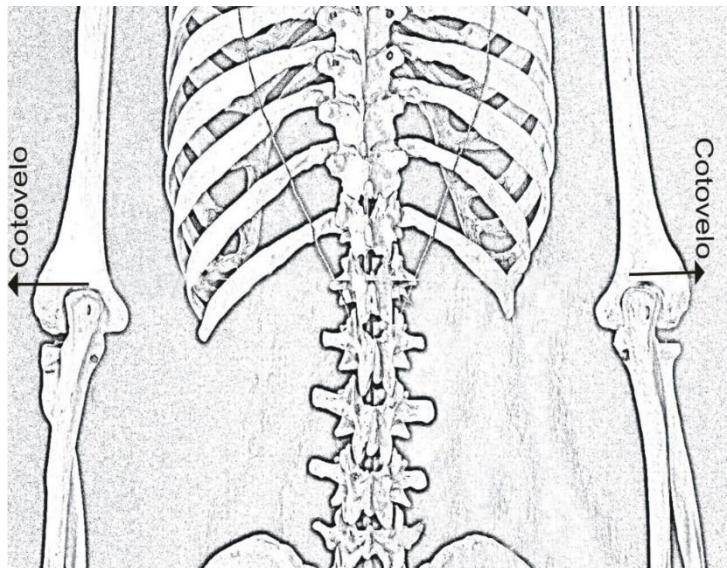


Figura 22 - Vetor dos cotovelos  
Fonte: Tihago Santana

### **7º Vetor: metacarpo rotação na direção do dedão**

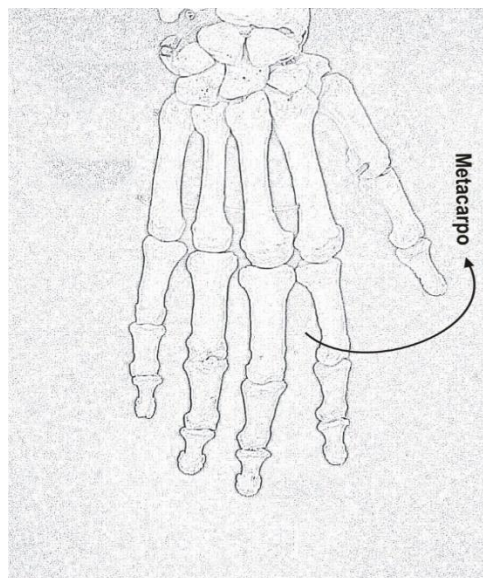


Figura 23 - Vetor do metacarpo  
Fonte: Tihago Santana

### **Aplicação dos 5º, 6º e 7º vetores na coreografia junina**

Com a sensibilização das escápulas para baixo e a lateralidade dos cotovelos, junto com a função dos metacarpos que levam as mãos e os dedos, ficou mais claro e visível fazer o balancê do vestido da dama, movimento este que se diferencia de quadrilha para quadrilha. As damas paradas pegaram com os metacarpos (mãos) as laterais do vestido e, automaticamente, levantaram os braços e cotovelos à altura das escápulas, começando a fazer movimentos nos braços para lá e para cá, assim como movimentos simples e sutis com o vestido, mantendo as direções ósseas de escápulas, cotovelos e mãos. No link do vídeo a seguir, há uma noção de como ocorre o passo feminino e a importância do movimento das escápulas, dos cotovelos e dos metacarpos na coreografia junina: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cw-MuzpKRpk>>.

Quanto à movimentação dos cavalheiros, foram trabalhados, de forma intensa, os movimentos dos chapéus, de cumprimentar a dama e o público. Os cavalheiros levantaram o metacarpo direito até a altura da cabeça, pegaram os chapéus e os trouxeram até a caixa torácica, levantando-os acima de suas cabeças. Esse processo foi repetido várias vezes. Outra maneira de fazer isso era trazer o chapéu para a caixa torácica e ficar abrindo e

fechando os braços à altura das escápulas. Nesses momentos, os cavalheiros estavam sempre usando o quinto, o sexto e o sétimo vetores. Na sequência, com o link sugerido, é possível ter uma noção de como pode ser o passo masculino e a importância das escápulas, dos cotovelos e dos metacarpos na coreografia junina: <<https://www.youtube.com/watch?v=abHd-DpiGeY>>.

### **8º Vektor: sétima vértebra cervical**

Com a aplicação do oitavo vetor na postura ereta estável, temos a sensação de alinhamento da região occipital com a sétima vértebra cervical. Consequentemente, obtemos a posição do queixo paralelo ao chão e a cabeça fica então livremente equilibrada no pescoço, o que não significa que se deva adotar uma posição fixa do crânio, mas que seu equilíbrio esteja numa relação dinâmica adequada (MILLER, 2007, p. 86-87).

Os brincantes das quadrilhas juninas, geralmente, possuem o vício de deixar a cabeça e o olhar cabisbaixo e disperso, e isso não é o ideal, pois eles precisam ter uma postura ampla e atenta ao público. Por isso, o uso do vetor da sétima vértebra cervical ajuda no alinhamento da cabeça e na amplitude das cordas vocais. Quadrilha junina não é só movimento corporal. Nessa manifestação, utilizamos a voz para gritos e palavras de ordem e, até mesmo, para fazer representações teatrais. Diz Miller (2007):

Trabalha-se o oitavo vetor considerando a curvatura natural do pescoço. Este vetor proporciona espaço na cavidade da traqueia, melhorando o uso das cordas vocais. Nota-se uma amplitude no campo visual, modificando a posição dos olhos com a direção do olhar, utilizando-o como apoio no espaço. Os músculos posteriores e anteriores do pescoço ativam-se, descomprimindo as vértebras cervicais. O crânio dirige a exploração da flexibilidade da coluna vertebral como um todo, ampliando os espaços intervertebrais. A cabeça não sobrecarrega mais as vértebras da coluna e o indivíduo “cresce” (MILLER, 2007, p. 87).

### **Exercícios de sensibilização do 8º Vektor**

Começamos esses exercícios com a sensibilização da sétima vértebra cervical. Flexionamos o pescoço para ver qual a vértebra saltava mais na coluna cervical. Pressionamos essa vértebra, a sétima cervical, com as pontas dos dedos. Depois, levantamos a cabeça mantendo essa força para dentro da vértebra. Logo em seguida, proporcionamos



movimentos ao pescoço, expandindo-o, de modo a perceber a amplitude que se lhe causava internamente.

### **Figura do 8º Vetor**

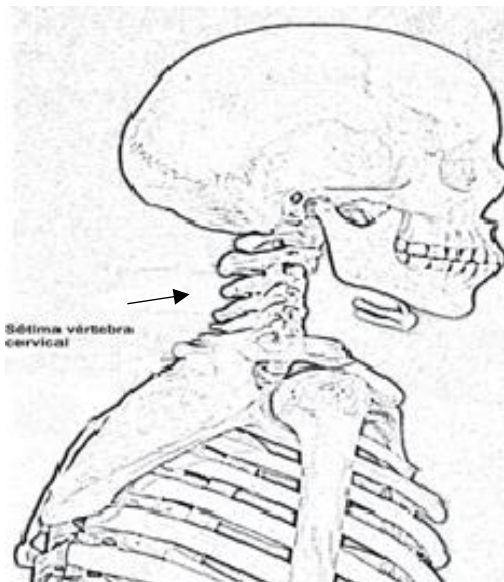


Figura 24 - Vetor da sétima vértebra cervical para dentro  
Fonte: Tihago Santana

No vídeo sugerido a seguir, dá para ter uma noção da importância da direção da sétima vértebra cervical na coreografia junina, ou seja, o crânio bem-equilibrado sobre o tronco, com o olhar para o público que está em volta: <<https://www.youtube.com/watch?v=n9GV4Ep0UhE>>.

### **Aplicação dos 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º vetores na coreografia junina**

Em uma coreografia em forma de caracol - conforme a imagem pode elucidar -, os brincantes utilizam todos os vetores para dar efeitos à movimentação coreografada. Todas as pessoas envolvidas formam uma única fila, um atrás do outro, com os metacarpos segurando os cotovelos de quem está à frente. Começam a caminhar no salão (palhoção), fazendo desenhos no espaço, usando o metatarso e o calcâneo, tendo sempre a conscientização do púbis para cima e do sacro para baixo. Ao som de uma música, o caracol vai ganhando forma até chegar o momento em que estará pronto para criar movimentos usando as escápulas, os cotovelos, o metacarpo e a sétima vértebra cervical.



Figura 25 - Caracol da quadrilha Unidos em Asa Branca 2014

Fonte: Disponível no Youtube

No vídeo sugerido a seguir, dá para ter uma noção de como pode ser a coreografia do caracol: <<https://www.youtube.com/watch?v=3vOFDe3yfog>><sup>8</sup>.

### **Variação de um xote mais elaborado usando todos os vetores**

Como eu disse anteriormente, o xote é um gênero musical composto por passos binários que são executados em compassos não muito rápidos no ritmo de dois para lá e dois para cá, usando os ossos metatarso e o calcâneo. Como em toda a tradição, existe uma estilização (evolução) e, hoje em dia, observo que as quadrilhas juninas estão inovando em seus passos, trazendo uma consciência corporal com passos sincronizados e harmônicos. Assim, no xote, como em todas as danças da quadrilha, além de serem usados o metatarso e o calcâneo, posso acessar as direções de púbis e sacro provocando movimentos de rotação do tronco em junção com movimentos de escápulas, cotovelos, sétima vértebra cervical e metacarpo, quando o cavalheiro gira a dama pelo salão (palhoção).

---

<sup>8</sup> Agradecimento a Gerci Andrade por ter gentilmente permitido a referência ao vídeo gravado por ele quando da apresentação da quadrilha junina Unidos de Asa Branca de Aracaju/SE, em 2014.

### SESSÃO 3

#### DOS PROCEDIMENTOS À SISTEMATIZAÇÃO E APLICAÇÃO: UMA PRÁTICA ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA NO ÂMBITO EDUCACIONAL.

*O mês de janeiro de 2017 chegou e, com ele, o prazo para a entrega do relatório parcial do projeto de iniciação científica. Como no início do projeto eu tinha acrescentado a quadrilha junina no meu plano de trabalho, a professora Dra. Márcia Baltazar havia entrado em contato com a COPES informando a respeito do acréscimo do tema. A Coordenação de Pesquisa (COPES), órgão da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (POSGRAP), aceitou o acréscimo e, em meu relatório, anexei a documento da demanda solicitada, com as descrições das etapas que já tinha executado dentro do projeto. Ainda em janeiro, providenciei a documentação do meu 4º estágio, o qual seria orientado pela professora Márcia. Após várias reuniões, decidimos colocar em prática o Curso Livre de Quadrilha Junina pelo CULTART/UFS.*

*No momento da solicitação do espaço, conversamos diretamente com o professor doutor Carlos Mascarenhas, diretor do CULTART, e ele achou a ideia incrível, disponibilizando, então, o espaço para que eu pudesse ministrar o curso. Como estava prestes a deixar a direção do CULTART, ele me solicitou uma documentação para solicitação de espaço a fim de deixar arquivada a liberação. A professora Márcia providenciou essa documentação, até porque era um tipo de carta de apresentação do estagiário perante a instituição. Nesse ofício, fizemos um cronograma de duração do curso: cerca de 03 meses. Feito isso, agora só precisávamos de alguém que me supervisionasse nesse estágio. Conversei com a diretora subsequente do CULTART, que era técnica pedagógica da instituição, e ela aceitou na hora. Comecei a preparar o texto e o cartaz de divulgação, pois um bom marketing atrai público. Pensamos em diversas artes para o cartaz, mas chegamos finalmente a um consenso com o designer do CULTART.*

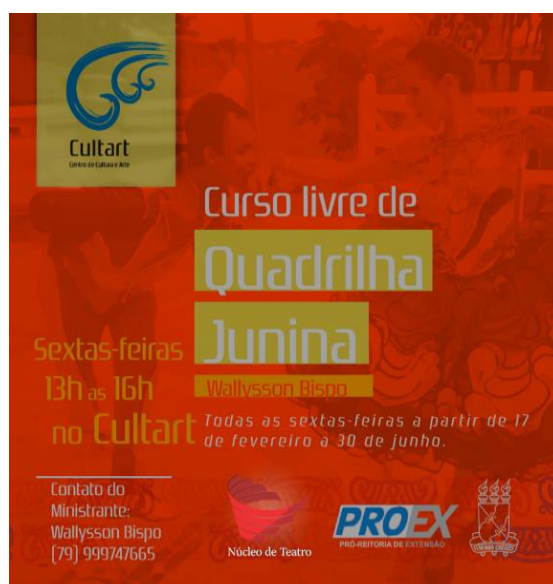


Figura 26 - Cartaz do curso de quadrilha junina  
Fonte: Vitor Araújo



*Comecei o trabalho de divulgação do curso nas redes sociais (virtuais) com a seguinte chamada:*

Curso Livre de Quadrilha Junina no CULTART. Estão abertas as inscrições para o Curso Livre de Quadrilha Junina, lançado pelo Núcleo de Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e pelo Centro de Cultura e Arte da UFS, o qual será realizado gratuitamente todas as sextas-feiras a partir de 17 de fevereiro a 30 de junho das 13h00 até as 16h00 da tarde. Para maiores de 15 anos. O curso tem como objetivo a pesquisa e a prática dos movimentos da quadrilha junina e expressão corporal. Ministrado por Wallysson Bispo, aluno de licenciatura em Teatro, ex-dançarino de quadrilha junina, pesquisador da cultura popular, artes visuais e movimentos corporais (expressão corporal). A carga horária total do curso será de 55 horas (3 horas/aula semanais). Curso gratuito! Vagas limitadas! Local: CULTART: Av. Ivo do Prado, 612 - São José, Aracaju - SE. Os interessados em participar devem fazer as inscrições pelo link: <https://goo.gl/N41jNJ> Mais informações podem ser obtidas pelo telefone/WhatsApp: (79)99974-7665 ou pelo e-mail: [wallysson-bispo@outlook.com](mailto:wallysson-bispo@outlook.com).

*Logo a notícia se espalhou nas redes sociais e houve uma grande procura a respeito do curso. Tivemos 83 inscrições recebidas com diferentes faixas etárias que variavam dos 13 aos 53 anos.*

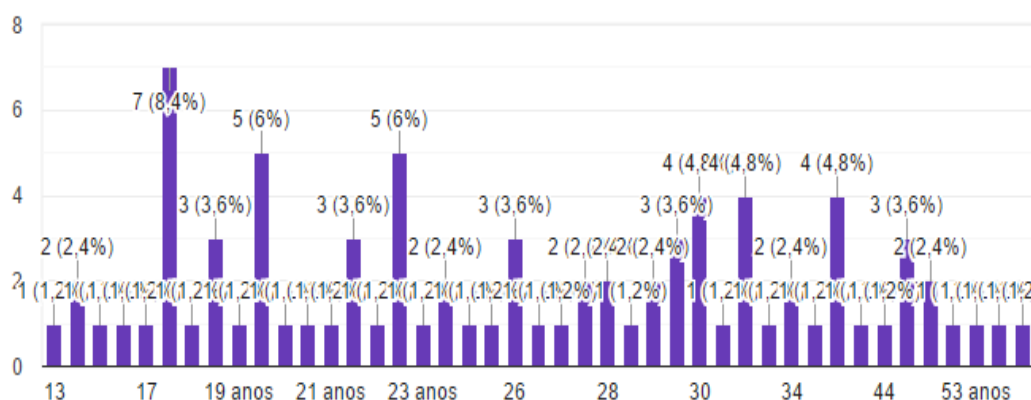


Figura 27 - Inscrições no curso por faixa etária  
Fonte: Retirado do Google Formulário

*Praticamente, todos os interessados em participar do curso dançavam ou já tinham dançado quadrilha em suas vidas e viram nele uma oportunidade de se capacitarem perante o mundo junino. Como mostra o gráfico, a maior procura foi de jovens que possuíam entre*

17 e 23 anos. Também houve uma grande procura pelo público mais experiente de 35 a 40 anos. O curso começou no dia 17 de fevereiro de 2017. Cheguei às pressas no CULTART, pois, no turno da manhã, tinha viajado para o interior do estado para apresentar o esquete “O gran circo bugiganga contra o Aedes Aegypti”. Ao chegar no CULTART, me deparei com um número bem significativo de participantes. Ao ver todas aquelas pessoas, abateu-me certa insegurança. Pensei no porquê daquele medo que queria dominar a minha mente. Parei, respirei um pouco e disse para mim mesmo: “esse é o seu momento; você vem se preparando há meses para ministrar esse curso, e tudo vai dar certo”.

Essa primeira aula foi o momento de conhecer todos os 30 participantes que se encontravam ali. Coloquei em prática tudo o que eu tinha preparado. Inicialmente, fiz a apresentação do curso de quadrilha junina. Em seguida, propus o jogo de apresentação chamado de batizado mineiro, usando os três níveis. Trabalhamos as articulações dos membros inferiores. Deitamos no chão, flexionamos os pés e os levamos junto com as mãos até o campo de visão. Feito isso, movimentamos pés e mãos, explorando o espaço. Na sequência, fizemos um exercício de sobe e desce em oito tempos, usando os três níveis, ao som de uma música junina. Além disso, fizemos alongamentos corporais, mexemos os dedos dos pés, joelhos, coxa femoral (rotação dessas partes), o alongamento da coluna (desce a cabeça, peitoral, quadril) e os primeiros passos coreografados de quadrilha. Após todas essas etapas, houve uma avaliação em formato de bate-papo para eu saber como tinha sido a recepção dos assuntos tratados nesse primeiro encontro.

Consegui atingir 98% da turma com resultados positivos nessa primeira aula. A grande maioria falou que foi uma experiência única e que não estavam acostumados a fazer preparação de corpo antes dos ensaios de suas quadrilhas juninas. Além disso, disseram que iam tentar inserir a minha prática dentro dos encontros com suas juninas. Apenas 2% da turma questionou sobre a minha didática e acerca da forma como foi ministrada a aula.

Na segunda aula, no dia 24 de fevereiro de 2017, começamos com o jogo da bolinha. Jogo esse que tinha o objetivo de trabalhar o foco, a atenção e concentração de todos por meio do olhar. Partimos para o exercício das articulações dos membros superiores. Além disso, fomos para o chão, flexionamos os pés e os levamos junto com as mãos até o campo de visão. Feito isso, movimentamos os pés e as mãos, explorando todo o espaço. Em seguida, partimos para a movimentação corpórea dos oito tempos, explorando o espaço nos planos alto, médio e baixo ao som de uma música junina. Depois disso, alongamos a coluna.

*Fizemos o relaxamento das escápulas. Esse exercício tem um formato de massagem nas asas (escápulas) para fazer com que o peso do indivíduo caia e as escápulas fiquem relaxadas.*

*Subsequentemente, ainda nessa segunda aula, partimos para a movimentação dos braços femininos fazendo o balançar das saias e a movimentação dos chapéus dos cavalheiros. Relembramos os passos da coreografia proposta na semana anterior e finalizamos a primeira coreografia ao som da música “Feira de mangaio”, interpretada por Clara Nunes. Denominei essa coreografia de “baião do meu experimento junino”. No final da aula, apenas um aluno continuou não concordando com a minha didática. Fazia 20 anos que ele dançava quadrilhas, tinha formação acadêmica e cursava doutorado em uma Universidade Federal. Expliquei-lhe que didática é uma coisa a ser continuamente aprimorada com o passar do tempo e que aquele momento que compartilhávamos era o início de uma caminhada artística e pedagógica no âmbito junino.*

*No decorrer da semana, relatei os fatos à minha orientadora de estágio e de pesquisa a respeito dos questionamentos que o aluno vinha fazendo sobre a minha didática. Ela me orientou a ser um facilitador humilde e a deixar claro que tudo aquilo era o meu objeto de pesquisa sendo colocado em prática. E, se alguém quisesse sugerir algo para acrescentar à minha pesquisa, que eu recebesse as propostas durante a aula e as colocasse em prática caso notasse que eram relevantes para o projeto. Eu poderia incluir novas ações dentro da pesquisa sem quaisquer problemas.*

*No terceiro encontro realizado no dia 03 de março, levei para a turma do curso uma proposta de jogo teatral denominado de hipnotismo colombiano, jogo esse que servia para trabalhar a movimentação corporal dos membros inferiores e superiores, ao som de um repertório junino, explorando o espaço nos três níveis. Dando continuidade, trabalhei com eles a questão dos apoios e oposições da técnica de Klauss Vianna. Fizemos algumas sessões abdominais para acordarmos os nossos abdômenes e seguimos para uma nova coreografia. Abri espaço para quem quisesse dar opiniões. Houve mesmo quem sugerisse alguns pontos bem relevantes no que tange à movimentação de saias e chapéus, e essas sugestões foram acatadas.*

*No quarto encontro realizado no dia 10 de março de 2017, propus o jogo do espelho para trabalharmos a imagem do ser brincante dentro da quadrilha. Porque os espectadores veriam o espetáculo através da apreciação dos movimentos coreográficos executados pelos brincantes dentro do arraial. Fiz com que pensassem sempre nesse corpo acordado no*

*estado presente do brincante na manifestação cultural. Partimos para uma nova coreografia e o aperfeiçoamento de outras coreografias já desenvolvidas nas últimas aulas.*

*No quinto encontro do curso eu abordei o tópico do eixo global, pois, segundo a técnica Klauss Vianna, qualquer desenho do corpo encontrado no espaço indica o seu eixo, seja ele em pé, sentado e/ou deitado. O nosso corpo está propício a ter vários eixos. Logo em seguida, coloquei uma nova música e começamos a trabalhar com alongamento e aquecimento, preparando o corpo para a nova série de passos.*

*Chegávamos, então, aos últimos encontros do curso. No sexto encontro, após os alongamentos e aquecimentos, trabalhei com os alunos a força e a resistência de seus corpos em cena. Além disso, colocamos em prática a movimentação da cabeça através da lateralidade do corpo. Já no sétimo, oitavo e nono encontros, fizemos alongamentos de todos os membros do corpo. Partimos para as articulações do corpo humano, abordando a questão da presença no espaço físico. Em seguida, fizemos algumas séries de abdominais até chegarmos à revisão de todas as coreografias desenvolvidas.*

*No oitavo e nono encontros, também, ensinei à turma do curso novos passos para as coreografias do experimento junino. No décimo, décimo primeiro e décimo segundo encontros, houve o ensaio geral de todas as coreografias para o experimento junino.*

### **3.1 DAS COREOGRAFIAS MARCANTES DO CURSO LIVRE EM QUADRILHA JUNINA.**

*O baião foi a primeira coreografia a ser passada perante a sistematização, utilizando da música “Feira de mangaio”, de Clara Nunes. Pensando num corpo lúdico e criativo e enfatizando os tópicos corporais, estabeleci um jogo de inter-relações entre presença, peso, resistência, oposição, eixo global, apoios e articulações para a consciência corporal durante os encontros. Nesse sentido, é importante pensar que todos os procedimentos da técnica em questão vão depender do participante e do seu corpo no espaço. Eu, como ministrante, fui apenas um facilitador dessa prática, trazendo estímulos para os participantes do curso. Diz Neves (2004):*

*Para a Técnica de Klauss Vianna, no próprio corpo estão os meios. A partir de estímulos dado ao sistema motor, neste trânsito de conexões internas ao corpo e corpo-ambiente, num dado momento, podemos provocar a emergência de imagens, sensações, emoções da história de um determinado corpo, que podem, por sua vez, alimentar novamente o processo todo. (NEVES, 2004, p. 20).*

*Portanto, chegamos ao ritmo do xote, estilo de dança mais lento e arrastado, momento esse que dava para os participantes descansarem enquanto aprendiam e executavam a coreografia, tendo em vista ser um estilo de arrastar os pés no salão, trabalhando especificamente as questões das direções ósseas: metatarso, calcâneo e a sétima vertebra cervical no compasso da melodia sonora da trilha escolhida. Em contrapartida, o xaxado, dança de expressões fortes, trabalhamos desde os tópicos corporais até os processos dos vetores, ocasionando uma conscientização corporal dos alunos e fazendo com que eles notassem possibilidades de movimentos e interpretações para a dança teatral em exercício.*

### **3.2 REFLEXÃO SOBRE O CURSO NAS VOZES DOS PARTICIPANTES.**

*Era visível o número de evasão durante o curso. Muitos participantes que moravam no interior afirmavam estar prestes a abandonar o curso por falta de recursos financeiros. Outros alunos, porém, tinham conquistado oportunidades de emprego no horário das aulas. Foram essas algumas das razões para a evasão de alunos no curso.*

*Os participantes Roseli de J. Souza Santana e Roberto Fernandes, antes de saírem do curso pelas questões desse tipo, fizeram algumas considerações a respeito da minha metodologia aplicada e sobre a iniciativa da criação do primeiro Curso Livre de Quadrilha Junina do Estado de Sergipe. Assim comentou a aluna Roseli:*

*Eu particularmente gostei muito, ele era muito comunicativo, explicava direitinho, tirava nossas dúvidas com relação à dança. Mostrava como funcionava na teoria e na prática, nos mostrava até partes do corpo que precisávamos movimentar e seus nomes, nomes dos ossos que compunham as partes que mais movimentávamos, nomes estes que eu nunca tinha ouvido falar. Os alongamentos, as coreografias passadas por ele, os passos, passo-a-passo, as músicas eram fantásticas. Concluo que precisamos de mais cursos iguais a este na área de dança. Existem muitos dançarinos sem noção de tempo, de espaço, que não sabem nem como bater o pé numa quadrilha junina. Muitos que não tem condições de se deslocar de sua cidade pra aprender algo sobre o que tanto gosta, poderia haver fora da capital também, ajudaria muito, precisamos não só de um coreógrafo, mas de alguém sábio, que nos mostre a maneira certa de fazer o que amamos fazer. Eu mesmo nunca imaginei que fosse preciso fazer um alongamento, um aquecimento antes de iniciar um ensaio, realmente é necessário. Aprendi bastante no curso com Walisson e ainda conquistei novas amizades. (Roseli, 2019).*

*O participante Roberto Fernandes também teceu um comentário a respeito de sua experiência no curso ministrado por mim:*

Uma metodologia que englobava a percepção corporal, como ferramenta de redescobrimto do indivíduo no aprimoramento das técnicas e dramaticidades dos movimentos de quadrilha junina. Passei a identificar possíveis potencialidades que abrangem a estrutura corpórea, em um leque de possibilidades que vai além da teatralidade e de princípios coreográficos. (Roberto, 2019).

*Por meio dessas duas falas, fica claro que esse campo das artes, ou melhor, da cultura, precisa ter um tratamento mais técnico, pois dançar quadrilha não é algo que deve ser feito de qualquer maneira, mas, sim, de maneira consciente, abrangendo toda uma estrutura formal, muitas vezes, adquirida de forma consciente ou inconsciente no exercício, já que a quadrilha, hoje em dia, pode ser considerada uma dança teatral provinda de relações entre as várias linguagens artísticas em prol de um determinado grupo.*

*O curso ministrado por mim compreendeu doze encontros, cada um com duração de três horas semanais. Nossa meta era apresentar a técnica Klauss Vianna aos participantes e preparar seus corpos para apresentarem algo concreto com base em tudo o que foi abordado. Posso dizer que foi muito gratificante ter ficado à frente de todo esse projeto. É nele que consigo visualizar um norteamento para as minhas práticas futuras.*

*O curso, que teve inicialmente 83 inscritos, deu-se início com 30 e chegou ao seu fim com duas alunas, as quais fizeram o possível e o impossível para não abandonar o curso. Elas viam no curso um futuro promissor para a cultura junina e para as questões científicas. Eram pesquisadoras formadas em educação física, e agarraram a causa e foram até o fim. As duas deixaram um breve depoimento sobre tudo o que viram durante o curso: questões pessoais e metodológicas. Eis os depoimentos de Nayara de Andrade Vilar e de Danielle Leão Brito:*

No curso citado ele seguiu a metodologia baseada em passos bem marcados e movimentos das articulações bem definidos. Também explorou exercícios de alongamento e fortalecimento como meio de melhorar a performance dos alunos.

Os exercícios propostos melhoraram a performance quanto à fluidez dos movimentos e resistência física. A metodologia aplicada a coreografia permitiu passos marcados e definidos, importantes na quadrilha, e possibilitou um autoconhecimento e ter a experiência de sentir o corpo como instrumento de arte e beleza. (Nayara, 2019).

Antes do curso eu já fazia parte de um grupo de quadrilha junina e esse foi o motivo de ter procurado e participado do curso com Walisson, de aprimorar os meus conhecimentos na dança.

Usou a técnica Klauss Vianna, antes de todo ensaio fazia-se um estudo anatômico (ossos, músculo e articulações) dos movimentos, unificando a particularidade de movimentos que é exigida na dança junina com a técnica em Teatro. Toda a preparação de: consciência corporal, flexibilidade/alongamento dos membros (totalidade do movimento) e aquecimento das articulações (movimento circulares e de força), noção de espaço e percepção, olhar periférico e altitudes (alta média e baixa), deslocamento...atividades realizadas conforme a técnica explicada em sala, e adequada ao curso ministrado.

Concluí que somos um corpo com infinitas variedades de movimento, e cada um move-se no espaço de forma diferente do outro, pois cada um tem suas particularidades e vivências. Apesar da vestimenta volumosa que a dança junina exige, com o estudo devido do movimento (em sua particularidade) a dança flui melhor. (Danielle, 2019).

### **3.3 RESULTADO FINAL DO CURSO LIVRE DE QUADRILHA JUNINA.**

*Finalizando os ensaios, a ideia era a de mostrarmos à comunidade interna e externa da UFS o produto dessa pesquisa corporal desenvolvida em doze encontros nos quais experimentamos sensações, sentimentos, arte e cultura dentro da Técnica de Klauss Vianna. Na época, conversando com a minha orientadora, Baltazar, fui informado de que ela inscreveria a minha pesquisa para ser apresentada na semana de acolhimento dos calouros do curso de Teatro. Dessa forma, avisei às minhas alunas que a nossa demonstração artística do “experimento junino” ocorreria na Semana Pedagógica do Departamento de Teatro a ser realizada no período de 03 a 07 de julho de 2017.*

*A Semana foi organizada pela professora doutora Lourdisnete Silva Benevides e tinha a finalidade de expor os trabalhos de pesquisa, extensão e docência para a comunidade interna e externa da UFS. Portanto, chegou o dia da apresentação do resultado prático produzido no curso livre de quadrilha junina. Antes da apresentação, fizemos um breve ensaio para frisarmos os passos e, logo depois, fomos nos arrumar. Quase no horário da demonstração do experimento, montamos uma equipe de apoio para auxiliar no som e na filmagem. O vídeo de gravação encontra-se disponível no seguinte link: <<https://www.youtube.com/watch?v=CIJVGcyqYns>>.*

## SESSÃO 4

### **ADENTRANDO NO ANO DE 2018 E INICIANDO O MEU QUARTO CICLO DE VIDA** ...

*Adentrando no ano de 2018 e iniciando o meu quarto ciclo de vida, deparei-me com todo o trabalho desenvolvido durante os últimos três ciclos e comecei a pensar como tudo aquilo poderia vir a ser inserido em minhas aulas de Teatro no IFS. Como já disse, eu sou professor bolsista do Projeto de Cultura e Arte (CULTART) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão (PROPEX).*

*Foi no IFS onde comecei a desenvolver uma montagem teatral com meus alunos da turma da noite. Esse trabalho surgiu diante da necessidade de existir um produto para ser apresentado no final do projeto. Inicialmente, o assunto a ser abordado compreendia a consciência negra, mas, tempos depois, observei que, no decorrer das aulas, os alunos não estavam se identificando com a temática proposta. Resolvi, pois, ter uma conversa com eles e perguntar o porquê do desinteresse. Eles falaram que não estavam se sentindo bem e gostariam de trabalhar com temáticas voltadas ao seu cotidiano. Contudo, lancei a proposta de temática: LGBTQ+. Acataram na mesma hora.*

*Portanto, com o assunto escolhido, solicitei aos alunos uma pesquisa aprofundada. Em minha casa, também comecei a fazer pesquisas sobre LGBTQ+ para fomentar as discussões em sala de aula e notei que, no Brasil, somente no ano de 2017, foram registrados 445 assassinatos de LGBTQ+. A ONG Transgender Europe, diagnosticou, nos anos de 2008 a 2016, o assassinato de 868 transexuais e travestis. E outro fato alarmante é que o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo e, em contrapartida, é o que mais consome conteúdos pornográficos transexuais.*

*Partindo de todos os dados acima, elaborei uma série de questionamentos e levei para a sala de aula. A cada relato que os alunos traziam, todos ficávamos em choque, e foi nesse momento que observei que estava no caminho certo. Aquele era o tema que daria bons frutos no futuro. A cada aula que passava, eu, como professor, começava a levar jogos teatrais atrelados à temática desenvolvida, sempre trabalhando com improvisação para aflorar o desenvolvimento crítico e artístico dos meus discentes. Fazia laboratórios de experimentação corporal tomando por base músicas acerca da temática. Uma das músicas utilizadas foi “Não recomendado”, do artista Caio Prado. A letra dessa canção faz alusão*



*ao ser humano censurado na sociedade só pelo simples fato de fazer parte da comunidade LGBTQ+, isto é, de assumir uma identidade marginalizada.*

*Ao longo de todo o processo lúdico do acordar do corpo para a cena, coloquei em prática exercícios de sensibilização dos vetores da Técnica de Klauss Vianna, fazendo uma ponte com o estudo desenvolvido por mim no projeto de iniciação científica e colocando os alunos para analisarem suas direções ósseas: metatarso, calcâneo, sacro, púbis, metacarpo, escápulas, cotovelos e sétima vertebra cervical. Além dos vetores, tivemos experimentações sobre os tópicos corporais, estabelecendo um jogo de inter-relações com presença, peso, resistência, eixo global, articulações, apoios e oposições.*

*A cada aula surgiam novos aprendizados, e chegou, então, a hora da produção da dramaturgia individual. Cada aluno escolheu uma vertente do tema LGBTQ+. Primeiramente, o aluno Edgar escolheu o monólogo do agressor. Por sua vez, João representaria um homem bissexual. E Thiago, por fim,alaria do assassinato de um jovem gay. Com a dramaturgia já criada e memorizada, começamos os ensaios dos monólogos individuais. Os textos traziam veracidade, autenticidade e profundidade na essência do tema no decorrer de suas interpretações. Partindo disso, eu, como professor e diretor, procurei unificar todos os monólogos, transformando as cenas individuais em um único espetáculo. Esse espetáculo foi denominado de “Fragmentos do vale”.*

*O espetáculo começava em forma de exposição de quadros vivos com um fundo musical da música “Bixa preta”, interpretada originalmente pela Mc Linn da Quebrada. Cada ator ficava parado em cena trazendo uma imagem marcante de sua personagem, e todos começavam juntos a cantar a música “Não recomendado”, de Caio Prado. Após a canção, o discente Edgar daria o pontapé da sua cena fazendo a Oração do Pai Nosso. Em seguida, João vinha trazendo a voz de seu personagem, um menino ofegante, cheio de dor e raiva, e acabava sua cena com um rap criado por ele mesmo, fazendo uma ponte com os nomes de vários opressores das homossexualidades do passado e da atualidade. Por fim, Thiago trazia a imagem de um jovem que foi assassinado pelos pais, iniciando sua interpretação e afrontando a sociedade hipócrita.*

*Foi criado um evento no Campus Aracaju do IFS, denominado de “Sessão Teatro” para mostrarmos esse trabalho de meses de preparação. O resultado foi satisfatório. Conseguimos fomentar um diálogo de conscientização e humanização sobre o tema, a exemplo do simples bullying que pode ocasionar sérios prejuízos na vida de um sujeito LGBTQ+ no mundo. Esse mesmo espetáculo foi reiterado no Campus Lagarto e no Pronatec*

*do IFS, no restaurante universitário e no centro de vivência da UFS. Fomos aplaudidos dignamente em todas as apresentações.*

*No final de 2018, foi publicado um novo edital para professor bolsista do CULTARTE do IFS. Fiz minha inscrição e, no dia da seleção, efetuei todas as etapas e voltei para casa na esperança de continuar na instituição. Quando o resultado saiu, fiquei sem acreditar, pois tinha passado por duas seleções anteriores, obtendo boas notas e ocupado ótimas colocações. Na primeira seleção, em 2016, obtive 185 pontos e 195 pontos no processo seletivo de 2017, resultados muito satisfatórios frente aos quesitos exigidos pela instituição. Nesse terceiro processo seletivo, fui avaliado com 160 pontos, ocupando a décima primeira posição no ranking geral e a segunda posição entre os concorrentes a vaga para professor de Teatro. Não compreendi o motivo dessa avaliação tão baixa, afinal, apresentava um currículo melhor que o apresentado nos anos anteriores. Além disso, como professor da casa, apresentei em minha entrevista os diversos trabalhos desenvolvidos por mim nesse projeto.*

*Nos dois anos de mediação com o teatro dentro do IFS, pude desenvolver e desfrutar de diversas formas do fazer teatral, do afeto e da sensibilidade humana presentes em minhas aulas. Como frutos do meu trabalho conjunto com meus alunos, obtive quatro projetos finais (intervenções artísticas). Eram estes: “Recortes de um pano de boca”, “Fragmentos do vale”, “A passagem” e “O expor-nós”, dos quais falarei de forma resumida a partir de agora.*

*A intervenção artística “Recortes de um pano de boca” foi uma montagem que se apropriou do metateatro, sim, uma metalinguagem do teatro, o teatro falando do próprio teatro. Abordou os bastidores do teatro através de seus ensaios. Por seu turno, “A passagem” foi um espetáculo composto por um elenco de quatorze pessoas em cena. Nele, criamos cenas em solos, duplas e trios, usando um coringa para interligar uma cena a outra. Já o “Expor-nós” foi um ato foi construído com quadros vivos que manifestavam temas voltados para o medo, a opressão e a repressão em suas mais variadas possibilidades de sentidos. E o espetáculo mais marcante que apresentamos até recentemente foi, sem sombra de dúvidas, “Fragmentos do vale”, do qual já falei um pouco antes.*

*Diante de tudo o que foi expus, não compreendendo o motivo que levou a banca a diminuir a nota do meu currículo (me avaliaram com 75 pontos, quando deveria fechar os 100 pontos frente aos critérios do barema) e a me avaliar com uma nota mais baixa na entrevista atual (85 pontos), entrei, pois, com um recurso administrativo. O resultado do*

*recurso apresentou uma mudança no quadro de colocações, onde eu saí da décima primeira colocação geral para o segundo lugar. E, na área específica de teatro, fui deslocado da segunda posição para ocupar a primeira colocação. Os trabalhos deste ano de 2019 iniciaram no final de fevereiro e terá duração de 10 meses. A turma é composta por alunos novos e outros já de longa data, incluindo a presença de grandes amigos meus.*

*Na metade do semestre de 2018.2, ou seja, quase às portas do ano de 2019, eu precisaria de imediato finalizar o meu trabalho de conclusão de curso, pois estava já no limite do tempo permitido pela instituição. Caso não colasse grau, seria desligado, haja vista que o número da minha matrícula tivesse aparecido na lista de pré-jubilados. Um dos motivos dessa situação se deu no decorrer do desenvolvimento da minha pesquisa intitulada “A espetacularidade dos elementos cênicos da quadrilha junina do município de São Domingos/SE”. Tive desavenças com a minha orientadora. A partir desse fato, solicitei a troca de orientador por meio de uma carta a qual enviei para o Departamento (vide anexo). No mesmo dia, consegui um novo orientador, o professor doutor Micael Côrtes.*

*Na primeira orientação do meu trabalho, quando mostrei para o meu atual orientador o que eu já estava produzido, ele falou: “vamos viajar em um trabalho autobiográfico de sua vida”. Eu abordaria os encontros e desencontros que a vida me proporcionou durante esses primeiros 23 anos de existência, dividindo tudo em três ciclos e fazendo uma ligação com o ensino-aprendizagem na formação pessoal, escolar e acadêmica do professor artista de Teatro.*

*Com o semestre já finalizando, conversei com o meu orientador a respeito da necessidade de solicitar mais dois períodos na UFS para não correr o risco de ser jubilado. Ele perguntou-me se era necessário e se eu gostaria de dispor mais desse tempo. Respondi-lhe que sim, sob o argumento de ficar garantido caso ocorresse qualquer coisa, e eu estaria protegido com essa ampliação de prazo. O professor não hesitou com minha decisão. Fui logo abrir o processo de prorrogação do prazo de conclusão. Quando chegou ao Departamento de Teatro, foi imediatamente deferido pelo colegiado.*

*O período de 2019.1 chegou, e cá estou eu narrando esses encontros e desencontros da minha vida para encerrar o terceiro ciclo dentro de um quarto ciclo que se inicia nessa longa estrada...*

**PRODUZIR UMA AUTOBIOGRAFIA NUM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NÃO É, NEM DE LONGE, UMA TAREFA FÁCIL... ALGUMAS PALAVRAS E NADA MAIS!**

*Nem todo mundo aprecia reviver memórias particulares, alegres ou tristes, afetuosas ou difíceis de mastigar. Relatar é rememorar, é vivenciar novamente velhas lembranças. Relatar a própria vida é rememorar fragmentos do passado que nem sempre se mostram claros, mas que, em meio à sua profusão e complexidade, podem nos revelar facetas distintas, reflexos importantes e compreensões necessárias acerca dos inúmeros encontros e desencontros por que passamos na estrada da vida.*

*Embora tenha sido difícil reviver certas memórias que o tempo jamais pode apagar, e, além disso, ter imputado a mim mesmo a busca incessante de fontes e reflexões para compor um mosaico que representasse a minha vida, este trabalho de escrita foi de suma importância para me fazer compreender, um pouco que seja, a essência do meu ser e do que venho representando artística e profissionalmente na sociedade contemporânea. Aqui diluo as minhas memórias e vou deixando registros de vários momentos e lembranças da minha vida dentro de quatro ciclos que duram, cada um, sete anos em média. Foram vivências que se iniciaram e finalizaram de maneiras inusitadas, pois ninguém tem o controle dos caminhos traçados pela vida.*

*Nas seções deste trabalho, abordei ciclos da minha trajetória pessoal, escolar, acadêmica e profissional, desde o ano de 1996 até o ano de 2019, por meio de memórias e acervos colhidos durante a elaboração desta escrita. relatei a minha trajetória como estudante, quadrilheiro, dançarino, ator e diretor ao longo de todos esses anos. Hoje, percebo que fundamentos da minha vida pessoal adentraram na vida profissional de forma muito natural e profunda. Sinto que fui-me encontrando aos poucos em meu destino. Nesse caminho, a quadrilha junina assumiu, para mim, uma importância enorme e uma chave de entrada maior para o ensino, a aprendizagem e o fazer teatral. Partindo dessa ideia, foi possível e gratificante criar e desenvolver procedimentos didáticos que relacionassem o teatro e a dança, minhas duas grandes paixões.*

*Na tessitura desta monografia, percebo que interligar variáveis artísticas como a expressão e a natureza do meu corpo faz-me pensar que adquiri muitos benefícios de toda sorte e aprendi grandemente sobre valores como humildade, atenção, paciência, persistência, bondade e gratidão. Tais questões, durante a minha trajetória, tiveram um peso enorme e, quando reflito sobre o impacto pessoal que esse estudo pode proporcionar,*

*creio que uma de suas vias se dá por meio da relação entre sociedade, cultura, academia e questões artísticas e identitárias. Pois esse estudo não significa apenas a narração da vida de seu autor, mas, também, a criação e ao mesmo tempo um olhar para um futuro de possibilidades de ensino teórico e prático no contexto da expressão corporal e das artes.*

*Quando adentro no universo acadêmico e me apaixono pelo corpo e suas possibilidades de criação e interfaces, deparo-me, inevitavelmente, diante dos encontros e desencontros que a vida me levou para poder chegar a este produto final. Consigo notar, então, um futuro promissor, apesar dos males que se me apresentam. É com base em todos os ensinamentos, aprendizados, vivências, teorias e práticas, aqui relatados e refletidos, representados em relacionamentos, no ensino formal, em oficinas e cursos, é que posso vislumbrar bifurcações no caminho que devo seguir.*

*A abordagem autobiográfica realizada nesta monografia pode nortear reflexões várias acerca da vida e, ao mesmo tempo, lança-me diante da importância social e humana que assumo enquanto pesquisador e a imagem de um professor-artista de Teatro, além de entender melhor o significado que inúmeras pessoas tiveram e têm em toda minha formação pessoal e profissional. Dessa forma, não me permito negar: muito aprendi, muito cresci! Assim, espero que este estudo venha servir de provocação e inspiração em todos os âmbitos da conscientização humana, artística e profissional. Que as pessoas possam se interessar cada vez mais pela expressão corporal e comecem a ver o corpo com um outro olhar, atrelado a uma vida que não se deixa desgastar pelas memórias ou obstáculos antepostos à conquista de sonhos. E que, apesar dos encontros e desencontros da vida, nunca deixemos de viver e, sobretudo, de sonhar!!!*

## REFERÊNCIAS

- BALTAZAR, M. **A pesquisa dos vetores ósseos da técnica Klauss Vianna para formação continuada de atores.** In: ANAIS SIMPÓSIO REFLEXÕES CÊNICAS CONTEMPORÂNEAS, 2016, São Paulo.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte.** São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 2008.
- GIFFONI, M. A. C. **Danças folclóricas brasileiras.** 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- MILLER, J. **A escuta do corpo** – sistematização da técnica Klauss Vianna. São Paulo: Summus, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Qual é o corpo que dança?** – dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus, 2012.
- NEVES, N. et al. **O movimento como processo evolutivo gerador de comunicação** – técnica Klauss Vianna. Dissertação (Mestrado em Dança) - São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2004.
- VIANNA, K. **A dança.** São Paulo: Siciliano, 1990.
- WOODRUFF, D. Treinamento na dança: visões mecanicistas e holísticas. In: Caderno do GIPE-CIT: **Estudos do Corpo**, n.2, 1999. Salvador: UFBA-PPGAC; Escola de Teatro; Escola de Dança, 1999. p. 31-39.

# **ANEXOS**

## ANEXO A

**Texto de Maria Isabel Andrade de Almeida Santos, enviado pelo e-mail.**

ESCOLA MUNICIPAL PREFEITO JOSÉ FONSECA LIMA.

PROFESSORA IDEALIZADORA: Maria Isabel Andrade de Almeida Santos.

Projeto Sarau Literário.

Entendemos que o estímulo à leitura é a mola mestra não só para que o aluno possa adentrar ao mundo fascinante da literatura e, conseqüentemente da leitura, mas também, para que o corpo discente possa angariar condições necessárias para atuar no meio em que vive de forma crítica. Objetivamos, por meio desse projeto, despertar no educando não só o gosto pela leitura dos vários gêneros textuais, como também incluí-lo no grupo de leitores assíduos, visto que os alunos, sobretudo, da rede Municipal de Ensino não têm uma base educacional centrada na leitura, já que muitos são filhos de pais analfabetos e, em sua grande maioria, trabalhadores rurais. Em consequência disso, sentimos necessidade de fazer algum movimento na escola que os estimulasse a “viajar” pelo mundo fascinante da literatura: Sarau e/ ou Movimento Literário, baseando-se em obras necessárias ao processo de ensino aprendizagem. A leitura é desenvolvida durante o ano letivo. Contudo, escolhemos uma data para que se realize no final de cada ano letivo, o Movimento Literário, que, diga-se de passagem, encanta a todos que o presenciam.

Por meio dessa metodologia percebemos que os alunos se envolvem tanto com as histórias lidas que se transformam em coautores, já que se baseiam nos textos lidos para criar seus próprios textos de gêneros diversos, elaboram suas próprias conclusões e, além disso, produzem dramatizações, poemas, análise crítica acerca do que foi lido. Desta forma, podemos dizer que através dessa prática nossos alunos estão sendo preparados para a vida não só acadêmica como também para viver de forma equilibrada em sociedade.

Essa dinâmica em sala de aula, faz com que nossos alunos sejam sujeitos do processo de ensino aprendizagem. A educação libertadora da qual fala Paulo Freire passa a fazer parte de suas vidas. Como exemplo dessa prática, temos o aluno Walisson. Ao trabalharmos em grupo para a leitura das obras literárias, lembro-me que ele sempre ficava responsável pela parte de dramaturgia. A partir da análise do texto, escrevia o roteiro do que seria apresentado, organizava as falas de acordo com a característica de cada colega do grupo, ajudava a montar cenário, etc. Sua



desenvoltura era sempre elogiável. Além disso, dirigia e organizava os ensaios a fim de que na culminância do Projeto Literário tudo estivesse perfeito.

Confesso que hoje ao vê-lo terminando o Curso Superior em Teatro, sinto-me feliz, posto que vejo que as aulas de Língua Portuguesa contribuíram, sobremaneira, para que Walisson esteja realizando seu sonho e, com certeza, auxiliará seus alunos a encontrarem o caminho do fascínio, da realização e do sucesso. Avante!!

## **ANEXO B**

### **E-mail enviado a professora Urânia sobre a minha saída do PIBID.**

Olá, Professora Urânia! Aqui é Walisson Bispo. Recentemente, entreguei a minha bolsa do PIBID de que fazia parte sob a coordenação da professora Letícia do NTE. Vários motivos levaram-me a essa decisão, mas destaco aqui dois dos principais: primeiro, neste segundo ano do projeto, optei por não participar das atividades artísticas, mas apenas participar das atividades da docência; em segundo lugar, conforme o andamento e o término do primeiro ano do projeto, achei por bem solicitar à minha orientadora o certificado geral das atividades realizadas. Esses motivos, numa reunião do projeto, fizeram-me entrar em desacordo com a minha orientadora, professora Letícia, pois ela pareceu não entender os meus motivos ou não quis atender aos meus direitos enquanto bolsista do Programa.

Eu soube que, em breve, o seu projeto do PIBID terá uma vaga à disposição, visto que uma aluna precisará entregar sua bolsa. No momento, encontro-me sem a bolsa do projeto e, no entanto, não posso me manter academicamente bem, tampouco obter bom desempenho nos estudos sem estar amparado em nenhum auxílio financeiro da Universidade. Preciso muito de uma bolsa. Por isso, venho por meio deste solicitar o preenchimento da vaga do seu projeto, a fim de prosseguir bem academicamente, no intuito de tornar-me um bom profissional futuramente, atuando e desenvolvendo práticas eficazes ao meu aperfeiçoamento na área.

Desde já, agradeço antecipadamente a sua compreensão e estou aguardando o seu retorno, expressando-lhe meu maior apreço.

Cordialmente,

Walisson Bispo do Espírito Santo.

## ANEXO C

### RECURSO ADMINISTRATIVO

#### SOBRE O EDITAL 16/2018/PROPEX/IFS – CULTURARTE 2.

Venho exercendo a função de professor de teatro no projeto CULTURARTE há dois anos. Estou muito satisfeito com a recepção e acolhimento das minhas ideias durante esse período. Acredito que uma bela história artística foi construída a partir desta oportunidade ofertada pelo Instituto Federal de Sergipe (Doravante IFS).

Para que essa parceria pudesse ocorrer, me submeti a dois processos seletivos referentes aos editais N°05/2016/PROPEX/IFS e N°20/2017/PROPEX/IFS, nos quais obtive satisfatórias avaliações. Segue abaixo, respectivamente, os resultados destes dois processos seletivos.



INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
SERGIPE



INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO

#### RESULTADO FINAL DO EDITAL N° 05/2016/PROPEX/IFS BOLSISTA DE CULTURARTE 1 – Reabertura 2

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS, através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão - PROPEX, torna público o resultado final da seleção de bolsistas que atuarão nos **Cursos Livres de Violão e Teatro**, integrantes do Programa de CULTURARTE do IFS, supervisionado pelo Departamento de Relações Institucionais, conforme edital e tabela abaixo:

Campus para atuação	Área	Vagas para cadastro reserva	Nome do Candidato	Pontuação final	Situação
Aracaju	Violão	01 (uma)	Walisson Bispo do Espírito Santo	185	classificado
	Teatro	01 (uma)	Não houve inscrição.	-	-

Aracaju, 04 de novembro de 2016.

**Otacílio Joaquim Rodrigues Cerqueira**  
Chefe do Departamento de Relações Institucionais (DRI)

**Ruth Sales Gama de Andrade**  
Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão

Figura 28 - Resultado processo seletivo CULTURARTE/PROPEX/IFS I  
Fonte: Disponível no site do IFS

**RESULTADO FINAL DA REABERTURA DO EDITAL Nº. 20/2017/PROPEX/IFS –  
BOLSISTA CULTURARTE PROPEX (Etapa 3)**

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS torna público, através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão – PROPEX, o resultado final da reabertura da seleção de graduandos nas áreas de música/teatro ou graduandos do IFS com conhecimentos na área cultural, que poderão atuar como bolsistas no Programa Institucional “CULTURARTE PROPEX, supervisionado pelo Departamento de Relações Institucionais, considerando resultado publicado no dia 05/02/2018, conforme abaixo:

1- Quadro de classificação:

Área	Vagas disponibilizadas na Reabertura	Nomes dos Candidatos	Nota final	Situação
<b>Música/Teatro</b>	<b>Música</b>	1- Thiago Salvino da Silva	195	1º. Classificado
	<b>Teatro</b>	1- Walisson Bispo do Espírito Santos	195	2º. Classificado
	<b>Música</b>	2- Jose Reginaldo Pereira Junior	190	3º. Classificado
	<b>Música</b>	3- Rafael Silva Marques	140	4º. Classificado
	<b>Música</b>	4- Adson Alves Feitosa	135	1º. Excedente Música
	<b>Música</b>	5- Lucas Emanuel de Jesus Pereira	120	2º. Excedente Música
	<b>Teatro</b>	6- Ítalo Feitosa Santos	105	1º. Excedente Teatro
	<b>Música</b>	7- Analsa Grayce Vieira Santos Lima	100	3º. Excedente Música

Aracaju, 07 de março de 2018.

Figura 29 - Resultado processo seletivo CULTURARTE/PROPEX/IFS II  
Fonte: Disponível no site do IFS

Como foi evidenciado nas imagens acima, obtive 185 pontos no processo seletivo de 2016<sup>9</sup> e 195 pontos no processo seletivo de 2017, resultados muito satisfatórios frente aos quesitos exigidos pela instituição. Contudo, para que pudesse continuar a desenvolver meu trabalho no IFS necessitei me submeter a um terceiro processo seletivo, o edital Nº16/2018/PROPEX/IFS. Realizei minha inscrição e passei por nova entrevista e avaliação de currículo. Para minha desagradável surpresa, fui avaliado com uma nota razoavelmente inferior as avaliações anteriores. Segue abaixo o referido resultado:

<sup>9</sup> Sinalizo existe um equívoco neste primeiro resultado publicado pelo IFS. Fui aprovado como professor de teatro, não como professor de violão.

**RESULTADO PARCIAL EDITAL 16/2018/PROPEX/IFS – CULTURARTE 2 (18 vagas)**

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS torna público, através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão – PROPEX, divulga o resultado parcial do Edital de Seleção nº 16/2018/PROPEX/IFS:

ORDEM	NOME DO CANDIDATO	ÁREA	NOTA ENTREVISTA	NOTA CURRÍCULO	NOTA FINAL	*CRITÉRIO DE DESEMPATE	SITUAÇÃO
1º	Marcos Felipe Harder	Música (Violino)	100	90	190	-	Classificado
2º	Saory Raquel do Nascimento	Música (Violino)	100	80	180	(a)	Classificado
3º	Chrstiane Santos Alves Costa	Música (Canto)	90	90	180	-	Classificado
4º	José Reginaldo P. Junior	Música (Contrabaixo)	90	80	170	(b)	Classificado
5º	Thiago Salvino da Silva	Música (Cello)	90	80	170	-	Classificado
6º	Augusto César dos Santos	Teatro	80	85	165	-	Classificado
7º	Fabiola de Oliveira	Música (Viola)	80	80	160	(b)	Classificado
8º	Clodoaldo Nunes Silva	Música (Cello)	80	80	160	(b)	Classificado
9º	Francisco Silva Araújo Junior	Música (Violino)	80	80	160	(b)	Classificado
10º	Denise Sales Teles	Música (Canto)	80	80	160	(b)	Classificado
11º	Walisson Bispo do Espírito Santo	Teatro	75	85	160	(a)	Classificado
12º	Rafael Silva Marques	Música (Viola)	70	80	150	-	Classificado
13º	Valfrido dos Santos Santana	Música (Violino)	70	70	140	-	Classificado
14º	Anna Carolinne Magalhães	Teatro	70	50	120	(a)	Classificado
15º	Thales Francelino Gois Reis	Teatro	65	55	120	-	Classificado
16º	Leandro Santos	Música (Piano)	85	50	115	-	Classificado
17º	Joseph David Araújo	Música (Violão)	75	25	100	-	Classificado
18º	Lucas Alves dos Santos	Música (Violino)	60	27	87	-	Classificado
19º	Virgílio Lima dos Santos	Teatro	60	25	85	-	Excedente Teatro

Figura 30 - Resultado parcial processo seletivo PROPEX/IFS II

Fonte: Disponível no site do IFS

Como apresentado acima, nesse terceiro processo seletivo fui avaliado com 160 pontos, ocupando a décima primeira posição no ranking geral e a segunda posição entre os concorrentes a vaga para professor de teatro. Não compreendo o motivo para essa avaliação tão baixa, afinal, apresento um currículo melhor que o apresentado nos anos anteriores. Além disso, como professor da casa, apresentei em minha entrevista os diversos trabalhos desenvolvidos por mim neste projeto. Nos próximos parágrafos apresento um pouco desses meus resultados na instituição.

Dentro destes dois anos de mediação com a arte, pude desenvolver e disfrutar de diversas formas do fazer teatral e do afeto e sensibilidade humanos que estavam envolvidos nas minhas aulas. Além disso, como frutos de meu trabalho conjunto com meus alunos, obtive quatro projetos finais (Intervenções artísticas). Esses projetos foram intitulados de “Recortes de um pano de boca”, “Fragmentos do vale”, “A passagem” e “O expor-nós”, dos quais falaremos de forma resumida a partir de agora.

**Recortes de um pano de boca** foi uma montagem que se apropriou do metateatro. Esse trabalho abordou os bastidores do teatro através de seus ensaios.



Figura 31 - Recortes de um pano de boca 2018  
Fonte: Acervo pessoal

**Fragmentos do vale** foi a segunda montagem desenvolvida em minhas aulas. Voltada para a temática LGBTQ+, o espetáculo criado trouxe à baila os diversos lados da opressão e repressão enfrentados por essa comunidade perante a sociedade.







Figura 32 - Fragmentos do vale 2018  
Fonte: Acervo pessoal

As fotos acima são das apresentações feitas no Campus de Aracaju, Estância e no Restaurante Universitário da Universidade Federal de Sergipe (08/11/2018), abrilhantando as programações da Semana Acadêmica Cultural da UFS. Além dessas apresentações, apresentamos “Fragmentos do vale” no Campus de Lagarto e no Pronatec do IFS.

**A passagem** foi o nosso terceiro espetáculo. Com um elenco de quatorze pessoas em cena, criamos cenas em solos, duplas e trios, usando de um coringa para interligar uma cena a outra.



Figura 33 - A passagem 2018  
Fonte: Acervo pessoal

Nossa última montagem foi um ato performático denominado **Expor-nós**. Esse ato foi construído com quadros vivos que manifestavam temas voltados para o medo, opressão e repressão em suas mais variadas possibilidades de sentidos.

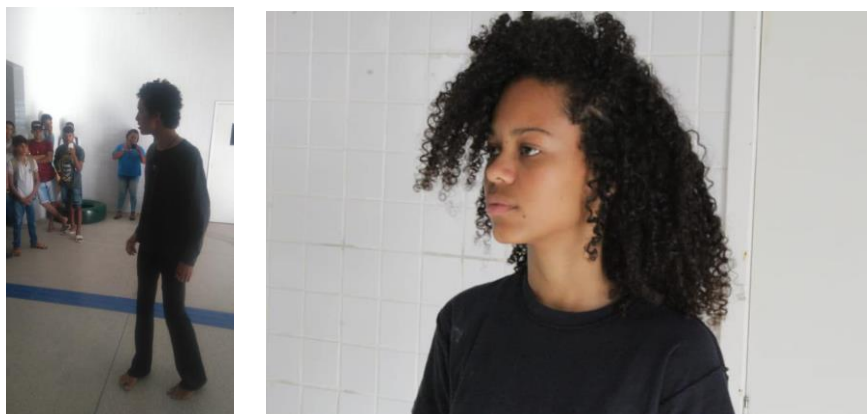
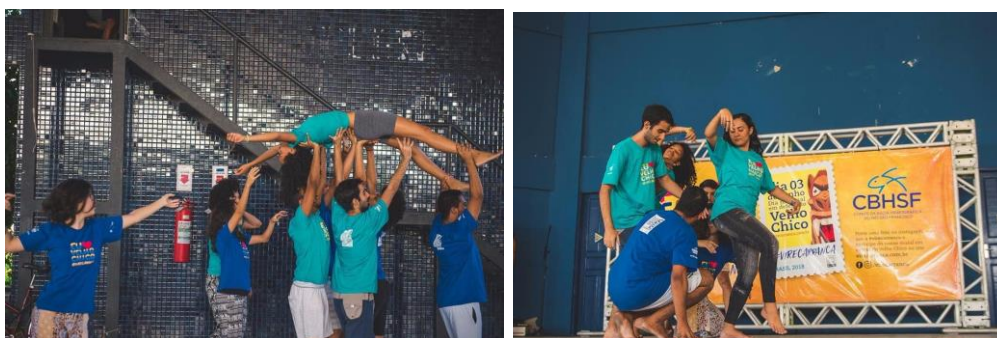


Figura 34 - A passagem - Campus Estância 2018  
Fonte: Acervo pessoal

Além dessas produções artísticas, quero destacar também o contínuo trabalho, mesmo com algumas dificuldades. Nos meses de férias do IFS, transferi as minhas aulas para a Universidade Federal de Sergipe para que os alunos pudessem ter um espaço mais viável e seguro, pois estava ciente dos roubos que poderiam ocorrer em função do pouco movimento nas redondezas do Instituto. Durante a reforma da sala de extensão da PROPEX, no Campus de Aracaju, também ministrei as aulas no Centro de vivência da Universidade Federal de Sergipe para que não interrompêssemos nossos trabalhos e para que meus alunos pudessem dialogar com espaços diferenciados. Inclusive, em uma desses encontros na UFS, realizei uma parceria com o Projeto Vira Carranca que estava apresentando uma exposição de três dias na universidade. A junção do teatro da PROPEX com o Vira Carranca produziu belíssimas experiências.





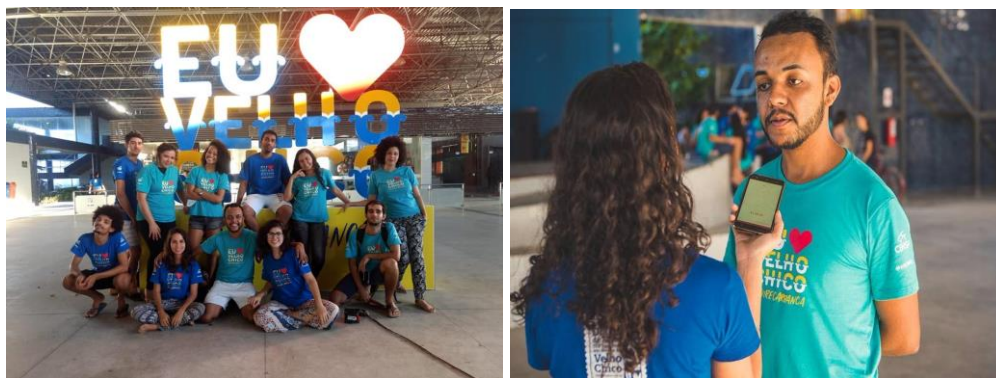


Figura 35 - Oficina de teatro Vira Carranca 2018  
Fonte: Acervo pessoal

Quero dar destaque ainda, entre diversos frutos que obtive, ao meu aluno Edgar Bernardo. Esse aluno entrou na primeira turma do curso de iniciação teatral ministrado por mim no ano de 2016. Ele não compreendia nada a respeito do universo teatral. Contudo, graças ao Projeto CULTURARTE e às minhas orientações, hoje, ele é um ator profissional. Edgar formou-se recentemente pela Escola Valdice Teles. Esse fruto foi germinado pelo solo fértil e a boa semente plantada nas minhas aulas dentro do IFS.

Diante de tudo que foi exposto, como afirmei anteriormente, não compreendo o motivo que levou a banca a diminuir a nota do meu currículo (me avaliaram com 85 pontos, quando deveria fechar os 100 pontos frente aos critérios do barema) e a me avaliar com uma nota mais baixa na entrevista atual (75 pontos).

Tudo que está exposto nesse recurso foi apresentado a banca. Não entendo a razão de eu obter notas mais satisfatórias em processos anteriores, quando eu era um total estranho para esta instituição. Inclusive, foi alegado pela banca que eu não precisaria falar sobre as teorias que seriam utilizadas por mim, uma vez que já conheciam meus métodos de trabalho por atuar há dois anos no IFS.

Em função dessas obscuridades, solicito que meu currículo e minha entrevista sejam reavaliados pela banca para que eu possa receber um resultado mais justo e satisfatório nesse processo seletivo e possa dar continuidade contribuído com este importante e promissor projeto.

Cordialmente, Walisson Bispo.

## **ANEXO D**

### **AO COLEGIADO, TROCA DE ORIENTADOR.**

Venho, por meio deste ofício, solicitar a substituição de orientador para o meu Trabalho de Conclusão de Curso II. Por motivos pessoais e acadêmicos, necessitei alterar o tema do meu TCC, o qual envolveria cultura popular e visualidades. Contudo, a minha atual orientadora, Olívia Camboim, não dialoga com a nova temática que será abordada por mim, uma ampliação do Projeto de Iniciação Científica (2016/2017) “Técnica de Klauss Vianna para docência em teatro: quadrilha junina”, orientado pela Profa. Dra. Márcia Baltazar.

Antes de comunicar a professora Olívia sobre a mudança do tema, conversei com a professora Márcia para saber se ela poderia orientar meu trabalho, uma vez que, a mesma já o havia feito durante o PIBIC e seria a pessoa mais indicada para fazê-lo novamente. Caso a professora aceitasse, comunicaria a minha orientadora a necessidade da minha mudança de orientação, em função de minha nova temática. Contudo, a professora Márcia alegou que, infelizmente, por motivos éticos e políticos não poderia me orientar. Entre esses motivos está o limite de orientandos permitidos a cada professor segundo diretrizes do departamento. Compreendi perfeitamente o posicionamento da professora Baltazar, pois reconheço sua postura ética, justa e política em nossas vivências pessoais e acadêmicas. Entretanto, mesmo que ela não pudesse me orientar, necessitava desenvolver meu TCC com essa nova temática porque a domino. Diante desta necessidade, pedi autorização para que continuasse a desenvolver a pesquisa com a professora Olívia, minha atual orientadora. O posicionamento da professora Márcia foi indicar que deveria conversar com minha orientadora para que, entre nós dois, decidíssemos o que seria melhor.

Frente a esse direcionamento, na última sexta-feira, dia 30 de novembro de 2018, conversei com a minha orientadora a respeito da mudança de temática e sobre a possibilidade de continuar sendo orientado por ela. Tomando ciência de meu posicionamento, a mesma disse que, em hipótese alguma, iria orientar um tema que não estivesse dentro de sua linha de pesquisa. Em decorrência disso, a informei que entregaria o caso ao colegiado pedindo a substituição de orientador. A professora Olívia me deu um prazo até hoje, dia 03/12/2018, para entregar um projeto sobre visualidades, e que mediante a isso me orientaria. Todavia, diante das minhas necessidades, como afirmei anteriormente, não conseguirei desenvolver um TCC em uma área que nunca desenvolvi nada, pois possuo um prazo muito curto, início de fevereiro. Tendo certeza dessa condição, já enviei um e-mail para a professora Olívia solicitando que entregasse minha orientação ao colegiado.

Procurei informações sobre a data da próxima reunião do colegiado e me informaram que será realizada após o recesso. Entretanto, em função da minha necessidade, solicito ao chefe do departamento que seja convocada uma reunião extraordinária, ainda em dezembro, para que se possa resolver esta situação, pois sou formando e preciso concluir ainda este período. Compreendo que minha situação não é tão fácil de se resolver, reconheço isso. Sei que protelei a busca de solução conclusão do meu TCC. Porém, peço que enxerguem minha situação com um olhar humano e solidário. Agradeço a compreensão do Colegiado e aguardando uma solução justa, satisfatória e salutar para a petição apresentada.

Cordialmente, Walisson Bispo.